

**GÊNERO E EDUCAÇÃO FÍSICA: O QUE DIZ A PRODUÇÃO TEÓRICA
BRASILEIRA DOS ANOS 80 E 90?**

Agripino Alves Luz Junior

Prof. Dr. Elenor Kunz (orientador)

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação de Mestrado
defendida por Agripino Alves Luz Junior
e aprovada pela Banca Examinadora.

Fevereiro, 2001.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

A dissertação: Gênero e Educação Física: O que diz a produção teórica brasileira dos anos 80 e 90?

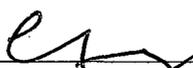
elaborada por: **Agripino Alves Luz Junior**

e aprovada por todos os membros da Banca Examinadora, foi aceita pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito final à obtenção do título de

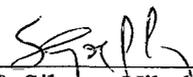
MESTRE EM EDUCAÇÃO FÍSICA
Área de concentração
Teoria e Prática Pedagógica

Em 28 de fevereiro de 2001

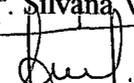
Banca Examinadora:



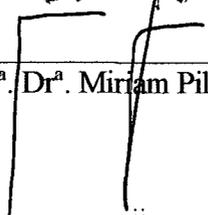
Prof. Dr. Elenor Kunz (Orientador)



Prof.^a Dr.^a Silvana Vilodre Goellner



Prof.^a Dr.^a Ana Márcia Silva



Prof.^a Dr.^a Miriam Pillar Grossi

*“Para cada mulher que está cansada de atuar de maneira tímida,
mesmo sabendo de sua força,
existe um homem que está cansado de parecer forte quando está vulnerável.
Para cada mulher que está cansada de atuar como ignorante,
há um homem deprimido pela exigência de saber tudo.
Para cada mulher que está cansada de ser qualificada como ser altamente emotivo,
há um homem a quem se nega o direito de chorar e ser delicado.
Para cada mulher rotulada de pouco feminina, quando compete,
existe um homem para quem a competência é a única forma
de demonstrar que é masculino.
Para cada mulher que está cansada de ser objeto sexual,
existe um homem preocupado com sua potência sexual.
Para cada mulher que se sente atada a seus filhos,
há um homem a quem se nega o prazer da paternidade.
Para cada mulher que não tem acesso a um trabalho satisfatório,
e um salário justo,
existe um homem que deve assumir toda a responsabilidade
econômica de outro ser humano.
Para cada mulher que desconhece os mecanismos de um automóvel,
há um homem que descobre que o caminho para a liberdade
tem sido para ele um pouco mais fácil”.*

(Mabel Burin)

*Dedico estes escritos, como
forma da mais profunda gratidão e
de reconhecimento, à minha Mãe, **Amélia Luz**,
e ao meu Pai, **Agripino Luz**,
pela paciência que têm tido
com minhas
“ausências”, e, apesar
de distantes, estão sempre
próximos.*

AGRADECIMENTOS

Este trabalho resulta de um grande e fascinante desafio, a aventura da descoberta. Também, é produto de uma longa caminhada, marcada por sofrimento, prazer e sonho, que só se tornou possível graças ao – aqui e agora – de muitas pessoas, inevitavelmente humanas;

Aos colegas do Colégio de Aplicação da UFMA, que sobrecarregando-se de tarefas, assumiram minhas atividades docentes, durante esses dois anos;

Às entidades: APRUMA-S.S., minha escola de formação, e à APG-UFSC, em especial à Diretoria do biênio 99/2000;

A todos os companheiros de grupos de trabalho dos quais participo: Projeto Tripé – SF 14, e GEPEFF, pelo constante incentivo e apoio dedicados;

Ao Elenor Kunz, orientador deste estudo, pela possibilidade de acesso às “coisas mesmas”, e pelas lições aprendidas;

À amiga Silvana Martins Araujo, por quem tenho grande admiração e carinho, e por ter me acompanhado durante toda minha trajetória profissional-acadêmica;

A Silvana Vilodre Goellner, Ana Márcia Silva e Miriam Pillar Grossi, que me propuseram questões fundamentais a este estudo, quando da qualificação do projeto de dissertação. Da mesma forma dirijo-me a Celi Taffarel e Fátima Félix, pois mesmo não participando da Banca Examinadora, leram o projeto que deu origem a este trabalho e contribuíram imensamente;

Aos autores/autoras dos trabalhos (dissertações e teses), deste estudo, pela possibilidade de acesso ao conhecimento sobre gênero e por ter habitado, durante esses dois anos, os seus mundos me dedicando a ler, reler, compreender, e interpretar os seus escritos;

Às pessoas tão queridas como são Astrid Baecker, Hermmann Müller, Douglas Ruhland, Vidalcir Ortigara, Maria do Carmo, Iara Damiani, Maria Dênis, Alexandre Vaz,

Ingrid Dittrich, Ulisses Melo, Paulo Capela, Maurício Silva, Fábio Pinto, Ingrid Baecker e aos colegas e professores/as do mestrado, que desde o primeiro momento da minha estada em Floripa, souberam me cativar;

Aos colegas de turma: Fernanda Luiz, Júlio Couto, Ana Zimmermann, Rodrigo Reis, Alexandre Marques, Edson Azevedo, Edna Pires e Adriana Guimarães, pelos encontros e desencontros;

A César Castro e Silvana Moura, pela força e encorajamento;

A Amparo e Beto, pela colaboração prestada durante o período de aquisição das dissertações e teses deste estudo e por mais alguma coisa;

A Lúcia Costa, pelas contribuições significativas na construção desse texto, cuja “força” foi essencial;

Ao amigo Jairo, atencioso secretário do mestrado, pelas lembranças dos prazos de entrega dos trabalhos acadêmicos, e por ter me apelidado de “Sobrinho de Lampião”;

Ao Prof. João Sepetiba, pela cuidadosa e competente revisão desse texto;

À Prof^a Helena Almança pela colaboração na tradução do resumo para o inglês;

Para você, a quem fingia escrever, e que sempre esteve disposto a ouvir minha fala: Cristiano – meu companheiro;

Finalmente, com as palavras de Chico Buarque, agradeço a todos (as) àqueles (as) que, direta ou indiretamente, com dignidade, contribuíram para a realização de mais uma conquista em minha vida, pois sei que nunca vão..., aliás,

*“Ninguém, ninguém vai
me acorrentar enquanto puder
cantar... Pois quem tiver nada
pra perder vai formar comigo
um imenso cordão”.*

Gênero e Educação Física: O que diz a produção teórica brasileira dos anos 80 e 90?

Mestrando: Agripino Alves Luz Junior

Orientador: Prof. Dr. Elenor Kunz

RESUMO

Ao olhar, atentamente, a produção acadêmica brasileira, relacionada com o campo de estudos de gênero e dos estudos feministas, constatei uma grande performance teórica e variadas tentativas de diálogo entre os diversos campos do saber, inclusive com o campo específico da Educação Física/Esporte(EF/Esporte). Isto tem se dado, sobretudo, nos últimos anos, considerando o caráter plural das concepções de feminino e de masculino vigente na atual sociedade globalizada, na qual o conceito de gênero tem permitido, entre outras instâncias, a compreensão de construções históricas em torno do sexo, enfatizando, os mecanismos e as instituições culturais e sociais que estão envolvidas nesta construção. Com a intenção de contribuir com esse debate, ao longo da trajetória deste estudo, discorro sobre algumas dimensões de gênero desenvolvidas para a EF/Esporte e suas contribuições na compreensão da organização social. Neste sentido, o texto que se segue, apresentado em três capítulos, intitulado: primeiro, *o ponto de partida*; segundo, *nas teias do gênero*; terceiro, *gênero e educação física: refletindo sobre as pesquisas dos anos 80 e 90*; diz sobre o que se convencionou chamar “estudos de gênero na/para a EF/Esporte. Como esta se apropriou desse conceito, e como tem classificado como sendo “estudos de gênero” esse ou aquele trabalho. Enfim, como se encontra o estado atual do conhecimento sobre gênero na EF/Esporte? Como base de análise e interpretação, foi utilizado o material empírico relacionado à produção científica, na forma de dissertação e tese, oriundas dos programas de pós-graduação brasileiros em Educação e Educação Física, em nível de mestrado e doutorado, décadas de 80 e 90. Para tanto, é utilizada a técnica de análise de conteúdo, levando em conta algumas categorias selecionadas, entre as quais, a) Temáticas abordadas; b) Problemática e questões priorizadas; c) Concepções/abordagens; d) Relação sujeito/objeto – sexo do pesquisador; e) lugar onde foram produzidos os estudos; f) Orientação, co-orientação e composição de bancas examinadoras; g) Escolas de pensamento, propostas e sugestões. Observei que a produção acadêmico-científica, num primeiro momento, deteve-se em analisar os estereótipos e a existência do sexismo do ponto de vista bio-psico-fisiológico, mais recentemente, os estudos apresentam uma dimensão temática ampliada, situando-se em torno de três eixos: sexualidade, política e cultura. Ficou evidenciado, ainda, na leitura das dissertações e teses, um certo avanço a respeito das questões tratadas, no entanto, acredito que há de se cuidar sobre os rumos que poderão tomar as pesquisas neste campo teórico, pois frequentemente tem sido utilizadas perspectivas teórico-metodológicas incompatíveis entre si, e aí são cometidos, então, alguns equívocos, onde certos conceitos são tidos como equivalentes, sem, no entanto, o serem.

Uni-termos: Produção do conhecimento. Gênero. Educação Física.

Gênero and Physical Education: What the 80's and 90's theoretical brazilian production says?

Master's student: Agripino Alves Luz Junior

Advisor: Prof. Dr. Elenor Kunz

ABSTRACT

When we detained our look over the Brazilian Academic production, on the field of gender or the feminist's studies, came to the conclusion that there was an enormous theoretical performance as well as a variation of dialogue endeavors among several knowledge fields, including the specific field of Physical Education/Sports (Phy. Ed./Esports). This has happened, indeed, in the last years, considering the character so plural of the feminine conceptions or of the existing masculine in our so called globalized society, where the concept of gender has allowed, among other instances, a better comprehension of historic constructions around sex, emphasizing the mechanisms as well as the social cultural institutions which are involved in this construction. It was our intention to contribute to the debate, throughout the study, as well as we talk about some dimensions of gender developed by Physical Education/Sport and its contributions as far as the understanding of the social organization. This way, the text which follows, was presented in three chapters with the following titles: Starting Point; The Web of Gender; Gender and Physical Education: reflecting the 80's and 90's research; It talks about what has been conventionally called "study of gender" in/for Physical Education/Sport. How it appropriated of this concept and how it has been classified as "study of gender", this or that paper. Finally, how it and what is the actual knowledge of gender in Physical Education/Sport? Serving as the base of analysis as well as of interpretation, we utilized an empiric material related to a scientific production, in a form of dissertation or Thesis, coming from The Brazilian Graduate Program in Education and Physical Education, on Master's an Doctorate's levels during the 80's and 90's. For this purpose, we used the conten-technique-analysis, taking under consideration some selected categories, among which are: a) Approached Themes; b) Problematic as well as prioritized questions; c) Approach/Conceptions; d) Correlation-Subject/Object-researcher's Sex; e) Place where the studies were produced; f) Orientation, Co-orientation, Board examining table set; g) Schools of Thoughts, Proposals and Suggestions. It was also observed that the academic-scientific-production, at first, stopped to analyze the stereotypes as well as the existence of sexism from a bio-psycho-physiologic, and recently these same studies presented a new thematic dimension totally amplified, situated around three poles: sexuality, politics and culture. It was also evident, during the readings of dissertations and thesis, a certain push towards the treated questions, nevertheless, we also believe that there is still a serious need to care for the road that these researches may take in this teoretical field since frequently they utilized perspectives theoretical-methodological incompatible with each other and then, errors are made where certain concepts are considered equivalent without really being.

Key words: Production of knowledge. Gender. Physical Education.

ÍNDICE

	Página
LISTA DE ANEXOS	xi
LISTA DE TABELAS	xii
LISTA DE QUADROS	xiii
AS PRIMEIRAS PALAVRAS	xiv
Capítulo	
I. O PONTO DE PARTIDA	1
A problemática	
Objetivos	
Os caminhos trilhados	
II. NAS TEIAS DO GÊNERO	23
Tecendo um diálogo	
Reconhecendo conceitos e significados	
Fazendo “Gênero”, também, na Educação Física/Espportes brasileiros: ... E por que não?	
III. GÊNERO E EDUCAÇÃO FÍSICA: REFLETINDO ACERCA DAS PESQUISAS DOS ANOS 80 E 90	47
Pra começo de conversa	
Temáticas abordadas dentro do campo de gênero na Educação Física/Espportes	
Questões norteadoras dos estudos, evidências e propostas	
A relação sujeito/objeto e o sexo do (a) pesquisador (a)	
Do lugar onde foram produzidos os estudos	

Da orientação/co-orientação dos trabalhos e sobre a composição das bancas examinadoras

Paradigmas/abordagens teóricas utilizados nos estudos de gênero no campo da Educação Física/Esportes

COMO SE FOSSEM AS ÚLTIMAS PALAVRAS.....	85
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	93
ANEXOS.....	100

LISTA DE ANEXOS

Anexo	Página
1. Dissertações e Teses selecionadas para o estudo	101
2. Trabalhos acadêmicos, sobre Gênero e Educação Física, dos anos 80 e 90.....	106
3. Resumos originais das Dissertações e Teses estudadas	113

LISTA DE TABELAS

Tabela	Página
1. Caracterização do lugar onde foram produzidos os estudos	75
2. Orientação/Co-orientação e Composição de Bancas Examinadoras	76

LISTA DE QUADROS

Quadro	Página
1. Síntese dos paradigmas teóricos e temáticas utilizados nos estudos de “Gênero e Educação Física”	82

AS PRIMEIRAS PALAVRAS

Rememorando a história, por mim, contada no texto do projeto do qual resulta esta narrativa, dela destaco alguns aspectos, os quais considero significativos na busca das respostas às minhas inquietações. Destaco, portanto, o *logos* – razões – que me fizeram trilhar por este caminho até então “des” conhecido e que aos poucos foi se constituindo, no durante o processo. Também sublinho, o *pathos* – sentimentos, dedicação e o cuidado – que me acompanharam nessa caminhada.

Nessas dimensões particulares, entre os *sentimentos* e as *razões*, recorro a um pensamento que aprendi, ainda, quando criança, e que não me permitiram desde cedo perceber o seu profundo significado. Falo da frase do Pequeno Príncipe de Antoine de Saint Exupéry: “É com o coração que se vê corretamente; o essencial é invisível aos olhos”.

Assim, nesse particular, imprimo nas páginas que se seguem, um modo-de-ser, de olhar e de entender o mundo, cuidadosamente, sem medo da ternura. Entretanto, não foram poucos os sofrimentos e as dificuldades por mim experimentados nessa trajetória, porém, foram muitos os momentos de satisfação e prazer vividos. Como diria Silvana Goellner: “... a dor e o prazer da escrita”.

Portanto, daqui pra frente, faço minhas as palavras de Clarice Lispector:

*Esse esforço que farei agora
por deixar subir à tona um sentido,
qualquer que seja,
esse esforço seria facilitado
se eu fingisse escrever para alguém.*

CAPÍTULO I

O PONTO DE PARTIDA

*“... e aprendi que se depende sempre de tanta, muita, e diferente gente.
Toda pessoa sempre é as marcas das lições diárias de outras tantas pessoas.
E é tão bonito quando a gente entende que a gente é tanta gente,
Onde quer que a gente vá.
É tão bonito quando a gente sente
que nunca está sozinho
por mais que pense estar...”*

(Gonzaguinha)

Tenho assistido, nos últimos anos, a um surpreendente processo de transformação social no que se refere à construção de novas formas de reconhecimentos e de relacionamentos entre os seres humanos.

Esse processo, no atual estágio em que se encontra a sociedade moderna, e considerando-se, o quadro geral da chamada crise da modernidade e de seus projetos econômicos, tais como, o capitalismo alarmante e o neoliberalismo, os quais caminham lado a lado, orienta inevitavelmente a cultura e conseqüentemente a racionalidade do ser humano.

Nesse panorama, e ainda, com toda miséria econômica, social, cultural e ético-política em que estão mergulhados os “cidadãos” do terceiro mundo, especialmente as classes populares, fico a observar como os sujeitos, hoje, “Conectados pela Internet, [...] estabelecem relações amorosas que desprezam dimensões de espaço, de tempo, de gênero, [e] de sexualidade [...] estabelecem jogos de identidade múltipla nos quais o anonimato e a troca de identidade são freqüentemente utilizados” (Guacira Louro, 1999, p. 10). Assim, se

“... desestabilizam antigas certezas, implodem noções tradicionais de tempo, de espaço, de ‘realidade’ subvertem as formas de gerar, de nascer, de crescer, de amar ou de morrer”.(ibid p. 10).

Entretanto, desde o final dos anos 80, entre as evoluções marcantes da sociedade no que tange à produção acadêmico-científica, principalmente no campo das ciências sociais, contam-se com algumas tentativas de problematização da exclusão social, da inclusão perversa e precária num tipo de sistema social como é o capitalismo, dos crassos atos de desrespeitos aos direitos humanos e da violência generalizada.

Diante dessa realidade, a intolerância para com os “diferentes” tem causado impactos, sobretudo, relacionados às minorias sociais: índios, negros, homossexuais, deficientes, mulheres, entre outros.

Joan Scott (1990) sugere, então, que se faça uma leitura da história em que os conceitos de classe social, gênero e etnia, sejam articulados no sentido de ser construída uma teoria que ofereça um potencial analítico, principalmente, para o campo de estudos do gênero.

No entanto, o cruzamento de classe, gênero e etnia não parecem ser algo tranquilo. Há sem dúvida uma tensão que se constitui a partir dos conceitos de *igualdade*, referente aos dados universais e *diferença*, relacionada com os dados particulares e singulares.

Sobre essa questão, Marlucy Paraíso (1997) lembra que “... a categoria ‘classe’ está associada à teoria de Karl Marx, as de ‘gênero’ e ‘raça’ não carregam associações semelhantes”. (p. 26)

Entretanto, Guacira Louro e Dagmar Meyer (1993), já chamavam atenção explicitando que, apesar de “... numerosos/as estudiosos/as afirmarem a necessidade de articular essas diferentes categorias e sejam mesmo ensaiadas aproximações teóricas que as levem em consideração [...], este é ainda um terreno onde todos nos movimentamos com

extrema cautela, onde tropeçamos freqüentemente e onde, algumas vezes, acabamos, finalmente, por preferir as rotas mais conhecidas”. (p.46)

Cabe esclarecer, que Joan Scott (ibid, p. 19) ao construir o conceito de gênero no contexto das questões sociais, o faz acreditando que:

A exploração dessas questões fará emergir uma história que oferecerá novas perspectivas a velhas questões [...], redefinirá as antigas questões em novos termos [...], colocará as mulheres visíveis como participantes ativas e estabelecerá uma distância analítica entre a linguagem aparentemente fixa do passado e nossa própria terminologia. Além disso, essa nova história abrirá possibilidades para a reflexão sobre as estratégias políticas atuais e o futuro (utópico), pois ela sugere que o gênero deve ser redefinido e reestruturado em conjunção com uma visão de igualdade política e social que inclui não somente o sexo, mas também a classe e a raça.

Isto posto, passo a expor os motivos que me fizeram trilhar por esse caminho, resgatando, então, o que denomino de ponto de partida para o objeto de estudo aqui privilegiado. Começo, pois, por uma citação de Lev Vygotsky (1989), que diz: “Para compreender a fala de outrem não basta entender as suas palavras – temos que compreender o seu pensamento. Mas nem mesmo isso é suficiente – também, é preciso que conheçamos a sua motivação” (p. 130). Uma boa maneira de iniciar essa tarefa parece ser, ao meu ver, “fazer-de-conta” que conto uma história para alguém.

1. A problemática

Logo nos primeiros anos (1992 a 1994) de atuação como Professor de Educação Física no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, pude constatar uma postura bastante diferenciada da Educação Física (EF), enquanto prática pedagógica, em relação às demais disciplinas curriculares, tanto na sua participação mais ampla, no projeto político-pedagógico da escola, quanto nas questões afetas à sua especificidade, ou seja, o planejamento, a sistematização dos conteúdos, as estratégias de

organização do trabalho pedagógico, a composição e distribuição das turmas no tempo e no espaço, dentre outros aspectos, também, relevantes.

Algo que muito tem me chamado a atenção, refere-se à concepção de ensino centrada no alcance de melhores rendimentos físico-desportivos, priorizando, de forma intensa, o desenvolvimento de certas características e formas de comportamento específico para cada sexo, no qual, além do reforço aos estereótipos dos papéis masculino e feminino determinados em grande parte pela cultura são, também, utilizadas sanções e pressões que regulam a conduta humana em conformidade com os valores, costumes e crenças vigentes. Isto, de certa forma, me faz lembrar meus tempos de criança... Nas “velhas” aulas de Educação Física.

Em função de tudo isso, em setembro de 1995, participei do Seminário Introdutório sobre “Educação Física e a Questão de Gênero”, realizado no IX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, em Vitória-ES, cujo tema “Interdisciplinaridade, Ciência e Pedagogia”, constituiu-se na minha primeira aproximação teórica com a temática.

Como fruto dessa participação, na busca da compreensão dessas questões e trabalhando na perspectiva de que o gênero é construído coletivamente, isto porque, gênero, no meu modo de ver, é uma construção social, desenvolvi alguns estudos no Colégio de Aplicação – Universidade Federal do Maranhão – UFMA, na intenção de refletir sobre a possibilidade de um processo pedagógico onde as relações de poder, de segregação, de opressão, e de exploração dessem lugar para a emancipação.

Destacou-se, entre esses estudos, um projeto realizado com Estagiários do Curso de Educação Física e bolsistas do Projeto de Licenciatura - PROLICEN, direcionado especialmente aos Cursos de Formação Geral e de Educadores do referido Colégio, denominado “*O Ensino da Educação Física Escolar: perspectivas do confronto de gênero*”.

Diante do constante interesse na busca de melhor entender alguns elementos de trabalho na Educação Física relacionados com o corpo, movimento, esporte e jogo, entre outras formas, na perspectiva de refletir sobre as relações de gênero, e tendo dedicado, há algum tempo, atenção especial ao debate em torno dessa temática, gradativamente, fui sentindo fortalecidos minha convicção e interesse pela problemática.

Nesse processo, observei que seria necessário e inevitável, um maior aprofundamento, de forma objetiva em torno das discussões de gênero. Questões essas que passaram a me mobilizar. Foi quando, então, pensei em fazer o mestrado!

Inicialmente, pensava em estudar as relações de gênero no espaço escolar, mais propriamente nas aulas de Educação Física. Depois, após algumas reflexões, percebi que o problema das relações de gênero, que tanto me incomodava nas aulas de Educação Física, era reflexo do processo de formação do/a professor/a. Assim, o anteprojeto de pesquisa sistematizado para o mestrado contemplava o estudo das relações de gênero no processo de formação do educador, e tinha como locus inicial de estudo o Curso de Educação Física da UFMA. No entanto, as condições econômicas objetivas não permitiram viabilizar o referido estudo.

Posteriormente, ao tomar conhecimento que o Curso de Educação Física da UDESC – Universidade de Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina, ainda tradicionalmente separava os alunos por sexo, tentei adaptar o projeto inicial de estudos da UFMA para essa Universidade, mas na prática parecia não ser possível, também, efetivar este estudo, agora, por motivos de ordem político-ideológica quanto à minha inserção na instituição, enquanto pesquisador.

Foi então que pensei em refletir a respeito do que tem dito a produção científico-acadêmica brasileira, dos anos 80 e 90, sobre Gênero e Educação Física. No início, as

formulações eram muito amplas e estavam mais relacionadas com os domínios epistemológicos e políticos.

Numa avaliação sobre o tempo necessário para este estudo, sobretudo no período de qualificação do projeto, reduzi as questões ao domínio teórico, uma vez que os estudos das questões epistemológicas são por demais complexos.

Uma vez qualificado o projeto de dissertação, e adotando algumas sugestões da banca examinadora, aos poucos foram sendo lapidados as questões e o proceder da pesquisa da forma como essas se apresentavam (e eram apresentados/as) objetivamente.

... Mas, foi preciso, primeiro revisar alguns conceitos e fundamentos acerca do gênero, assim como dimensionar a metodologia a ser empregada no desenvolvimento do trabalho. Isto pode ser visto daqui pra frente!

Segundo Maria do Carmo Saraiva (1999), as discussões em torno da temática gênero, nos dias atuais, “se encontram no topo dos eixos que norteiam as mudanças do mundo contemporâneo. Isto porque as teorias de gênero partem de uma perspectiva diferenciada de cultura tradicional para explicar as relações entre homens e mulheres”(p.1).

Do seu caráter social e político, observa-se, desde algum tempo, a tendência, nas diversas áreas do conhecimento, tais como, a História, a Antropologia, a Sociologia, a Psicologia, a Enfermagem, a Educação, entre outras, tanto em nível internacional como nacional, colaborar de forma intensa com a discussão em torno das questões de gênero, na busca sistemática “de uma relação dialética que considere a síntese das ambivalências e dualidades do masculino e feminino, tendo em vista a igualdade e a totalidade nas teias das vivências e convivências, no âmbito de uma sociedade dotada de mais justiça social”. (Maurício Silva *in* Maria do Carmo Saraiva, 1999, p. 12)

Diferentes campos teóricos têm abordado essa problemática, Alguns estudos provenientes desses campos privilegiam a naturalização das relações mulheres X homens,

e contribuem, dessa forma, para a disseminação de estereótipos. A Antropologia, por exemplo, circunscreveu nesse debate a oposição natureza X cultura, compreendendo os fenômenos culturais em oposição àquilo que é natural.

Mas, sobre essa discussão, é necessário perceber os vários entendimentos de cultura que se consolidaram no nosso dia-a-dia, assim com, também, torna-se fundamental precisar como esse termo se delineou com o passar do tempo, desde a sua utilização mais geral enquanto “cultivo” e “cuidado” ao seu emprego referindo-se à civilização.

Mesmo assim, parecem-me positivas e muito válidas as polêmicas realizadas em torno desses conceitos – homem/mulher e natural/cultural -, das quais decorrem, em última análise, a produção e reprodução da identidade de gênero dos sujeitos.

Dessa forma, em algumas sociedades simples, os termos gerais de “cultura” e “natureza” podem ser razoavelmente explicativos, mas para sociedades complexas como é a nossa, “são tantos os níveis de transformações sociais e material que a relação polarizada “cultura” – “natureza” se torna insuficiente”(Raymond Williams, 1992, p. 209).

No meu ponto de vista, sem pretensão de torná-lo absoluto, considero que, na historicização dos elementos da cultura é que esse debate ganha sentido, pois, é nessa perspectiva teórica que pode ser desconstruído o discurso da sexualidade e do gênero tomados como dotes naturais.

Essa desconstrução, implicando em uma nova “construção”, torna-se importante na medida em que, ao resgatar a gênese da questão, desnaturaliza certas ideologias, cujas conseqüências têm sido a negligência, os maus-tratos e o ódio contra os diferentes, culminando no aprofundamento das desigualdades sociais.

Ainda neste debate podem ser levantadas várias questões centrais, tais como: O que vem predominando nas relações entre homens e mulheres? Não terá sido histórica e culturalmente uma relação “naturalizada”? Permanece, ainda, ou não, a relação de poder

do homem sobre a mulher, mesmo tendo esta conquistado alguns dos ditos espaços masculinos? Nesse sentido, falar de gênero é falar de si mesmo e do outro, é falar de identidade, cujo processo implica em alteridade, "... compreendida na dimensão do encontro entre o *eu* e o *outro*, o *diferente*, o *singular*, na perspectiva da complexidade e pluralidade humana" (Maurício Silva *in* Maria do Carmo Saraiva, 1999, p. 13).

Isto posto, e tendo observado que apesar dos estudos já realizados sobre essa questão em diferentes áreas do conhecimento, e recentemente, na Educação Física, a sociedade e em especial, a escola, não se têm sensibilizado efetivamente com as questões afetas às relações de gênero.

Então, como alterar as práticas educativas, no âmbito da escola ou fora dela, se não nos percebemos como sujeitos históricos inseridos num contexto sócio-cultural? Como mudar o destino de subordinação do ser humano (mulheres e homens) através de propostas educativas, sem discutir os conceitos e significados das relações de gênero e dessas propostas no contexto no qual elas se articulam?

No âmbito da Educação Física brasileira, o tema sugerido vem sendo discutido por alguns pesquisadores desde a década de 80, mas é a partir de 90 que este tem despertado maior interesse, e se apresenta como ponto de pauta, isto porque, o processo ensino-aprendizagem dessa disciplina passou nos últimos anos a ser desenvolvido na perspectiva de turmas heterogêneas (turmas mistas), muito embora ainda existam práticas com turmas homogêneas (turmas separadas por sexo), as quais, afirma Maria do Carmo Saraiva (1999), que acontecem por pura "tradição e cultura" (p.1). Por outro lado, Elenor Kunz (1994), acredita que "ainda é muito difícil, senão cada vez mais difícil, a um professor de Educação Física, administrar uma modalidade esportiva em aula, com uma turma de meninos e meninas, denominada 'mista'". (p.225)

Ainda nos anos 90, pode-se observar de forma mais intensa que na década anterior, o aumento da procura pela temática gênero, através da incidência, desta, nos anais dos congressos da área de EF, em especial do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte¹, sem falar nos artigos e livros já publicados.

Nessa perspectiva, a produção científica sobre gênero *na e para* a Educação Física, ao meu ver, tem dado alguns passos, inclusive resultando em alguns estudos desenvolvidos nos Cursos de Pós-Graduação² do país (em educação, educação física e outros). Mas, penso ser necessário ampliar a discussão em torno desse conceito no sentido de avançar, ao lado de outras áreas do conhecimento, e melhor entender as questões que, hoje, estão postas no cotidiano.

Penso também que a intervenção do profissional de EF no processo ensino-aprendizagem, ainda continua desarticulada dessa discussão, necessitando, portanto, serem reconhecidas as dimensões de gênero presentes na produção científica, na tentativa de serem discutidas propostas que superem a hierarquia dos papéis sociais de gênero.

¹ Nos anais do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE), em 1989, estão registrados 7 trabalhos cujos títulos fazem referências à categoria sexo. Analisam perfis de aptidão física, sob o ponto de vista do sexo masculino e/ou feminino, e, às vezes fazem comparações entre esses. Assim, priorizam metodologicamente um e/ou outro sexo. Em 1995, os anais desse mesmo congresso apresentam 3 trabalhos que versam sobre a questão de gênero na EF, priorizando temáticas relacionadas à ideologia sexista nas atividades motoras, vivências corporais com mulheres em situação de violência e história da EF, sob o ponto de vista das relações de gênero. Em 1997, os anais do CONBRACE voltam a registrar 7 trabalhos analisando a atividade física e esportes em função do sexo e 7 trabalhos relacionados à categoria gênero, entre eles destacam-se as temáticas: corpos masculinos e femininos, coeducação, mídia e futebol de saias, história do esporte feminino, relações de gênero nas aulas de EF, educação física feminina e história de vida de mulheres. No último CONBRACE, as temáticas relacionadas ao sexo e gênero aparecem em alguns GTT e pôsteres, tais como: EF/Esporte e Escola (=2); EF/Esportes e Saúde (=2); EF/Esporte e Rendimento de Alto Nível (=4); EF/Esportes e Grupos/Movimentos Sociais (=3); EF/Esporte, Memória, Cultura e Corpo (=7); EF/Esporte e Recreação/Lazer (=1), totalizando 19 trabalhos.

² A esse respeito ver, em anexo, a relação dos trabalhos oriundos dos Cursos de Mestrado e Doutorado em Educação e EF desde a década de 80, conforme levantamento preliminar.

Isto pode ser constatado de várias formas, mas o fato de em *muitas escolas* e até em *algumas universidades*³ isto ocorrer, despertou-me grande curiosidade científica deixando-me suficientemente motivado a seguir estudando a temática gênero.

Não é difícil reconhecer que a tentativa de resgatar as dimensões de gênero presente nas produções científicas e a possibilidade de apontar outras pistas, representam certamente uma grande riqueza para o avanço do conhecimento sobre a questão. E isto, no entanto, está sujeito a diversas interpretações e críticas. Além do mais, ao lado desta complexa tarefa de compreensão sobre o que se pensa e diz sobre o gênero *na/ para* a EF, há outra preocupação: informar a área sobre a situação dos aspectos até então não sistematizados, e assim possibilitar a construção de alguns elementos para pensar novas questões e tentar respondê-las.

Dessa forma, minha preocupação, ao iniciar esta tarefa, consiste em dizer dos meus limites. Sobre isso, então, digo que não pretendo desenvolver uma análise pormenorizada sobre as implicações epistemológicas, como o fez, Rossana Silva (1990). Ela é bem mais simples do que isto. Quero apenas saber o que é dito e o que é apontado nas pesquisas sobre gênero, e daí, possibilitar outras questões.

Alguns pesquisadores, tais como, Castellani Filho (1988), Carmo (1989), Taffarel (1993), Gamboa (1994) e Souza e Silva (1990 e 1997), têm se preocupado com a análise do conhecimento produzido. Estes afirmam que trabalhos dessa natureza se revestem de extrema importância e relevância científica e social. Apontam, portanto, para a necessidade de uma maior reflexão sobre os fundamentos teóricos-filosóficos e as implicações epistemológicas de uma dada produção científica.

³ Em muitas escolas brasileiras, especialmente no norte e nordeste, a composição de turmas para aulas de EF diferentemente das demais disciplinas do currículo escolar, é feita em função do sexo. Na Universidade de Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina – UDESC, conforme consta no jornal UDESC, set/99, n.17, p.8., desde o vestibular alunos e alunas são inscrito(a)s para o Curso de Educação Física em função do sexo, isto é, Educação Física Masculino (cód. 0206) e Educação Física Feminino (cód. 0210).

Nesse sentido, o presente estudo pretende contribuir com elementos de duas ordens, para reflexão acerca do conhecimento produzido *na/para* (a) área da EF/Esportes: Uma diz respeito à inserção da discussão do conceito de “Gênero”⁴ no âmbito da EF/Esportes. Outra busca apontar alguns elementos que possibilitem uma crítica teórica à produção científica sobre gênero elaborada por profissionais de EF nos Cursos de Pós-graduação em Educação e EF, em nível de mestrado e doutorado.

Para tanto, pressuponho que o conhecimento científico já construído sobre essa questão carece de uma maior reflexão, pois pensamos haver alguns equívocos e lacunas, tais como:

- Confusão conceitual ao que comumente se denomina “sexo” e “gênero”;
- Maiores esclarecimentos, na EF, sobre o que se convencionou chamar “estudos de gênero”;
- Ausência de diagnóstico, em nível nacional, sobre as permanências e mudanças nas relações de gênero considerando a implantação das turmas mistas;
- Poucos esclarecimentos a respeito do papel do esporte, da atividade física e da educação física na reprodução social do gênero;
- Discussões e debates, pouco aprofundados, que explicitem os conteúdos ideológicos sobre a produção da imagem feminina no esporte pela mídia;
- Poucas investigações sobre como são reproduzidas socialmente as relações de gênero nos programas e currículos da Educação Física;
- Necessidade de maiores reflexões sobre as formas nas quais o esporte torna-se um importante espaço cultural no qual são construídos significados de masculinidade e feminilidade;

⁴ Entendo que a categoria gênero se evidencia a partir de dadas relações históricas, tornando-se um instrumento essencial de análise para a compreensão das relações sociais estabelecidas em uma determinada sociedade, no processo de apropriação da realidade pelos seres humanos, pelo ato de conhecer e intervir nas manifestações culturais.

- Pouco entendimento do processo pelo qual corpos de homens e de mulheres são construídos e que se tornam sexualizados, controlados e oprimidos mediante o esporte, a atividade física e a educação física;
- Maior atenção a respeito do potencial que têm os elementos da cultura corporal para construir estratégias de resistência e oposição a mecanismos desumanizantes, tais como a discriminação, os preconceitos, entre outros.

Dessa forma, pergunto: O que se convencionou chamar “estudos de gênero” *na/para (a) Educação Física*? Como a Educação Física se apropriou desse conceito, e como ela tem classificado como sendo estudos de gênero esse ou aquele trabalho? Enfim, Como se encontra o estado atual do debate sobre gênero na Educação Física, considerando as temáticas apresentadas pela produção acadêmico-científica?

2. Objetivos

Em face às questões pretendidas, delinea-se como objetivo mais amplo desse estudo: *Compreender como a Educação Física brasileira se apropriou das discussões de gênero e convencionou como sendo pertencentes a esta categoria esse ou aquele trabalho, e que elementos teóricos são apresentados para a área como resultados da produção científica dos programas de pós-graduação em Educação e Educação Física, em nível de mestrado e doutorado, elaborados nas décadas de 80 e 90.*

Articulando-se a esta meta, busco também:

- Identificar, na produção acadêmico-científica, as concepções/abordagens teóricas em que são apresentados os elementos constitutivos do gênero;
- Destacar, nesses estudos, as instâncias/temáticas mais frequentemente abordadas e as questões priorizadas;

- Identificar o lugar/instituição onde foram produzidos os estudos, como também, o sexo do pesquisador, os (as) orientadores (as)/co-orientadores (as) e a composição das bancas examinadoras;
- Mapear os estudos relacionados com a questão de gênero na EF, reconhecendo o estado atual do debate da produção científica, considerando-se as escolas de pensamento no campo de gênero neles contidos;

As reflexões sobre as dimensões de gênero produzidas nas pesquisas da EF/Esportes nas décadas de 80 e 90, constituem-se na temática central em torno do qual gira este estudo. Tentarei incorporar, na medida do possível, a essa temática, algumas preocupações enquanto educador que tem buscado assumir uma postura curiosa e aberta, rejeitando sempre qualquer forma de discriminação.

Assim, recorrerei a Paulo Freire (1996), quando diz: “É próprio do pensar certo a disponibilidade ao risco, a aceitação do novo que não pode ser negado ou acolhido só porque é novo, assim como o critério de recusa ao velho não é apenas o cronológico. O velho que preserva sua validade ou que encarna uma tradição ou marca uma presença no tempo continua novo” (p.39)

Nesse mesmo sentido, comentando a respeito da discriminação, o referido autor lembra que:

Faz parte igualmente do pensar certo a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação. A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia. Quão longe dela nos achamos quando vivemos a impunidade dos que matam meninos nas ruas, dos que assassinam camponeses que lutam por seus direitos, dos que discriminam os negros, dos que inferiorizam as mulheres. [...] Às vezes, temo que algum leitor ou leitora, mesmo que ainda não totalmente convertido ao 'pragmatismo' neoliberal mas por ele já tocado, diga que, sonhador, continuo a falar de uma educação de anjos e não de mulheres e de homens. O que tenho dito até agora, porém, diz respeito radicalmente à natureza de mulheres e de homens. Natureza entendida como social e historicamente constituindo-se e não como um 'a priori' da História. (ibid, p. 39-41)

Devo esclarecer que, embora não tenha sido do meu interesse central discutir as relações de gênero no âmbito da Educação Física escolar, ou seja, de eleger como uma das categorias de análise as melhoras metodológicas para o cotidiano das aulas de Educação Física na escola, o que daria outro estudo, e nem todos os trabalhos tidos como “de gênero” têm olhares lançados para esse espaço pedagógico, convém ressaltar que foi nesse contexto que surgiram minhas inquietações, e espero estar contribuindo com algumas reflexões, também, para este espaço.

3. Os Caminhos trilhados

Para identificação das dimensões de gênero *na/para* (a) Educação Física brasileira, conforme os objetivos anteriormente delineados, esse estudo tomou como base de análise o material empírico relacionado à produção científica, na forma de dissertação e tese, oriunda dos programas de pós-graduação brasileiros em Educação e Educação Física, em nível de mestrado e doutorado, realizados nas décadas de 80 e 90. Pois, considero que foi neste período que a Educação Física passou a se apropriar mais efetivamente dos elementos teóricos oriundos das Ciências Humanas e Sociais, especialmente dos elementos da Educação, produzidos na década de 70 e início de 80, desenvolvendo uma leitura crítica de cunho progressista, cujas concepções trazem em seu bojo uma visão transformadora de mundo, de homem e de sociedade.

Para o desenvolvimento das análises, foi considerada “A concepção da pesquisa científica enquanto atividade socialmente condicionada ou como fenômeno historicamente situado, partindo do entendimento de que essa forma de produção humana traz em seu processo de desenvolvimento questões de natureza epistemológica, teórica, metodológica e técnica”. (Rossana Silva, 1997, p. 136)

Inicialmente, a necessidade de analisar as pesquisas sobre as temáticas produzidas no âmbito acadêmico, refletia duas alternativas: 1) a investigação para obtenção de dados sobre a produção oriunda da pós-graduação, no que se refere às questões apontadas por Rossana Silva (1997); 2) o agrupamento do conjunto de trabalhos acadêmicos que foram apresentados à área da EF, através dos congressos científicos, além dos artigos publicados em periódicos.

Optei, então, pela primeira alternativa, ou seja, a análise dos trabalhos produzidos nos programas de pós-graduação, considerando-se que esta seria uma forma mais interessante de mapear os estudos relacionados com a temática proposta, pois, muitos dos artigos de periódicos e trabalhos apresentados nos congressos originavam-se destes. Portanto, refletiam o quadro da investigação sobre o gênero em nível nacional, permitindo demarcar as tendências mais recentes, e aqui falo, especificamente, das concepções de gênero, das questões priorizadas nas pesquisas, das instâncias de discussões, e fundamentalmente, do modo como a EF/Espportes se apropriou dessa discussão.

No entanto, compreendendo que uma análise dos elementos constitutivos de cada trabalho, ou seja, os níveis epistemológicos, teóricos, metodológicos e técnicos, dependeria de um tempo razoavelmente longo, e considerando breve, atualmente, o período relativo à permanência do pós-graduando nos cursos de mestrado e doutorado, conforme a concepção de pós-graduação vigente nessa conjuntura política, caracterizada como uma formação aligeirada. Assim, as análises realizadas neste estudo relacionam-se mais com o nível de sistematização teórica de uma temática em expansão dentro da Educação Física, que propriamente relacionadas com elementos epistemológicos e de métodos e técnica. Repito, em função do tempo, de modo contrário resultaria num estudo sem o devido aprofundamento e com afirmações por demais repetidas e já enfatizadas por alguns autores que tratam da questão, como por exemplo, a própria Rossana Valéria de Souza Silva (1997).

Para a análise aqui proposta, foi realizado, então, um levantamento preliminar das dissertações e teses, realizado em novembro de 1999, a partir da consulta nas fontes: UNIBIBLI – cd-rom, SIBRADID, CEVGENER, NUTESSES – on line, além de consultas a referências bibliográficas de livros/dissertações/teses/artigos relacionados com a temática.

Realizado este levantamento preliminar dos trabalhos, foi feita a localização e busca do material, e à medida que esses iam sendo analisados, outros trabalhos foram identificados e incorporados como amostras do estudo. Dos 15 trabalhos identificados, dois não puderam ser adquiridos⁵, apesar das tentativas de contatos. Restando apenas 13 amostras, sendo 10 dissertações e 03 teses.

As amostras do estudo (dissertações e teses), numeradas em ordem cronológicas, desde os anos 80 até 90, foram categorizadas considerando: autor, título, caracterização do estudo, orientador/a, banca examinadora, data de defesa, número de páginas e grau obtido.

Alguns problemas, relacionados com dados referentes à banca examinadora, podem ser evidenciados, pois nas cópias adquiridas⁶ não constavam os nomes dos seus membros. Também, há problemas com a numeração de páginas quando se trata de amostras enviadas via internet⁷. Nesse último caso, nas citações feitas, foi considerada a paginação como constava no material enviado, podendo não condizer com a cópia original.

Para melhor fundamentar as análises sobre a temática, objeto deste estudo, senti a necessidade de maior aproximação com as teorias de gênero, oportunidade em que participei das disciplinas “Relações de Gênero”, oferecidas pelo Programa de Pós-graduação em Antropologia Social – Mestrado, e “Seminário temático sobre gênero”, do Programa de Pós-graduação em História – Doutorado em Ciências Humanas.

⁵ São elas: “Meninos pra cá, Meninas pra lá”, de Neise Gaudêncio Abreu, e “Aulas de Educação Física para turmas mistas ou separadas por sexo? Uma análise comparativa de aspectos motores e sociais”, de Greice Kelly de Oliveira.

⁶ Ver anexo I.

Em torno das discussões acumuladas nessas disciplinas, e no trabalho exploratório sobre relacionados com a temática, foi possível delinear algumas perspectivas gerais para a análise da produção científica sobre gênero na/para a EF, onde se pôde estabelecer algumas categorias de análises das dissertações e teses, expressas na forma a seguir:

1. Temáticas abordadas dentro do campo de gênero na Educação Física;
2. Questões norteadoras, evidências e propostas;
3. A relação sujeito/objeto – sexo do (a) pesquisador (a);
4. Do lugar onde foram produzidos os estudos;
5. Da orientação/co-orientação dos trabalhos e sobre a composição das bancas examinadoras;
6. Paradigmas/abordagens teóricos utilizados nos estudos de gênero no campo da Educação Física/Esportes;

De acordo com Rossana Silva (1997), esse conjunto de informações corresponde aos aspectos teóricos que se deve procurar identificar nas pesquisas.

Analisar esses dados e refletir sobre o processo de construção do conhecimento, na temática aqui colocada, na pretensão de apontar alguns elementos na perspectiva de melhor compreender a problemática já apresentada, requer uma tomada de postura, no mínimo ativa, frente ao processo de apropriação e objetivação do conhecimento. Em sendo este processo subjetivo/objetivo,

O sujeito que conhece “fotografa” com a ajuda de um mecanismo específico, socialmente produzido, que dirige a “objetiva” do aparelho. Além disso “transforma” as informações obtidas segundo o código complicado das determinações sociais que penetram no seu psiquismo mediante a língua em que pensa, pela mediação da sua situação de classe e dos interesses de grupo que a ela se ligam, pela mediação das suas motivações conscientes ou subconscientes e, sobretudo, pela mediação da sua prática social sem a qual o conhecimento é uma ficção especulativa. (Adam Schaff, 1995)

⁷ Esse fato aconteceu com as dissertações/teses dos seguintes autores: José Luiz Ferreira, Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior e Ludmila Mourão Boccardo.

Nesse sentido, tanto pela natureza do objeto de estudo quanto pelo vínculo com as ciências sociais, esse processo investigativo se diferencia dos estudos cuja linguagem é desenvolvida a partir da descrição matemática, quantificada, precisa e estatística, que utiliza instrumentos e procedimentos probabilísticos, caracterizados como tipo experimental, “que são vetadas ou desaconselhadas em ciências humanas por razões éticas e morais”. (Sebastião Votre, Ludmila Boccardo & Ferreira Neto, 1993)

Do mesmo modo, também, não é pertinente fazer uma distinção entre uma pesquisa teórica e empírica como fatos opostos, pois,

Toda pesquisa empírica tem algum fundamento teórico, mais ou menos explícito, nem sempre formulado. Por outro lado, toda pesquisa teórica tem alguma base empírica, em nosso contacto com o mundo que nos cerca, e resultam de nossa experiência e convivência com essa realidade circunstancial. (ibid, 1993)

Sendo assim, preferi ao abordar este estudo, levar em conta o que predomina na análise e natureza do objeto, o que me motiva a denominá-la de Pesquisa Teórica. Segundo Silvio Gamboa (1987), trata-se de “investigações sobre investigações”, “pesquisa da pesquisa” ou mesmo, “investigações epistemológicas”.

Lílian Bastos, Lyra Paixão, Lucia Fernandes & Neise Deluiz (1995) recomendam que nas pesquisas como, “... a filosófica, a de reconstrução de conhecimento e a de definição do estado da arte de determinado problema, a metodologia se resume à explicitação dos passos que o pesquisador seguirá para atingir seu objetivo”. (p.6)

A partir desta reflexão, é que optei por uma abordagem fundamentada na construção social e histórica do gênero humano, enfatizando-se o caráter relacional dessa construção, o que, de certa forma, muito tem a ver com a concepção dialética.

Não tive a pretensão de reconhecer todos os aspectos, propriedades, relações e processos relacionados com a categoria objeto de estudo, pois, incorreria num erro, desconhecer que o movimento dialético nunca se dá pela soma das partes, através de fatos

lineares, mas se processa num movimento de correlação em espiral, no qual todos os conceitos são recíprocos e mutualmente se elucidam. Nesse sentido, o compreender significa desenvolver processos gerados por oposições que provisoriamente se resolvem em unidades.

Mas a abordagem dialética não se esgota com esses princípios, apresenta também seus conceitos específicos, adquirindo nesse estudo um aspecto relevante: o singular, o particular e o geral; o conteúdo e a forma; a essência e o fenômeno; a causa e o efeito; a necessidade, a casualidade; e, a possibilidade e a realidade.

Detendo-me apenas no primeiro aspecto, ou seja, o singular, o particular e o geral, este é representado por um conjunto de características individuais que possui um objeto, distinguindo-se dos demais. Explicando melhor, não existem coisas absolutamente iguais. Mesmo assim, objetos diversos apresentam semelhanças entre si, isto caracteriza o repetitivo e inerente ao objeto, constituindo o geral.

O singular e o geral são recíprocos. O geral está na essência das coisas, mas só é reconhecido através do singular. Partindo do singular, através do particular, em direção ao geral e universal, que se dá o processo de conhecimento.

Com isso, a dialética se constitui num "... método da reprodução espiritual e intelectual da realidade é o método do desenvolvimento e da explicação dos fenômenos" (Karel Kosik, 1976, p.32).

Portanto, não se renuncia à origem empírica objetiva, nem dos elementos subjetivos necessários à construção desse conhecimento, nem a compreensão e interpretação dos fenômenos estudados, desde que esta análise não seja meramente uma descrição do fenômeno, pois não se trata de reduzi-lo, é necessário termos uma visão contextualizada da realidade a ser estudada.

Neste sentido, a temática em foco, ou seja, as relações de gênero nunca poderiam ser compreendidas de maneira isolada e abstrata, mas sim a partir dos seus aspectos sócio-históricos, partindo da própria explicação dos sujeitos associados ao referencial teórico do pesquisador.

Por outro lado, pode-se dizer que a referida pesquisa caracterizou-se também por uma pesquisa exploratória, descritiva e interpretativa, afinal, "... toda investigação é, num certo sentido, descritiva, sem deixar de ser também relativamente interpretativa". (Sebastião Votre, 1993). Novamente se está em frente a uma questão de grau de predominância, não de categoria, e, mesmo quando se fala em interpretação, esta deve ser aqui entendida como uma forma de agir sobre o mundo, a partir do olhar do interpretante.

É importante mencionar que o método não desvela, aqui, somente os procedimentos técnicos de levantamento de dados, revelou também, a concepção epistemológica do pesquisador frente ao objeto a ser investigado. Dessa forma, o método e a práxis não se distinguem. Ou seja,

O processo de conhecer através da dialética materialista enquanto práxis requer uma reflexão em função da ação para transformar. Aqui não há distinção entre o momento de conhecer e o momento de intervir. Assim entendemos que no ato de produzir o conhecimento novo estamos intervindo simultaneamente. (ibid, 1993)

No seu desenvolvimento, esse estudo considerou, pois, a concepção de pesquisa qualitativa, embora utilize alguns dados quantitativos utilizados, conforme Cecília Mynaio (1993), não como oposição contraditória. Pelo contrário, como complementaridade. Compreende, portanto, fases inter relacionadas, onde ao mesmo tempo descreve-se, compreende-se e interpreta-se o fenômeno estudado.

Neste sentido, a revisão da literatura foi contínua, e a construção do objeto de estudo, bem como do método, foram sendo ajustados na medida em que se conhece a realidade em foco, ou seja, o resgate da produção científica relacionada com a

problemática do gênero na educação física, dando-se ênfase aos aspectos teóricos, a partir de esclarecimentos, indicadores práticos e aproximações.

Para verificar as questões propostas, foi utilizada a técnica de *análise de conteúdo*, que segundo Romeu Gomes (1994), vem sendo bastante empregada e serve para encontrar respostas para questões formuladas, como também, confirmar ou não afirmações feitas antes do trabalho de investigação. Ressalta, ainda, a importância que adquire esta técnica na interpretação daquilo que está por trás dos conteúdos manifestos, indo além das aparências do que está sendo comunicado.

Este mesmo autor, quando se refere aos empregos dessa técnica, dá alguns exemplos no sentido da utilização da mesma:

... analisar obras de um romancista para identificar seu estilo e/ou para descrever a sua personalidade; analisar depoimentos de telespectadores que assistem a uma determinada emissora ou de leitores de um determinado jornal para determinar os efeitos dos meios de comunicação de massa; analisar textos de livros didáticos para o desmascaramento de ideologia subjacente; analisar depoimentos de representantes de um grupo social no sentido de levantar o universo vocabular desse grupo. (ibid, p.74)

A análise de conteúdos pode, assim, ser realizada a partir do que o autor chama de unidades de registro e unidades de contexto. A primeira refere-se a elementos obtidos a partir da decomposição do conjunto da mensagem, por exemplo: oração, frase e palavra. Já o segundo tipo, situa uma referência mais ampla, ou seja, precisa o contexto onde a mensagem se coloca.

Ao proceder as análises, foi necessário seguir algumas fases: 1) pré-análise – organização do material a ser analisado e definição das unidades; 2) exploração do material – análise das unidades propriamente ditas; 3) tratamento dos resultados obtidos e interpretação – desvendar o conteúdo subjacente ao que se manifesta, busca-se para desvendar as ideologias, as tendências e outras determinações características dos fenômenos. (ibid, 1997).

Finalmente, na leitura das dissertações e teses, as definições conceituais dos (as) próprios (as) autores (as) foram preservadas no sentido de identificar a problemática e as questões, os objetivos e as propostas sugeridas. Sendo assim, somente após um contato intenso com as obras (fase de exploração) e a identificação das temáticas e dos conteúdos a que estas se referiam, as categorias de análise puderam ser definidas, considerando-se sempre os valores, crenças, representações, atitudes e opiniões.

CAPÍTULO II

NAS TEIAS DO “GÊNERO”

“Que caminhos são estes que me conduzem a teias de que terei de escapar, que trama é esta que ronca surda em meu peito, me assusta, mete medo e me põe gelado a defender-me da vida?”.

(Sócrates Nolasco)

1. Tecendo um diálogo...

A produção científica oriunda da Pós-graduação e os trabalhos acadêmicos, em geral, desenvolvidos em diversas áreas do conhecimento e em diferentes espaços têm, nessas últimas décadas – 80 e 90 –, recorrido a um signo *lingüístico* (termo, palavra) pouco utilizado socialmente durante muito tempo. Está-se a falar do conceito de “gênero”.

No “novo Aurélio” – O Dicionário da Língua Portuguesa – Séc. XXI este termo é definido, ou se preferir, demarcado, a partir de quatro aspectos: o *primeiro*, refere-se à “classe, espécie, variedade, ordem, qualidade, tipo”; o *segundo*, “maneira, modo, estilo”; o *terceiro*, “uma unidade em sistemas de classificação”; Por último – o *quarto* aspecto – “indica uma divisão dos nomes baseada em critérios como sexo e associações psicológicas”.

Desse modo, a palavra evidencia e indica significados e significações a partir de algumas categorias ou eixos epistemológicas. Porém, diferentemente do American Heritage Dictionary (A. H. D.), que traz o termo inglês, *gender*, “como sinônimo de *to engender*, de *engendrar*, *criar*, *produzir*”, (Guacira Louro, 1977, p. 35). O novo Aurélio

ainda não registra algo que se aproxime com os significados da palavra gênero conforme os chamados “estudos de gênero”.

Em termos gramaticais, em princípio, o termo gênero fundamenta-se nas distinções do sexo a partir de valores e normas vigentes do contexto social, portanto, são definições carregadas por interesses. Mesmo que se leve em conta estes aspectos, estes representam, ainda, uma idéia muito vaga do conceito, necessitando um aprofundamento no que diz respeito à sua construção histórica e cultural.

Nesse sentido, se torna relevante introduzir alguns elementos discutidos por pesquisadores/pesquisadoras de diferentes linhas de pensamento. Assim, temos que pensar, pelo menos, que desse conceito emergem diferentes construções e significados, o que demarca o caráter plural e diversificado do que foi produzido em seu nome. Não é de se estranhar, desse modo, que este é um terreno onde a precisão teórica traz em si constantes desconstruções, e reelaborações.

Por outro lado, é também desafiador encontrar dentro da produção teórica de uma área de conhecimento, como é a Educação Física, construída por um olhar das ciências médicas e da saúde, pesquisas e olhares que se distanciam dos determinismos biológicos. Isto nos faz optar pela abrangência do que foi dito na produção tanto fora quanto dentro dessa área, relativa às questões de gênero.

Mas afinal, o que se procura instaurar com essa palavra (na academia)? Em que sentido ou sentidos esse termo é empregado nos discursos dos vários campos do conhecimento? A que nos reportamos quando usamos essa palavra? Qual/quais o(s) significado(s) advindos de seu emprego? Como se instala e se legitima esse conceito? Que, outras tantas, interpretações podem ser evocadas pelo gênero? Quais as possíveis instâncias de intervenção social? “Da perspectiva genealógica no que diz respeito a uma busca da origem-Ursprung para o gênero, não é possível encontrar uma origem pura a respeito de

quando, como e onde esse conceito – “gênero” – inicia seu percurso. Tampouco são puros/neutros socialmente na atualidade, quando a sua rede de significações começa a ser disputada nos cenários políticos locais e não locais, no campo do saber, nas ciências e outras”. (Lilian Vasquez, 1996, p. 10 - 11)

Essas questões, mesmo que provisórias, parecem-me centrais e relevantes quando se opta por debater aquilo que tem sido convencionado, nos anos 80 e 90, denominar de “gênero”, ou melhor, “estudos de gênero”, tal qual é evidenciado em algumas narrativas da produção acadêmico-científica.

Essa compreensão torna-se, também, fundamental para que se possa desenvolver o processo investigativo que se constitui no objeto deste estudo. Nesse sentido, convém que sejam articuladas as teias que instituíram/instituem o conceito – gênero – tanto no campo geral das ciências humanas como, mais especificamente, no campo de jogo da EF/Espportes.

Isto posto, começo, então, minhas reflexões indagando sobre a origem desse conceito e os significados emanados por ele, para, posteriormente, apontar o que tem sido feito em seu nome e o que poderá ser feito, sobretudo na produção científica *da e para a* Educação Física brasileira.

Não tenho pretensão de desvelar ou revelar um conhecimento que se constitua numa verdade única. Sei, também, que uma vez publicado esse trabalho, e tornando-se público, é passível de várias interpretações e críticas, no entanto, as perguntas que hoje faço podem não ser respondidas, mas delas podem resultar a construção de novos elementos que possibilitem aprofundar as discussões que se engendram em torno do conceito de gênero, assim como, também, possibilitar outras dúvidas.

1.1 Reconhecendo conceitos e significados:

Ao longo da história, conforme a literatura, percebo uma série de desaprovações impostas, principalmente, às mulheres, tanto em relação aos seus direitos políticos, quanto à sua educação. Aqui, estratégias diversas são utilizadas para garantir a manutenção destas no âmbito da esfera privada em contraposição a alguns homens a quem teve sempre o direito de circular livremente na esfera pública.

Nessa direção foi que se desaprovou, também, a prática das atividades esportivas pelas mulheres, pois,

...a idéia de fragilidade, elegância e dependência, ao homem, não permitiam às mulheres a participação em atividades esportivas, tendo em vista os aspectos da competitividade, agressividade e virilidade presentes nas diferentes atividades esportivas. Isto gerou uma série de argumentos contra a participação das mulheres no esporte, pois essas atividades ou qualquer outra que interferisse em suas responsabilidades domésticas (servir ao marido e educar os filhos) e 'profissionais', eram repudiadas e proibidas pela sociedade. Esse repúdio à participação das mulheres no esporte tinha como base aspectos médicos, biológico, psicológicos e culturais – muitas vezes infundados – que se tornaram crenças e tabus sociais que ainda perduram, por mais incrível que possa parecer. (Simões, De Rose & Macedo, 1996, p. 78)

Mas, algumas estudiosas já começaram, desde o final dos anos 70 e início dos 80, contestar a divisão de papéis sexuais, das esferas pública/privada. Nesse contexto, alguns elementos teóricos, sobre o uso da palavra gênero, começam a ser gestados, e é quando se rejeita “... explicitamente explicações biológicas utilizadas para assegurar diversas formas de subordinação, pelo fato de a mulher gerar os filhos e o homem ter a força muscular” (Celi Taffarel, 1994:237).

Daí para apresentar alguns dos significados desse conceito – gênero, devo, pois, precisar o espaço e o tempo em que essa problemática deu origem a esse campo do conhecimento. Sendo assim, recorro à Miriam Grossi (1998), quando comenta, de forma bastante objetiva, sobre o fundamento que deu suporte ao campo que hoje denominamos “gênero” ou “relações de gênero”:

*Os estudos de gênero são uma das conseqüências das lutas libertárias dos anos 60, mais particularmente dos movimentos sociais de 1968: as revoltas estudantis de maio em Paris, a primavera de Praga na Tchecoslováquia, os black panthers, o movimento hippie e as lutas contra a guerra do Vietnã nos EUA, a luta contra a ditadura militar no Brasil. Todos estes movimentos lutavam por uma vida melhor, mais justa e igualitária e é justamente no bojo destes movimentos 'libertários' que vamos identificar um momento chave para o surgimento da problemática de gênero, quando as **mulheres**⁸ que neles participavam perceberam que apesar de militarem em pé de igualdade com os homens tinham nestes movimentos um papel secundário. Raramente elas eram chamadas a assumir a liderança política: quando se tratava de falar em público ou ser escolhida como representante do grupo elas sempre eram esquecidas e cabia-lhes em geral o papel de secretárias e ajudantes de tarefas consideradas menos nobres como fazer faixas ou panfletar. (p.2)*

Nessa mesma década, dos chamados liberalismos, dos novos modos de regulação social e redefinição do que é público e do que é privado, no âmbito dos movimentos sociais, destacam-se com grande ímpeto o movimento feminista e o movimento de homossexuais, cujos questionamentos levantados a respeito das relações afetivo-sexuais, têm como conseqüências, a incorporação ativa dessas reflexões pelo espaço acadêmico, considerado um espaço privilegiado de produção de teorias, que possibilitava respostas às demandas oriundas desses movimentos. Com isto, diferentes disciplinas acadêmicas, em torno da problemática da “condição feminina”, buscaram, então, no final dos anos 60 e no decorrer da década de 70, encontrar o “espaço das mulheres”, até então, desconhecido.

Os estudos sobre a “condição feminina”, num primeiro momento, situavam-se em torno do debate da opressão da mulher nas sociedades patriarcais. Diriam, pois, as feministas que as relações entre a mulher e o homem acontecem num contexto de relações exploradoras dominantes entre o dono dos meios de produção e o trabalho assalariado. Nesse sentido, a divisão sexual do trabalho torna-se central ao explicar a posição subordinada da mulher no contexto das relações de classe capitalista.

⁸ Grifo meu para destacar que é no âmbito do oprimido, no caso as mulheres, que surgem formas de resistências...

Na década de 70, os trabalhos que se convencionou denominar de estudos sobre a Condição Feminina valorizavam, em grande medida, o livro de Friedrich Engels, “A origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado”, que diz ser a mulher a primeira propriedade privada do homem. Muitos dos estudos desenvolvidos, nessa década, trabalhavam na perspectiva teórica desse autor, e giravam em torno de uma temática fundamental: a mulher na sociedade de classes. Eis, pois, a corrente Marxista influenciando o modo de olhar das mulheres.

Num segundo momento, já década de 80, questiona-se nas pesquisas, no Brasil, a existência de uma única condição feminina. Diz-se, portanto, que não há uma única mulher, há várias mulheres: negras, brancas, amarelas, índias, ricas, pobres.

Neste contexto, com a introdução dessa nova idéia no discurso feminista, ou seja, o de que há diferentes mulheres, que são também de idade, etnia, e modo de ser, convém que se discuta no momento não mais essa condição feminina, mas as suas diferentes constituições. Inauguram-se, então, os estudos sobre as mulheres. Mesmo assim, estas continuam portadoras da sua condição biológica, independente da sua condição social.

O próximo passo, eis, a emergência de um campo teórico interdisciplinar definido, cuja pretensão é problematizar essa determinação biológica da “condição feminina” – se está diante dos “estudos sobre as relações sociais de sexo”⁹ ou “estudos de gênero”¹⁰.

No final da década de 80 e início dos anos 90, o termo “gênero” passou a ser utilizado por muitas estudiosas (os) feministas. Segundo Joan Scott (1995), esse termo parece ter sido inicialmente utilizado no âmbito do movimento feminista americano, embora tenha surgido e pertença a uma tradição anglo-saxão, que jamais incorporou nos seus estudos essa categoria, preferindo usar, em seu lugar, a expressão “relações sociais de sexo”.

⁹ Denominação preferida pela pesquisadora Lia Zanotta Machado.

O conceito de gênero indica, dessa maneira, uma rejeição ao confronto entre os sexos, como era evocado no pensamento feminista nos anos 70, no qual postulava-se a idéia de que “... a ausência de homens era uma forma de garantir a palavra das mulheres” (Miriam Grossi, 1998, p. 3). Como veremos mais adiante, o conceito de gênero traz em si uma perspectiva relacional das identidades masculinas e femininas.

Isto significa que ele, o gênero, é “Considerado em princípio como um desnaturalizador potencialmente poderoso e como um conceito a partir do qual seria possível questionar posições [...] estabelecidas” (Piscitelli Adriana, 1997, p.49), tal qual a posição assumida por homens nas lutas libertárias dos anos 60, cuja consequência foi o questionamento por parte de mulheres e gays dos papéis secundários por estes(as) exercidos na militância política.

Aqui, no Brasil, a discussão sobre o gênero é marcada num campo de disputa com os chamados “estudos sobre as mulheres”, resultante dos movimentos sociais dos anos 60/70, e, sobretudo, a década de 80.

Com o refluxo do movimento feminista, estabelece-se uma crítica às concepções que ressaltam o conceito de igualdade enquanto modelo universal em detrimento do conceito de diferença.

Afirma essa crítica que o feminino interage em múltiplas relações com o masculino, dessa forma nem homens nem mulheres vivem isoladas na sociedade dentro de seus próprios contextos, e que não se pode perder de vista os aspectos históricos da constituição cultural e sócio-histórica dos indivíduos, assim como, os significados simbólicos relacionados a estes.

Lia Machado (1992) comenta que apesar de toda polêmica, o “estudo de gênero” a partir do final da década de 80, especialmente no Brasil, vem conquistando um espaço

¹⁰ Gender, denominação preferida, no atual contexto anglo-saxão e nórdico de acordo com Lia Zanota Machado.

cada vez maior em relação aos chamados “estudos sobre as mulheres”. Aos poucos, também, vem ampliando suas temáticas, substituindo o que durante muito tempo foi considerado essencial no debate, ou seja, a discussão sobre os papéis sexuais onde há um predomínio do determinismo biológico.

Nesse mesmo sentido, muitas (os) estudiosas (os), concordam com Joan Scott (1995) quando que, por ser relacional, os estudos de gênero podem superar a noção de oposição ou de esferas separadas para um sexo ou outro, presentes nos estudos que têm como foco apenas as mulheres.

Esta posição não é compartilhada por Lia Machado (1992), pois a mesma acredita que a denominação “estudos sobre as mulheres” torna explícito o sujeito/objeto de estudo que se quer tratar, além de, também, dar visibilidade à figura da mulher que ficou sempre escondida ou negada em sua participação numa ciência cujo domínio pertenceu sempre ao homem.

Em face das variadas posições teóricas, assumidas por estudiosas (os) que se articularam em torno do conceito de gênero, entre estas(s), marxistas, pós-estruturalistas, e outras que não pretendem qualquer rotulação, pode-se dizer que esse conceito tem sido um foco constante de tensionamento, o que o torna instável, ao mesmo tempo em que figura como um terreno de questionamento.

A reflexão a respeito do tema aqui proposto, ou seja, a “questão do gênero”, permite-nos entender que esta, “fornece um meio de decodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre várias formas de interação humana”.(Scott, 1995, p. 89).

Isto se dá, pois o gênero assume o sentido de representar a construção social e histórica dos sexos, enfatizando-se ao mesmo tempo o caráter social e relacional dessa construção.

Distinguir “gênero” de “sexo” torna-se, portanto, uma tarefa fundamental nos estudos de gênero, pois embora se relacionem, estes termos permitem interpretações conceituais diferenciadas. Enquanto o gênero prima pelo aspecto relacional entre homens e mulheres, analisando a construção social dessa relação, o sexo, enfatiza e indica o aspecto biológico dos indivíduos.

Dessa forma, o foco central da definição de gênero apontado por Joan Scott (1990) consiste na “... relação fundamental entre duas proposições: o gênero é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é o primeiro modo de dar significado às relações de poder”. (p. 14).

Na compreensão dessa autora, o gênero entendido enquanto elemento que constitui as relações sociais fundadas nas diferenças percebidas (primeira proposição), pressupõe quatro elementos que se relacionam entre si: 1) os símbolos disponíveis culturalmente, evocando sempre as representações simbólicas, 2) os conceitos normativos que tornam evidentes a linguagem desses símbolos, 3) as instituições e organizações sociais, podendo ser definidas, aqui, como referentes ao mundo do trabalho, às relações de parentesco, à educação e ao sistema político, e 4) as identidades subjetivas, cujas interpretações não devem ser reduzidas apenas às concepções bio-psicológicas, pois assim sendo, nega-se o aspecto histórico e sociocultural dessa categoria.

A respeito da segunda proposição, que se refere às relações de poder, este, é nos estudos de gênero, segundo a perspectiva de Joan Scott, sintetizado a partir da noção Foucaultiana, na qual destaca que

O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede, [...] não se aplica aos indivíduos, passa por eles” (Michel Foucault, 1995, p.183).

Outro autor que tem discutido amplamente o conceito de gênero é Robert Connel (1995). Para ele “O gênero é [...] a forma pela qual as capacidades reprodutivas e as diferenças sexuais dos corpos são trazidas para a prática social e tornadas partes do processo histórico. No gênero, a prática social se dirige aos corpos. Através dessa lógica, as masculinidades são corporificadas, sem deixar de ser sociais” (p. 189).

Para Pierre Bourdieu (1995), o corpo é construído pelo mundo social por meio de um trabalho de formação permanente. O gênero precisa de corpo, tanto masculino quanto feminino, sendo o aspecto sociocultural o produtor desses corpos. Nesse sentido, deve-se questionar se existe alguma possibilidade de construção de identidade de gênero a não ser pelo corpo? O corpo constitui-se na referência material que ancora a identidade, o qual é significado pela cultura, conforme determinados momentos históricos.

A esse respeito, Susana Bordo (1997) utilizando as idéias de Foucault, explicita que “por meio da organização e da regulamentação do tempo, do espaço e dos movimentos de nossas vidas, nossos corpos são treinados, moldados e marcados pelo cunho das formas históricas predominantes de individualidade, desejo, masculinidade e feminilidade” (p.20).

Assim, as relações sociais, engendram as formas de como o feminino e o masculino são constituídos sócio e historicamente, nunca em esferas separadas, mas um em relação ao outro, concordando com o que diz Lia Machado (1992), não em oposição mas como algo complementar e em articulação com outras categorias, tais como, classe, etnia, religião, entre outras.

Sendo assim, a desconstrução da polaridade rígida entre os integrantes do gênero humano – homens e mulheres, torna-se premente. Isto significaria de acordo com Guacira Louro (1997).

... problematizar tanto a oposição entre [...] [os indivíduos] quanto a unidade interna de cada um. Implicaria observar que o pólo masculino contém o feminino (de modo desviado, postergado, reprimido) e vice-versa; implicaria também perceber que cada um desses pólos é internamente fragmentado e dividido (afinal não existe a mulher, mais diferentes mulheres que não são idênticas entre si, que podem ou não ser solidárias, cúmplices ou opositoras), (p.31-32)¹¹.

Sobre isso, Joan Scott (1998), diz que, para superar a rígida polaridade entre masculino/feminino é necessário desconstruir. Para tanto, é fundamental observarmos as oposições binárias bastante evidentes em diferentes sociedades e culturas. Mas, isso só não garante a desconstrução, é necessário, também, entender a lógica subjacente a este esquema.

Para entender esta lógica, Joan Scott, busca algumas idéias da teoria pós-estruturalista. Destaca-se, especificamente, a idéia de desconstrução desenvolvida pelo filósofo francês Jacques Derrida (s.d), que opera sobre o fundamento dado pela hierarquização de pares opostos, tais como: bom/mau, presença/ausência, unidade/diversidade.

Segundo Jacques Derrida, as oposições binárias alicerçam-se na idéia de oposição e de identidade, ou seja, ao mesmo tempo em que os dois pólos diferem¹² e se opõem , afirmam que cada um é idêntico a si mesmo. Para melhor exemplificar, vejamos o que diz Terry Eagleton (1983):

A mulher é o oposto, o “outro” do homem: ela é o não-homem, o homem a que falta algo, a quem é atribuído um valor, sobretudo negativo em relação ao princípio primeiro masculino. [...] A mulher não é apenas um outro ser, no sentido de alguma coisa fora de seu alcance, mas um outro intimamente relacionado com ele, a imagem daquilo que ele não é e, portanto, uma lembrança essencial daquilo que ele é. Assim o homem precisa desse outro, mesmo que o despreze, e é obrigado a dar uma identidade positiva àquilo que

¹¹ Em negrito – grifo meu – Essa análise realizada por Louro, também pode ser dirigida ao homem de forma similar, (*afinal não existe o...*)

¹² Segundo Jacques Derrida, a palavra *différence* origina-se no latim e pode significar “não ser idêntico” ou “desvio, demora, retardamento” (sd. p.35)

considera como não-coisa, como nada. [...] Talvez ela represente um signo de alguma coisa no homem que ele precisa reprimir, expulsar para além de seu próprio ser, relegar a uma região seguramente estranha, fora de seus próprios limites definitivos. Talvez o que esteja de fora também esteja, de alguma forma, dentro, talvez o que seja estranho seja também íntimo – de sorte que o homem precise policiar com atenção a fronteira absoluta entre as duas esferas, porque ela pode ser sempre atravessada, sempre foi atravessada e é muito menos absoluto do parece. (p. 143)

Nos últimos anos, os “estudos sobre as mulheres” e os estudos de “gênero” têm crescido e se consolidado em todo o mundo. No Brasil, a produção acadêmico-científica relacionada a esses campos tem demonstrado grande performance teórica, observada nas amplitudes temáticas e nas possibilidades efetivas de diálogo entre diversas áreas do conhecimento.

Miriam Grossi, em “Gênero, Violência e Sofrimento” (1988) ao refletir sobre como a problemática de gênero tem sido desenvolvida no âmbito da Antropologia, diz ter sido esta sistematizada considerando quatro abordagens teóricas, que vão desde o Neo-evolucionismo, passando pelo Culturalismo e Estruturalismo até chegar, no que se conhece hoje, como Pós-modernismo.

Diz, ainda, a referida autora, que os estudos de gênero assumem, dessa forma, um caráter interdisciplinar, o que ela considera significativo, pois exige um constante “... diálogo e o ajuste da categoria ‘gênero’ à luz da contribuição teórica de várias disciplinas, nem sempre complementares entre si” (p1).

Penso que a caracterização feita, por Miriam Grossi, em relação ao pensamento sobre gênero no interior da disciplina Antropologia, pode se estender para outras áreas das ciências sociais de vez que, cada dia parecem estar mais disseminadas as discussões sobre essa temática nas diversas disciplinas acadêmicas, tais como: sociologia, pedagogia, história, entre outras.

Quanto às possibilidades de serem utilizadas, essas escolas de pensamento, como instâncias de análise nas ciências da saúde, e nesse contexto a Educação Física, cujas

vertentes epistemológicas e teóricas ligaram-se historicamente ao pensamento biológico e não sociais, acredito que apesar de alguns avanços, esses conceitos vinculados às ciências humanas e sociais, ainda necessitam ser melhor discutidos.

Reafirmando os pressupostos iniciais da pesquisa, pergunto: Há, mesmo, falta de domínio teórico e confusão conceitual com o termo gênero e mesmo a inadequação que este termo foi apresentado em alguns trabalhos realizados por profissionais da nossa área? Será que além das escolas apresentadas por Miriam Grossi, devido às diferenças epistemológicas das duas áreas (ciências sociais, ciências da saúde), não haveria outras se tomássemos como ponto de partida a educação física e não a antropologia.

Nesse sentido, para ser fiel ao que pensa esta autora, sobre essa questão, e para também fundamentar posteriormente as análises a respeito da produção teórica sobre gênero *na/para* a Educação Física brasileira à luz dessas concepções, faz-se necessário transcrever na íntegra o seguinte texto:

A primeira escola, que chamo de neo-evolucionista – na qual incluo várias teorias, entre elas as teorias marxistas, aborda questões como desigualdade, opressão e subordinação a partir de um viés evolucionista que vê a situação da mulher a partir de uma escala evolutiva. As pensadoras que se aliam a esta escola, tem via de regra, forte fundamento na obra de Engels na qual ele mostra que o patriarcado é uma etapa das relações homem/mulher posterior ao matriarcado, período mítico no qual as mulheres dominariam a sociedade. A Segunda escola, com a qual mais trabalhamos em nossos cursos de gênero são os culturalistas (representados, entre outros, por Margareth Mead e Georges Balandier). Escola que distingue o sexo do gênero, apontando para a diversidade cultural no planeta e as diferentes concepções de feminino e masculino em distintos grupos. Nesta escola incluo também as pensadoras próximas da corrente da História das Mentalidades ou do Cotidiano, corrente francesa que será bastante influenciada pelo pensamento de Michel Foucault. As teorias feministas que mais são usadas no Brasil têm se inspirado, no meu entender, numa mistura desta visão culturalista com o evolucionismo marxista porque ambas lidam com a reflexão sobre a mudança cultural. A escola menos utilizada, mas muito criticada, é a escola estruturalista, que vê a problemática de gênero a partir de alguns universais como a proibição do incesto e o dualismo feminino/masculino. Nos anos 70, Claude Lévi-Strauss, um dos principais expoentes do estruturalismo, foi bastante criticado pelas antropólogas feministas que discordavam de sua teoria da ‘troca de mulheres’ como regra fundamental para a constituição das relações sociais em todas as culturas do planeta. Entre os atuais herdeiros do pensamento estruturalista

identificamos, sobretudo os trabalhos de Françoise Héritier que se preocupa fundamentalmente com as estruturas psíquicas universais que estruturam o pensamento simbólico, estruturas que ela vê ancoradas na divisão primeira de gênero. A escola pós-moderna vem sendo bastante lida e criticada no Brasil nos cursos de Teoria Antropológica, mas ela chega ao campo de gênero principalmente a partir dos estudos literários que preferem o termo de pós-estruturalismo par falar da desconstrução das categorias ocidentais de pensamento. Ela me parece uma corrente de pensamento na fronteira entre Antropologia, Filosofia e Psicanálise, três disciplinas fundamentais para os Estudos Culturais, um novo campo que vem se criando nas Universidades norte-americanas. Penso que esta escola é a que têm produzido de forma mais sistemática reflexões sobre o gênero, ampliando o campo de estudos inicialmente mais centrado na problemática da dominação das mulheres pelos homens à outras questões ligadas à transitoriedade da noção de identidade. Grande parte das questões levantada pelas pós-estruturalistas me parece questões fundantes da própria Antropologia, como a reflexão secular a respeito da produção do conhecimento sobre um objeto, um 'outro' que é similar ao investigador, produtor de conhecimento.(p. 2-3)

A partir dessas diferenças, explicitadas por Miriam Grossi, é possível perceber que os conceitos utilizados por uma concepção, podem ser incompatíveis ou antagônicos quando referenciados em outra, que entendidos como equivalentes podem resultar perigosamente numa análise desqualificada, para não dizer imprecisa.

Por essa razão, ao enveredar pelas teias do gênero, torna-se fundamental saber de que ou de quem se está falando, que ou quais sentidos (s) constitui (em), o que simboliza ou representa e o que funda. Pois, como observamos, a análise da problemática do gênero permite diversas interpretações, são várias as tramas teóricas que fundamentam este terreno.

Nessa direção, temáticas tais como: igualdade, diferença, poder, sexualidade, identidade, papéis sociais, entre outros, podem nos levar a imprevistos e ciladas como o que aconteceu no emblemático *caso Sears*¹³, onde o feitiço virou contra o feiticeiro. Para esclarecer, talvez seja necessário suscitar estas reflexões: Somos todos iguais? Ou somos diferentes? Pretendemos ser iguais? Ou ser diferentes? Queremos ser diferentes de direito?

¹³ Processo criminal, por discriminação sexual, movido pela EEOC (Equal Employment Commission) contra a SEARS (Empresa varejista nos EUA), em sua política de contratação de mão-de-obra de mulheres. Para

Ou melhor, temos o direito de ser diferente? Mesmo que sejamos diferentes? Diferenças, Sim! Desigualdades, Não! ?

Sobre essas questões, Joan Scott comenta que há apenas uma via possível: desconstruir a oposição binária igualdade diferença. Essa posição, resume que "... não se pode abrir mão da perspectiva da diferença no trabalho teórico, na pesquisa empírica e na militância política. Uma vez desconstruída a antítese igualdade-versus-diferença, será possível não só dizer que os seres humanos nascem "iguais, mas diferentes", como também sustentar que "a igualdade reside na diferença" (Joan Scott in Antonio Pierucci, 2000, p. 46).

Segundo Aguiar (1997), num balanço das disciplinas acadêmicas que têm apontado uma produção significativa, constam a Sociologia, Antropologia, Demografia, Economia, História, Psicanálise e Literatura. Por outro lado, ainda são identificadas carências que necessitam ser superadas. Isto pode ser visto nos campos da Pedagogia, Geografia, Arquitetura, Ciência Política, Serviço Social, Enfermagem, e por que não dizer, na *Educação Física*.

Esta mesma autora diz ser importante, também, revisar as contribuições substantivas das áreas de conhecimento, que já apresentaram contribuições teóricas para o debate sobre a problemática, ainda afirma que,

Um dos recursos utilizados para identificar as questões substantivas, necessitando de aprofundamento, reside em averiguar como cada campo disciplinar permite a aproximação das mulheres como sujeito e objeto do conhecimento. Outro recurso consiste em debater os enfoques de gênero e o das diferenças para efetuar este mesmo percurso. (p.18)

Ainda sobre esse debate, Aguiar (1997), observa que na perspectiva de vários autores(as), entre eles(as), Suárez, Piscitelli, Soihet, Melo, Serrano, Goldani, a natureza das dificuldades encontradas com vistas a superar essas lacunas, situa-se no âmbito das

principais oposições, tais como, natureza e cultura, público e privado, doméstico e mercado, micro e macro. Também, “... Por vezes a dificuldade apontada não se refere a um dualismo da natureza humana, mas a um monismo explicativo, cuja resultante é a mesma omissão, ou redução teórica empobrecedora, que esconderia, assim, a *persona* feminina. (p.19)

A literatura em geral, associada a essa questão, tem evidenciado que homens e mulheres se comportam diferentemente de acordo com elementos de cada cultura, isto é, diferentes culturas esperam formas distintas de comportamento e papéis para o masculino e o feminino na sociedade, o que parece ser, ainda, inegável nos dias de hoje.

Com o objetivo de ampliar, ainda mais, o espaço de discussão e debate em torno dessas e outras questões, foi realizado o Seminário *fazendo gênero 4*, em cujos temas centrais: cultura, política e sexualidade, foram refletidas questões relativas às relações de gênero, aos movimentos sociais e às teorias feministas, que marcaram o século XX¹⁴,

Mesmo se tratando de um campo temático bastante polêmico, necessitando, portanto ser mais bem estudado, no Brasil, no final dos anos 80, e mais precisamente na década de 90, optou-se por postular a primazia dos trabalhos tidos como “estudos de gênero” sobre o que comumente se convencionou chamar de “estudos sobre as mulheres”, assim como também, substitui-se sistematicamente os estudos relacionados com os “papéis sexuais” pelos chamados “estudos de gênero”. Mas essa é uma história que vem

¹⁴ O campo da **cultura** refere-se às mudanças quanto ao comportamento, à diversidade cultural, ao respeito às diferenças. O campo da **política** finaliza o século XIX e abre o século XX com os movimentos sufragistas e pela igualdade de direitos. A política marca também a Segunda metade do século XX com o movimento feminista, que transcendeu as fronteiras nacionais, mobilizando e influenciando mulheres e homens de todo o planeta e trazendo mudanças profundas para as relações de gênero. O século XX termina com a discussão sobre a participação das mulheres nas instâncias políticas e a discussão de propostas concretas para superar o desequilíbrio na participação das mulheres nos órgãos de poder, no legislativo, nos partidos políticos, nas organizações sindicais, etc. Finalmente, o campo da **sexualidade** é visto como aquele onde ocorreram as mudanças mais significativas e aquele que mais inspirou a produção acadêmica, literária e intelectual do século XX. O século termina com novas e prementes questões colocadas em torno das tecnologias reprodutivas, das novas formas de maternidade e paternidade, do surgimento de novos modelos de família e de união amorosa e sexual. (Caderno de Resumo, p. 3 e 4)

sendo mudada aos poucos. Já se tem alguns estudos sobre masculinidades, delimitando campo dos estudos de gênero como um campo de relação e tensão.

Lia Machado (1992) explica que o estudo de gênero, pelo seu aspecto relacional, possivelmente superaria a concepção de esferas distintas para um e outro sexo, colocadas sobremaneira nos “estudos sobre as mulheres”, também superaria a instância dos “papéis sexuais”, dado o aspecto de centralidade relacionado ao determinismo biológico.

Entre alguns/algumas pesquisadores/pesquisadoras, Guacira Louro e Dagmar Meyer preferem o termo “estudos sobre as mulheres”, pois explicita de quem se trata, chamando atenção principalmente para o sujeito/objeto de estudos, que por tradição ficaram escondidos ou negados numa ciência de domínio androcêntrico, que tem construído o conhecimento científico a partir de uma postura de representação dos grupos subordinados (mulheres, homossexuais), constituindo-se, portanto, numa referência geral, qual seja: homem ocidental, branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão. Novamente se está diante de uma tensão que fica evidenciada no discurso de gênero, talvez um novo reducionismo.

1.2. Fazendo “Gênero” , também, na Educação Física/Esportes brasileiros: ... e por que não?

A Educação Física/Esportes, prática social historicamente construída, reflete em si o todo no qual está inserida. Tendo a mesma “... se desenvolvido segundo a moderna sociedade industrial, assumido desta os seus princípios e o desenvolvimento dessa sociedade quase que exclusivamente determinado pelos membros do sexo masculino, não é de se admirar que o esporte [e a Educação Física]¹⁵ moderno seja cunhado por formas tidas como masculinas de movimento e manifestação” (Maria do Carmo Saraiva, 1994, p. 247).

¹⁵ Grifo meu

Assim, incorpora-se uma cultura sexista no campo das relações de gênero no âmbito da EF, aparentemente naturais para cada sexo, mas que se apresentam como formas de discriminação dos indivíduos numa situação de prática pedagógica, pois, “A socialização específica para os sexos, tal como ainda ocorre nas aulas de Educação Física, gera a oposição e não a interação de ações nas práticas de movimento” (Maria do Carmo Saraiva, 1994, p. 249).

Contudo, essa temática apesar de recente na área, tem oportunizado no plano teórico algumas discussões e debates. Na prática, já se observam algumas iniciativas, necessitando de uma maior discussão para ampliá-las, desenvolvendo assim “uma cultura democrática e participativa, que reconheça e defenda os direitos e obrigações e ao mesmo tempo garanta o exercício pleno da cidadania para todas as pessoas”. (Parra, 1993, p. 10).

Mas, dizer que é recente o debate sobre gênero na EF, não significa que nada foi construído, ou mesmo, que pouco se construiu. Pelo contrário, a produção do conhecimento nessa área tem alcançado alguns avanços, desde a década de 90.

A Educação Física/Espportes e a questão de gênero foram temática específica de um número da revista do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte – CBCE. No seu editorial, comentando a participação, atualidade e relevância da temática, Elenor Kunz (1994), diz que o referido número da revista,

... contou com um grande número de colaboradores. Infelizmente, nem todos puderam ser contemplados com a publicação dos seus trabalhos. Isto prova, mais uma vez, da atualidade e relevância das temáticas selecionadas para a revista, em especial o tema deste número. (p.225)

Os trabalhos já publicados sobre a questão de gênero na EF/Espportes, em especial na revista do CBCE que tratou especificamente deste tema, são oriundos de elaborações que em grande parte resultaram em dissertações. Como ressaltou o editor da revista – Elenor

Kunz, embora tenha sido a primeira da gestão 94/95 tratando de uma temática específica, mesmo assim, muitos (as) pesquisadores (as) colaboraram com artigos, ficando inclusive muitos trabalhos sem ser publicados.

Dos conteúdos abordados por esses (as) pesquisadores (as), penso que a preocupação fundamental da EF/Esportes nesse campo, ou seja, das relações de gênero, refere-se ao processo de socialização específica de meninos e meninas, dedicando uma atenção especial à crítica desse processo a partir de termos chaves ou conceitos tais como: papéis sexuais, ideologia sexista, estereótipos sexuais, mulheres em situação de violência, mulher e esporte, mulher e produção do conhecimento em EF/Esportes, EF/Esportes e gênero, cultura de gênero, corpo feminino e sociedade de consumo, padronização do corpo feminino e as práticas da EF.

São apontadas, também, nesses trabalhos, algumas ações que possibilitam superar a socialização específica para os sexos até então existente. Essa socialização é marcada por desafios de duas ordens, assim identificados: “o de igualar mulheres nos esportes masculinos em termos de resultados, de alto rendimento [...] [e o de] superar *pedagogicamente*, o problema de ensinar esportes para meninos e meninas, numa mesma aula, sem discriminações” (Elenor Kunz, 1994, p. 225).

Para este autor, o primeiro desafio constitui-se numa etapa mais fácil de ser superada, uma vez que o processo de igualar mulheres ao rendimento do homem tem sido solucionado através da intensificação do trabalho para as mulheres, tal como já é desenvolvido com homens em termos de “um adequado tratamento químico”. Nesse caso, o resultado obtido por esse tratamento dado à mulher provocaria a sua masculinização. Não creio ser este um método desejável. Há no mínimo que se questionar.

A questão que pode e deve ser levantada, diz respeito ao conceito de diferença, muito comentado nos dias atuais, não devendo ser justificado pela desigualdade, nem pelo atrelamento ao desempenho da mulher tendo como única e exclusiva referência o modelo de desempenho do sexo masculino.

Dessa forma, reduzir-se-ia o gênero humano a um único componente, o masculino, que tem sido hegemonicamente determinado e mantido na sociedade, desde o âmbito familiar e reproduzido, também, pela escola. Sobre essa compreensão, Elaine Romero (1994) destaca que “criam e mantêm as desigualdades [...], quase sempre com prejuízos para a mulher, que acaba desempenhando um papel de menor prestígio e valor” (p. 226), ou é submetida ao treino social tendo como base a expectativa do que se espera do desempenho do sexo masculino.

Nesse sentido, é necessário que se reflita sobre o tipo de organização social que em função do homem e não da mulher gera e justifica ainda nos dias de hoje, os valores da cultura patriarcal, onde as relações de gênero em larga medida aprofundam as desigualdades, colocando de um lado a superioridade do sexo masculino e a inferioridade do sexo feminino de outro, numa postura receptiva e submissa diante do domínio masculino. Com isso, a mulher necessariamente para sobressair-se, tem de se masculinizar. Isto é correto? Não seria mais relevante pensar numa cultura onde tanto homens quanto mulheres não tivessem que ser melhor um que o outro?

O grande esforço que tem sido empreendido pelas mulheres, na busca da participação em igualdade de condições com os homens, sobretudo no âmbito da EF/Espportes, não tem garantido a estas uma participação efetiva, somente algumas têm participado, tendo em vista que a própria pedagogia tem justificado a dicotomia “homem/mulher” através do argumento de que estas são realmente seres inferiores, restando-lhes no espaço escolar e

fora dele, uma solução como saída alternativa: a separação de meninos e meninas em termos de atividade. Nas aulas de EF, essa situação pode ser mais bem ilustrada, tomando-se a ginástica e os esportes individuais como um clássico exemplo.

Acredito que seja necessário e interessante repensar essas questões, sem perder de vista o contexto histórico-social onde foi produzido esse tipo de relação, pois essas idéias como muitas outras, têm reforçado os conceitos estereotipados de homem/mulher, masculino/feminino. Isto se constitui nas *armadilhas da teia de gênero!* que impedem a compreensão das relações de gênero na tentativa de inventar novas relações, novas atitudes, sem discriminação. Onde o conviver possibilite estar em contato com pessoas diferentes, com respeito e solidariedade, valores necessários a uma sociedade mais justa e humana.

Nessa direção, é conveniente reafirmar o que foi dito por Elenor Kunz (1994), ou seja, enquanto as mulheres têm se esforçado o bastante para participar dos ditos esportes masculinos, em igualdade de condição, “o mesmo não se pode dizer, no entanto, do inverso, ou seja, não se vê tanto esforço por parte dos homens em participar de esportes tipicamente femininos, como algumas danças, por exemplo” (p. 225). Salvo raros casos, mesmo assim, muitas das vezes, é posta em xeque a masculinidade desses “homens”, pois podem perder a perspectiva do ideal masculino preconizado pela sociedade onde os “verdadeiros homens” são hegemonia.

Sobre a questão do gênero, *na/para* a EF brasileira, tem-se publicado alguns estudos. Muitos desses, resultantes de dissertações e de teses, buscam compreender como meninos e meninas constroem as relações de gênero em aulas de EF. Outros ressaltam a necessidade da desconstrução dos estereótipos sexuais ainda muito marcantes na nossa sociedade. Há,

também, estudos que centralizam a discussão em torno de como foram construídas as imagens da mulher na história da educação física.

Em suma, os chamados “estudos de gênero na EF” têm, portanto, na sua maioria, concentrado os esforços na análise de condições empíricas da formação de conceitos, a partir de estereótipos relacionados às diferenças entre os sexos, evidenciados no contexto das aulas de EF, bem como, nas práticas esportivas e de lazer fora do espaço escolar.

As conseqüências oriundas das práticas sexistas na EF, segundo Maria do Carmo Saraiva (1999, p.27-28), podem ser remetidas a três campos: a) *biofisiológico* – (relacionado com a performance), no qual o aspecto motor feminino fica consideravelmente prejudicado em função da pouca oportunidade de participação em atividades corporais, tendo como parâmetro as oportunidades de jogos esportivos oferecidas aos meninos; b) *psicológico* – a aceitação da superioridade física do menino, por parte das meninas, muita vezes leva-as a uma espécie de acomodação e dependência, diferentemente dos meninos que são desde muito cedo estimulados para a independência, c) *social* – em decorrência de uma série de fatores, por exemplo, nos dois campos anteriormente identificados, facilmente se deduz as conseqüências para o papel social de ambos os sexos.

Isto implica em afirmar que, muitas vezes, diferenças de gênero são tidas como diferenças de sexo. Essas diferenças, vistas dessa forma, naturalizam perspectivas para o masculino, e também para o feminino, como exemplo, homens são corajosos e mulheres são frágeis; homens gostam de rua e mulheres gostam de ficar em casa; homens gostam de futebol, mulheres gostam de dança.

Sendo assim, as relações de gênero se ensinam e se aprendem na família, na rua e na escola. Mas, no cotidiano escolar, mais precisamente nas aulas, “... é fundamental

pensar e abordar as relações de gênero na tentativa de, desde muito cedo, forjar novas relações, novos comportamentos e atitudes por parte dos alunos” (Maria L. Sodré & Silvana Goellner 1998, p.41).

Assim, considerando a amplitude do conceito de gênero e o aspecto relacional que este permeia, torna-se fundamental, no debate acadêmico e na implementação de ações que visem a superar os preconceitos, que a EF/Esportes, no processo de socialização de meninos e meninas, tanto no espaço escolar quanto fora dele, não assuma uma postura dicotômica advogando uma educação igualitária e transformadora e ao mesmo tempo em suas atitudes, na práxis pedagógica, mantenha os valores patriarcais que conduzirão, sobretudo através das atividades físico-desportivas, a estereótipos “agressivo-ativo” para um sexo, e “submisso-passivo” para o outro. Deve, sim, possibilitar a ampliação de experiências para o gênero humano, homens e mulheres.

É oportuno observar que no cenário nacional da EF/Esportes alguns trabalhos, tais como, artigos, relatos de experiência, pôsteres, comunicações, projetos, entre outros, relacionados com os estudos das mulheres e os estudos de gênero já foram produzidos e publicados.

Alguns desses trabalhos apresentam recortes teóricos bastante determinados pelas reflexões da década de 80, marcados excessivamente por uma preocupação com a condição feminina, ou com análises referentes aos papéis sexuais. Outros preferem discutir aspectos divergentes, em cujos eixos temáticos adotam uma postura de contraposição ao comportamento feminino visto de forma unilateral. Estes tratam a questão pela via relacional. Diria, que fazem uma análise de gênero.

Em face das idéias expostas até então, acredito ser pertinente destacar alguns desses trabalhos que vêm mostrar que a EF/Esportes tem promovido diálogos diferentes daqueles

relacionados com o pensamento epistemológico e com as controvérsias a respeito do estatuto científico da área representada pela chamada “crise de identidade”, cuja produção acadêmica tem sido farta.

Com efeito, no final da década de 80 e, fundamentalmente, nos anos 90, pode-se evidenciar um deslocamento das problemáticas abordadas, levando a crer que no bojo das discussões dessa área, configuram-se outras preocupações, como as que podem ser vistas no anexo 2, e que têm contribuído com elementos de diferentes ordens para a reflexão acerca da temática aqui proposta.

Dos trabalhos expostos¹⁶, de quem os produziu e sobre o ano em que esses foram publicados, provisoriamente digo que: a) indicam, de certa forma, as temáticas mais abordadas na década de 80 e 90, b) configuram o espaço no qual o debate se iniciou, refletindo o âmbito feminino, c) é superior o número de mulheres pesquisadoras sobre a questão, d) apresentam um aumento significativo dessa produção a partir dos anos 90.

¹⁶ Sobre as fontes consultadas, ver Anais dos Congressos do CBCE; Revista do CBCE, Revista Movimento; Livro de resumos da VII Semana da Pesquisa da UFSC; Seminário Mulher: gênero e políticas públicas – caderno de resumo, livros, entre outras fontes.

CAPÍTULO III

GÊNERO E EDUCAÇÃO FÍSICA: REFLETINDO SOBRE AS PESQUISAS DOS ANOS 80 E 90

*“É tal a força de solidariedade das épocas
que os laços de inteligibilidade entre elas se tecem em dois sentidos.
A incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado.
Mas talvez não seja mais útil esforçarmo-nos por compreender o passado
se nada sabemos do presente”.*

(Marc Bloch)

1. Pra começo de conversa

Para melhor compreensão das perguntas feitas no início da pesquisa, parece importante resgatar, mesmo que rapidamente, os movimentos sociais que se instauraram na sociedade brasileira, nos anos 70 e no decorrer dos anos 80, situando a Educação e Educação Física nesse contexto. Isto me parece conduzir, conforme Eustáquia Sousa (1994), ao marco daquilo que pode ser considerado como:

... o início de pesquisas que têm como objetos de estudo, a mulher e a atividade física em seus aspectos históricos, psicológicos, políticos e sociais que, em sua maioria, denunciavam a inferioridade da mulher em relação ao homem e os estereótipos sexuais estabelecidos pela Educação Física na escola e pelos esportes praticados fora dela. (p. 5)

Os resultados obtidos dessas pesquisas podem ser mais bem conferidos nos estudos de Castellani Filho, (1988), Elaine Romero (1990), entre outros¹⁷.

¹⁷ Em “A Educação Física no Brasil: a história que não se conta” (1988), Castellani Filho tece vários comentários a respeito dos estereótipos masculino e feminino expressos na história da Educação Física que nos foi contada, desde a influência higienista, relacionados à definição dos papéis sociais destinados aos homens e às mulheres, aos aspectos da legislação que, segundo o autor, foi pródiga em contribuir para o reforço dos estereótipos. Também, a respeito dessas questões, Romero (1990), na sua tese de doutoramento, identifica os estereótipos masculinos e femininos, considerados, a partir da percepção de

Os anos 70 e 80, identificados como um período de efervescência política, simbolizaram um marco de esperança para o povo brasileiro. Aqui se situam os movimentos sociais, na luta contra a ditadura militar e pela redemocratização da sociedade. Penso que “Foi o tempo das reivindicações por uma ‘anistia ampla, geral e irrestrita’, pela organização livre dos sindicatos e demais associações, pelas ‘diretas já’. Foi o tempo em que se explicitaram o descontentamento cada vez maior de parcela significativa da sociedade brasileira, com o autoritarismo presente ao longo dos governos militares. Foi o tempo, enfim, da ‘transição democrática’”. (Francisco Caparroz, 1997, p.8). Todos esses movimentos, na busca da construção do projeto nacional progressista passariam pelo caminho da cultura¹⁸, posto que esta se encontrava deteriorada.

Nesse quadro, dos movimentos sociais enquanto instâncias de ação transformadora, que lutavam pela construção de uma nação mais justa e igualitária, é possível, de acordo com Miriam Grossi (1998), “... identificar um momento chave para o *surgimento* da problemática de gênero, quando as mulheres que nele participavam perceberam que apesar de militarem em pé de igualdade com os homens tinham nesses movimentos um papel secundário...” (p.2).

Mas, certamente, o termo gênero não foi a denominação dada aos estudos realizados, nesse período, em torno dessa problemática. Até vir a ser utilizado o conceito gênero, o movimento feminista, tributário dos movimentos sociais dos anos 60 e 70, passou por vários momentos e perspectivas temáticas, desde os estudos sobre a “condição feminina” até os estudos “sobre as mulheres”.

Foi na década de 80 que o conceito de gênero começou a ser utilizado por várias/os estudiosas/os feministas. Surgido poucos anos antes, no contexto

professores de Educação Física, o qual explicita o papel relevante desta disciplina na manutenção e reprodução de estereótipos que distinguem homens de mulheres.

¹⁸ Exemplo disso foi o CPC – Centro Popular de Cultura, projeto que marcou alguns setores da cultura brasileira na década de sessenta. Oscilava entre a problemática da cultura e da militância política, se apresentou como uma manifestação ideológica na época.

anglo-saxão, entrou nos meios acadêmicos brasileiros, disputando espaço com os estudos “da mulher” – área que, de resto, ainda sofria para impor sua legitimidade no campo universitário. (Guacira Louro, 1996, p. 1)

Nesse período, os campos da antropologia, da sociologia, da história, da literatura, da educação tiveram um papel fundamental. Nestas áreas, podia-se perceber o esforço salutar para tornar visível a mulher, como agente social e histórico, como sujeito. Em função disto é que os estudos de gênero partem de um contexto interdisciplinar. Nessa perspectiva, é imprescindível que seja estabelecido um diálogo a partir de diversos campos disciplinares, nada fácil de acontecer.

Mas, foi a partir dos debates ocorridos no campo da educação, fundamentalmente das discussões em torno da pedagogia libertadora (de Paulo Freire) e da pedagogia histórico-crítica (de Demerval Saviani e José Carlos Libâneo), que a Educação Física inicia um movimento de questionamento e crítica da pedagogia tecnicista hegemônica. Esta época ficou reconhecida como a década da “crise” (Paulo Medina, 1986), da “ebulição” (Guiraldelli Jr, 1988), da “crítica e do questionamento” (Paulo Carlan, 1997).

Nesse sentido, essa visão hegemônica e conservadora, em meados dos anos 80, começa a ser rompida. “A educação física vincula-se à educação, compreendendo-a também como política, como pedagogia ideológica, procurando superar o cunho de neutralidade à ação educacional que o grupo dos pensadores conservadores defendiam” (Carlan, 1997, p. 16).

Até o final da década de 70 e início da década de 80, alguns estudos, na EF, não só sugeriram a separação dos sexos, como também a distribuição destes em função dos esportes e das brincadeiras. Somente no final da década de 80, são observados, a partir dos estudos bio-fisiológicos, alguns trabalhos¹⁹ nos quais se estabelecem diferenças e semelhanças nas capacidades físicas e nos movimentos do homem e da mulher.

¹⁹ Para melhor entendimento ler Tânia Azevedo (1988) – Dissertação / Mestrado em Educação.

A partir do início dos anos 90, acompanhando os movimentos políticos e sociais, as pesquisas acadêmicas, ainda muito marcadas pelo ativismo e militância, denunciam os mecanismos de opressão a que são submetidas as mulheres, principalmente a inferioridade dessas em relação ao homem. A Educação Física encontra, na instância dos papéis sexuais e nos estudos da estereotipia²⁰, sua temática, objeto de estudo, privilegiada.

Neste momento é oportuno e relevante fazer referência à tese de doutoramento de Elaine Romero, defendida no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo - USP, em 1990, com o título: “Estereótipos masculinos e femininos em professores de Educação Física”, pois penso que mesmo sendo esta tese defendida na psicologia, portanto, não pertencente à amostra deste estudo conforme a delimitação, ela, de certa forma, inaugurou o que se convencionou chamar “estudos de gênero” na Educação Física e colaborou, também, para uma certa confusão conceitual estabelecida na área.

Conforme o anexo 2, dos 72 trabalhos apresentados, 13 são escritos por essa autora, sendo resumos dos capítulos ou desdobramentos dessa tese. Esse dado, que é quantitativo, tem desdobramentos na nossa área quando se vê, por exemplo, ser esse um trabalho a se identificar como de gênero, e ser essa autora a primeira a territorializar essa temática como de seu domínio. Por essa razão, no decorrer desta pesquisa, tenho feito algumas referências a ela quando falo de estereótipos sexuais.

Esse exercício, necessário, de volta ao passado, permite, agora, estabelecer um diálogo mais pontual com o nosso objeto de estudo. Destaco, portanto, a seguir, alguns aspectos básicos percebidos na trama das relações estudadas, os quais constituem-se nas categorias centrais de análise, construídas após um contato intenso com as obras. Refiro-me a: 1) Temáticas abordadas dentro do campo de gênero na/para (a) Educação Física, 2) Relação sujeito/objeto – sexo do pesquisador, 3) Instituições onde as teses foram defendidas ou lugar onde foram produzidas (região do país, universidades e programas de

²⁰ Para uma incursão nesta área, ver Elaine Romero (1990), Tese – Doutorado / Psicologia.

pós-graduação), 4) Orientadores (as)/Co-orientadores (as) dos trabalhos e composição das bancas examinadoras, 5) Escolas de pensamento no campo de gênero.

Observei que alguns dos trabalhos analisados, referentes aos estudos de “gênero” ou estudos “sobre a mulher”, produzidos *na/para* (a) Educação Física, confirmam alguns dos pressupostos iniciais dessa investigação, a saber:

- a) Confusão conceitual entre as categorias “sexo” e “gênero”;
- b) Grande preocupação com os estudos dos estereótipos e dos papéis sexuais, tendo como *locus* privilegiado, o contexto escolar, sobretudo no final da década de 80 e início de 90;
- c) Pouca distinção entre o que se convencionou chamar estudos de “gênero” e estudos “sobre mulheres”;

2. Temáticas abordadas dentro do campo de gênero na Educação Física

A análise sobre esse aspecto identificou, de modo geral, uma grande preocupação das pesquisas, em estudar aspectos relacionados com os papéis sexuais, com os estereótipos, com a perpetuação do sexismo, e com a dominação masculina.

A adjetivação das brincadeiras e do esporte, como atividades masculinas ou femininas, fundada por argumentos bio-psicológicos e sexuais, foi, de modo geral, a crítica estabelecida na maioria dos trabalhos estudados. Em contrapartida, busquei, nos processos socioculturais e históricos, a explicação para a produção/reprodução da feminilidade e a masculinidade.

Dentre as temáticas abordadas nas pesquisas, cuja preocupação maior situa-se na perspectiva dessa crítica, da hierarquização dos papéis sexuais, portanto, da diferenciação de conteúdos/atividades por sexo, destacam-se:

- “Mulher e Esporte. Um estudo sobre a influência dos agentes de socialização em atletas universitárias”;
- “A Mulher na Educação Física: Preconceitos e Estereótipos”;
- “Meninos pra cá, meninas pra lá?”;
- “Quando a diferença é mito: uma análise da socialização específica para os sexos sob o ponto de vista do esporte e da Educação Física”;
- “As ‘relações de gênero’ nas aulas de Educação Física: um estudo de caso em uma escola pública de Campina Grande – PB”;
- “Aulas de Educação Física para turmas mistas ou separadas por sexo? Uma análise comparativa de aspectos motores e sociais”;
- “Atividade física, brincadeiras e sexismo: experiências de um grupo de idosos/as”;
- “A Educação Física e o idoso: implicações de gênero”;
- “Meninos, à marcha! Meninas, à sombra! A história do ensino de Educação Física em Belo Horizonte (1987 – 1994).

Esse viés das pesquisas, relacionado, em grande parte, com o contexto escolar, na medida em que transcorriam os anos, foi, aos poucos, se modificando. Outras preocupações foram tomando parte do universo das pesquisas em Educação Física.

Todavia, ainda que esses estudos tratem, em grande medida, das questões relacionadas com:

- a) A perpetuação do sexismo;
- b) A separação dos sexos no sentido do corpo como algo biológico;
- d) As formas como são constituídos os estereótipos na nossa sociedade;
- e) A dominação masculina, com ênfase maior nas análises sobre a esfera escolar, especialmente, nas aulas de Educação Física.

Mesmo assim não se restringiram a observar, apenas, esses aspectos, eles falam de outros problemas. Há neles outras discussões e instâncias de gênero presentes.

Sem dúvida, nessas pesquisas, pode-se identificar, também, muitas discussões sobre identidade de gênero, sexualidade, poder, formas de controle sobre o corpo, tanto de homens, quanto de mulheres. No entanto, esses temas são mais aprofundados nos seguintes trabalhos, com as respectivas temáticas:

- “Educação Física: reflexo das concepções dominantes sobre o controle do corpo feminino”;
- “Do corpo que se distingue: a constituição do bom moço e da boa moça nas práticas escolares”;
- “Gênero e Dança na Escola Nacional de Educação Física e Desportos: Fragmentos de uma História”;
- “A Representação Social da Mulher brasileira na atividade físico-desportiva: da segregação à democratização”;
- “Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na Educação Física”;
- “Bela, Maternal e Feminina – imagens da mulher na revista Educação Física”.

3. Questões norteadoras, evidências e propostas

O interesse dos pesquisadores, pelas temáticas apresentadas, tem como ponto de partida, questões de natureza diversas. O conjunto de citações²¹, a seguir, exemplifica melhor esse processo de problematização e definição das questões objetos das pesquisas estudadas:

Amostra 01- (Laércio Pereira, 1984):

O autor pergunta:

Por que, apesar dos sérios empecilhos materiais e o preconceito generalizado, a mulher luta para entrar e permanecer numa carreira esportiva? Quem ou o que corrobora com essa decisão e essa carreira? Como e em que período os agentes atuantes desse processo são mais importantes? (p. 1)

As análises decorrentes dessas questões são perspectivadas considerando os seguintes aspectos: a) A prática esportiva das mulheres, b) informações gerais sobre a mulher no esporte no Brasil, c) Os agentes de socialização esportiva de mulheres universitárias participantes dos XXXII Jogos Universitários Brasileiros (JUB's).

O autor conclui que é na infância, através de atividades coletivas e sob a influência da escola, principalmente, onde acontece o primeiro envolvimento esportivo das atletas. Diz, também, que esse fato contraria as expectativas de influência, apenas, familiar.

De maneira geral, há influências sobre a prática esportiva, dos agentes socializantes (pais, irmãos, amigos, professores).

Amostra 02 – (Tânia Azevedo, 1988):

Apesar de não haver, explicitamente, uma questão elaborada, e sim um objetivo traçado, da forma a seguir:

... Este estudo procurará analisar os estereótipos e preconceitos em relação às práticas físicas da mulher, no âmbito escolar e desportivo (p. 7)

Percebe-se, nas entrelinhas, que esta autora afirma sobre a existência ou não de estereótipos e preconceitos.

Para desenvolver sua análise, utilizando os textos dos periódicos especializados em Educação Física, situados no período 1932 a 1987, é utilizada a seguinte categoria de

²¹ Todas as citações, retiradas das amostras deste estudo (dissertações e teses), para compor esse tópico, foram transcritas como constam no original e estarão sempre dentro de molduras. Da mesma forma aparecerão, os resumos originais das obras, no anexo IV.

análise: Participação da mulher em desportos e atividades esportivas nos aspectos biológicos, psicológicos e sociológicos.

Entre as principais evidências, são enumeradas:

- Existência de preconceitos e estereótipos femininos no âmbito do desporto, os quais, na opinião da autora, são reflexos de concepções sexistas mais amplas em relação á mulher;
- O cerceamento da prática desportiva feminina é justificado pelo mito da feminilidade, que se constitui na beleza, fragilidade e maternidade, entre outras qualidades.
- As bases biológicas não fundamentam as restrições do desenvolvimento da força muscular pelo sexo feminino;
- Os valores sociais que agem sobre a mulher fazem com que as mesmas desconheçam suas potencialidades físicas. Chegam, inclusive, a rejeitar as possibilidades de desenvolvê-las;
- Existem diferenças físicas entre os sexos, mas poderiam ser menores, caso fosse diminuída a influência dos preconceitos e estereótipos;

No sentido de superar, essa problemática, a autora aponta, como saída efetiva, a transformação da sociedade para que possa ser efetivamente igualitária, democrática e livre.

Amostra 03 – (Eliane Chagas, 1991):

Para investigar as questões, abaixo,

Existe modelos de corpo de mulher, idealizados pelo imaginário feminino, fazendo parte do seu cotidiano e de suas aspirações, como vão se moldando em sua totalidade psicossocial e histórica esses modelos? Quem os produz; como são colocados para a sociedade e a quais objetivos estão vinculados? (p. 6)

Existirá um único modelo de corpo feminino, a ser aspirado por todas as mulheres de maneira ampla e semelhante, ou esses modelos são diferenciados? Se concordamos que são diferenciados, o que os diferencia? (p.6)

Mulheres de classes sociais diferentes, seus corpos são padronizados de acordo com a sua validade no mercado, corpos produtivos, corpos belos, corpos 'consumíveis'. [...] como se traduz e reflete essa realidade, na consciência da mulher?" (p.10) "Que papel cabe então à mulher em nossa sociedade? (p11)

Como se articulam na vida cotidiana das mulheres os interesses econômicos, esculpindo os corpos adequados para a reprodução do sistema capitalista, atuantes na esfera da produção e do consumo? Como são esses corpos? Quais são esses corpos? O que os torna diferentes ou semelhantes (p.17)

- Estará a Educação Física em sua prática curricular, veiculando, algum ideal de corpo feminino? - Que modelo de corpo de mulher está sendo trabalhado, pelas academias de ginástica e pelas escolas? - A que interesses está servindo a Educação Física, expressos pelo modelo de mulher que é reproduzido na prática das escolas e academias? - Que possibilidades e limites se colocam para a Educação Física, no sentido de superação desse quadro, na perspectiva de construção de uma nova sociedade? (p. 24)

a autora organiza seu trabalho em cinco itens: 1) Revendo os dados da Biologia, 2) O Corpo feminino: um pouco de história, 3) A indústria cultural e a formação do imaginário feminino, 4) Educação Física: escola de...formação do corpo feminino, 5)Academia: espaço de materialização do desejo.

Os resultados são apresentados em dois blocos; o *primeiro*, sobre a escola, evidencia que a Educação Física adquirirá um valor significativo, na luta contra a discriminação e a exploração corporal, se na prática pedagógica: a) denunciar o sexismo, b) fundamentar, a partir de uma abordagem materialista-histórica, as questões da sexualidade, implícita no movimento humano, c) Discutir, com os alunos, questões sobre as relações do corpo feminino nas esferas do trabalho, lazer, sua exploração, uso e manipulação, d) refletir sobre o corpo feminino na esfera privada, suas relações com os meios de comunicação de massa e com a publicidade.

No *segundo* bloco, sobre a academia, a autora, chama a atenção para uma reflexão sobre o caráter pedagógico da academia, o compromisso desta enquanto reivindica a responsabilidade nos cuidados da saúde das pessoas e o papel do profissional que ministra as aulas no interior das mesmas.

Em relação à escola, a aula mista seria uma das saídas de grande avanço, na opinião da autora. Quanto às academias, não há proposição definida.

Amostra 04 – (Maria do Carmo Saraiva, 1993):

A partir de uma abordagem histórica cultural, a autora apresenta suas preocupações iniciais, e explicita que:

Este estudo concentrou sua atenção na análise de condições empíricas da formação de conceitos estereotipados relacionados às diferenças entre os sexos, que aparecem no fenômeno esportivo e na Educação física” (p. 1-2). “Neste sentido, as primeiras questões que aparecem são: 1) Como identificar os estereótipos sexuais e de que necessidades sociais e/ou individuais se formaram as diferenças específicas de sexo? 2) Como são adquiridas essas características e formas de comportamento? Num segundo momento: 3) Que tipos de relações os estereótipos propiciam aos seres humanos, enquanto seres sociais e individuais e sob quais necessidades eles existem ainda hoje? 4) Como interagem as pessoas estereotipadas com e na sociedade. Ou quais as conseqüências da interpretação da existência dos estereótipos face às perspectivas de mudanças, de transformação social e, especificamente, na prática pedagógica da Educação Física? (p. 15)

Buscando respostas para essas questões, a autora faz um percurso sobre vários temas, entre eles, a estereotipia e a socialização, o contexto sociocultural dos papéis, o desenvolvimento de características e formas do comportamento específico para os sexos, a Educação Física, esporte e socialização, por fim, as perspectivas de transformação e co-educação.

Nesse sentido trabalha com alguns pressupostos, entre esses: a) emancipação feminina ou a igualdade das diferenças; b) a nova imagem de homem ou o primado da sensibilidade; c) O papel da educação e da Educação Física.

A autora apresenta, ainda, uma concepção de co-educação, afirmando que, nas aulas de Educação Física, as meninas e os meninos devem receber os mesmos modelos e, também, vivenciar as mesmas práticas. Isto desenvolverá a compreensão de diferentes manifestações e representações do agir esportivo.

Amostra 05 – (José Luiz Ferreira, 1996):

Através de um relato sobre a sua vivência com a Educação Física, o autor vai aos poucos apresentando seus questionamentos...

Quando comecei a dar aulas de Educação Física fui percebendo, aos poucos, que algo mais do que o biológico existia e que merecia uma atenção especial. Uma das primeiras questões que me inquietavam era a distância existente entre os docentes de sala-de-aula e os docentes da Educação Física. Não sabia se realmente os problemas que enfrentavam eram os mesmos ou se aquela diferença estava ligada aos conteúdos da Educação Física ou à própria visão que se tinha da profissão. Por que esta distância, se os alunos e alunas da professora de sala de aula eram os mesmos da Educação Física? (p.12)

Outra percepção que eu destacaria e que passo a elaborar teoricamente na presente dissertação, diz respeito aos papéis atribuídos aos meninos e meninas nas aulas de Educação Física. Estariam estes papéis atribuídos somente em função das diferenças biológicas ou por determinações sociais sobre o que podem os meninos e o que podem as meninas? (p.13)

Que contribuições a Educação Física enquanto uma área de conhecimento, pode dar para a construção de uma sociedade menos sexista, já que esta sociedade privilegia um sexo em detrimento do outro? Por que a Educação Física manteve-se e ainda se mantém tão rigidamente ligada à separação dos sexos? (p.21)

Para desvelar essas questões, o autor desenvolve uma análise, tendo como categorias, a contradição na relação teoria-prática, na prática da Educação Física e a participação de meninos e meninas nas atividades específicas da Educação Física.

Dá evidência que:

- Há que se considerar a extensão dessa problemática para além do nível da micro-estrutura social;
- A teoria marxista permite melhor conhecer a forma e as razões pelas quais as diferenças sociais entre os sexos continuam conflitantes na sociedade capitalista;
- Meninos e meninas recebem tratamentos diferenciados, conforme as brincadeiras e os jogos selecionados pelo (a) professor (a);
- A esfera social repreende mais as meninas que os meninos;

- Cada vez mais, a escola reforça as diferenças entre os sexos;

O autor propõe, dentre vários indicadores de possibilidades de intervenção, a) colocar em confronto na aula de Educação Física, os preconceitos, os tabus e as diferenças, b) intervir, na realidade objetiva, numa dupla frente: na luta pela melhoria das reflexões de problemas enfrentados na prática escolar, e na conscientização, em nível macrossocial, da emergência dos papéis assumidos pelas mulheres nos últimos anos na sociedade.

Outra possibilidade salientada, pelo autor, como fundamental, é construção de uma metodologia de trabalho que considere as lutas de classe, mas também os fatores de discriminação social.

Amostra 06 – (Carlos Junior, 1997):

A consciência das questões, extremamente injustas, afetas às minorias sociais, idosos/as, negro/as, mulheres, participantes da classe trabalhadora, pessoas com necessidades especiais, e o envolvimento com o projeto ‘Idosos em Movimento – Mantendo a Autonomia’ – IMMA, fizeram Cunha Junior enveredar pelas reflexões em torno do gênero, buscando falar sobre:

Como foram construídas as concepções dos/as idosos/as do IMMA sobre a feminilidade e a masculinidade; quais os preconceitos e os estereótipos que fundamentam as determinações e limitações para os padrões de comportamento e atuação de homens e mulheres nas décadas iniciais do século inicial. (p.3)

Em função dessas questões, suas análises voltaram-se para os contextos familiar e escolar, especialmente, em torno da disciplina Educação Física.

Sendo assim, o autor delinea como objetivos:

[a] identificar as brincadeiras e as atividades físicas praticadas nos âmbitos formais e não formais por alunos/as do IMMA durante sua infância e juventude; [b] interpretar a ocorrência ou não de manifestações de sexismo nessas atividades e interpretar tal presença ou ausência; e [c] discutir a influência da família e das atividades do cotidiano escolar, incluindo as da disciplina educação física, na construção de estereótipos, preconceitos e discriminações sexistas que podem ter colaborado para a implementação dessas práticas no conjunto de experiências em brincadeiras e atividades físicas do grupo. (p.4)

Entre o que ficou evidenciado no estudo, destacam-se:

- a) As “limitações e restrições” enfrentadas por mulheres e homens, no decorrer de suas experiências cotidianas, relacionadas ao gênero e a articulação deste com a categoria classe;
- b) A família e a escola influenciaram significativamente a construção social do gênero do grupo estudado, bem como, a formação dos conceitos, comportamentos e manifestações dos/as alunos/as deste grupo.

O autor ainda evidencia duas questões para enriquecer a proposta pedagógica do projeto IMMA: 1) o convívio entre os gêneros e, 2) a diferenciação dos conteúdos. Sugestões pertinentes ao tipo de trabalho que pretende desenvolver no referido projeto.

Amostra 07 – (Edson Oyama, 1997):

Este autor inicia sua investigação indagando sobre:

... por terem Educação Física, existe diferença na adaptação ao, interação com e transformação do meio dos idosos, em relação às categorias de gênero? (p. 7)

A partir de uma revisão da literatura, constando dos tópicos: 1) o envelhecimento, 2) tema gênero e o processo de envelhecimento, 3) envolvimento de idosos na prática de atividades motoras/Educação Física, consideradas as categorias de gênero, o autor inicia um percurso de aproximação com a questão, utilizando, para tanto, as categorias de análises: adaptação (ao), interação (com) e transformação do meio.

De acordo com as análises obtidas através de informações com os participantes do Programa de Educação Física – Projeto “Vida Ativa”, o autor conclui que:

- Não existiu diferença significativa na adaptação ao meio entre homens e mulheres idosos;

- O estudo diferiu das suposições sistematizadas a partir da revisão da literatura.

Amostra 08 – (Alex Fraga, 1998):

Questões, tais como:

... de que maneira a instituição escolar, a partir da Educação Física, sistematiza os mais diversos discursos que atravessam corporalmente os sujeitos masculino e feminino? Como os/as adolescentes se movimentam em suas relações sociais, dentro dessa rede discursiva que produz, ao mesmo tempo, expectativas, correspondências, alteridades e ressignificações?... (p.11)

De que forma os sujeitos atuavam sobre si mesmos, sobre suas ações, comportamentos e atitudes, com vistas a conformarem, em seus próprios corpos, uma norma considerada verdadeira? (p.13)

Como se constitui um jeito bem comportado e obediente de ser jovem, que se efetiva nas práticas escolares a partir de um discurso que denominei de bom-mocismo? (p.7)

possibilitam ao autor, a partir de três eixos de análises, refletir acerca dos sujeitos e dos lugares, do tempo codificado no corpo, e do corpo em discurso.

Ficou evidenciado que:

- A produção em si mesma, do corpo que se distingue, se dá com padecimento;
- O discurso, do *bom-mocismo*, é constituído pela lei da obediência, inscrita de forma rígida nos corpos daqueles que se sujeitam a ela.

Amostra 09- (Helena Altmann, 1998):

Na tentativa de sistematiza as análises desenvolvidas sobre as questões abaixo,

Estudos apontam que meninos ocupam espaços mais amplos na escola, [...]. Quais as implicações disso para aulas que têm o esporte como seu principal conteúdo? Como o esporte, apontado como importante na construção da identidade masculina [...] cumpre esse papel quando praticado simultaneamente por meninos e meninas? E quanto a outros jogos, em que a prática destes se diferencia da prática desportiva? (p. 3)

Estudos mostram que as ações pedagógicas de professores e professoras de Educação Física são permeadas de relações hierárquicas de gênero, de modo que suas aulas acabam reproduzindo estereótipos sexuais socialmente construídos[...] E quanto aos estudantes? Será que aceitam pacífica e

submissamente imposições feitas pelos docentes ou agem ativamente durante as aulas, sendo co-responsáveis pelas relações e pelos processos educativos que ali se estabelecem? [...] estudos apontam a existência de relações de gênero hierarquizadas nas aulas dessa disciplina com dominação masculina. Mas como se estabelecem estas relações entre os estudantes no cotidiano escolar? As relações entre meninos e meninas são restritamente relações entre dominadores e dominadas? (p.4)

Enfim, [...] Como alunas e alunos constroem as relações de gênero nas aulas de Educação Física? (p.5)

a autora transita através das categorias: ocupação do espaço físico escolar, exclusão nos esportes, e cruzamento de fronteiras de gênero e da sexualidade na escola, evidencia que separar meninos e meninas nas aulas é, antes de tudo, a) estabelecer uma divisão polarizada entre os gêneros; b) exagerar uma genereficação das diferenças entre os indivíduos; c) tornar mais rígidas, do que são, as fronteiras das divisões de gênero; d) negar a possibilidade de cruzá-las, tanto a meninos, quanto a meninas; e) furtar-lhes, de antemão, a possibilidade de escolha entre estarem separados ou juntos.

Amostra 10- (Ana Pacheco, 1998):

Nos objetivos descritos, abaixo, pela autora,

...(a) evidenciar os pressupostos que fundamentaram as determinações, limitações e possibilidades para os padrões de atividades físicas femininas e masculinas, principalmente no que se refere à dança;

(b) discutir sobre aspectos específicos inerentes à cadeira Ginástica Rítmica (posteriormente designada de Dança e de Rítmica);

(c) verificar como foi encaminhada a relação entre os sexos a respeito de uma postura mantenedora/contestadora de preconceitos e estereótipos,

(d) analisar o processo de discussão e implementação das aulas de dança para os homens (Rítmica);

(e) comparar as semelhanças e diferenças da dança no contexto do curso antes e após a introdução da Rítmica. (p.9)

Trocando-se os verbos, que iniciam os objetivos, por “Quais” e/ou “Como”, temos, então, as questões norteadoras desse estudo. As categorias ou tópicos de análise, foram:

- Educação Física: Por onde anda a sua dança? – um panorama bibliográfico;
- Uma questão de gênero;
- Gênero e dança na Escola Nacional de Educação Física e Desportos.

A autora evidencia que a dança pode reforçar estereótipos, como, também, pode contribuir para que as concepções de masculinidade e feminilidade sejam menos restritas e limitadas. Sugere, ainda, práticas e discussões sobre as instâncias de gênero nas propostas curriculares dos diferentes níveis de ensino.

Amostra 11- (Eustáquia Sousa, 1994):

Tendo como ponto de partida:

- a) A idéia da separação de homens e mulheres na Educação Física, apesar desses estudarem nas mesmas escolas, tal separação é necessária para o alcance dos objetivos dessa disciplina, como consta no Decreto 69.450/71;
- b) Os protestos gerados por professores de Educação Física, apoiados pela escola, quando do processo de organização de turmas mistas em Belo Horizonte,
- c) A adoção de um só currículo para a formação do professor e da professora no curso de Licenciatura em Educação Física em Belo Horizonte;

A autora elabora as seguintes questões:

...Por que a Educação Física é ensinada a homens e mulheres separadamente? Quais são as intenções e os fatores que sugeriram não só a separação dos alunos e alunas, como a organização de turmas mistas para as aulas de Educação Física, em escolas de Belo Horizonte? Por que a organização de turmas mistas está provocando tanta polêmica no meio educacional? (p.2)

...que condicionamentos históricos vêm alterando essa adjetivação do esporte em masculino e feminino? Tais alterações vêm influenciando o ensino da Educação Física na escola? (p.3)

Como os condicionamentos históricos atuam nas mudanças e/ou nas permanências de tais currículos de formação do professor e da professora de Educação Física e como isso interfere nas suas ações docentes? (p.4)

...Por que, a partir dessa época [fim dos anos 80 e o início dos anos 90]²² intensificaram-se as pesquisas sobre atividades físicas das mulheres? Que resultados esses estudos obtiveram e que significados têm para a Educação Física escolar? (p.5)

Para refletir sobre as indagações, acima, explicitadas, Eustáquia Sousa constrói uma história do ensino da Educação Física em Belo Horizonte, a partir das relações de gênero estabelecidas, conforme as seguintes perspectivas:

- Nos cursos Primário, Secundário e Normal, no período de 1897 a 1952;
- Nos cursos de formação do professor e da professora de Educação Física, no período compreendido entre 1952 a 1994;

Por último, para compreender as relações de gênero no ensino da Educação Física, no presente – anos 90, Sousa propõe-se a rever os anos oitocentos, onde, nos achados históricos, encontra subsídios que permitem destacar alguns aspectos que esta considera básicos, ou seja:

... a perpetuação do sexismo e da dominação masculina; ... a legitimação dessa hierarquia pelo contexto sociocultural e político dominante; os condicionamentos históricos que perpetuam tais relações de gênero, em todos os níveis escolares e a discussão acadêmica em torno dessas relações, no âmbito de Educação Física (p. 208)

Como resultados desta investigação são apresentadas pela autora, algumas reflexões, entre as quais destacam-se:

- A história que tem sido construída, no decorrer dos anos, ocultou, por meio das diferenças biopsicológicas, as relações de poder do homem sobre a mulher.

Nesse contexto a

Educação Física, alimentada e modernizada, ao longo do tempo, por um conjunto de ideologias fundadas, principalmente, no Positivismo, no Liberalismo, no Catolicismo e no Capitalismo, reproduz e reforça a hierarquia dos sexos, com dominação masculina, presente no mundo do trabalho e na sociedade como um todo (p.226)

²² Período inserido na citação conforme leitura do texto, grifo meu.

- Apesar de serem introduzidas as aulas mistas, a escola ainda mantém a separação e a hierarquização entre homens e mulheres. E eu acrescento: em vez de aulas co-educativas, o que tem sido desenvolvido nas aulas de Educação Física é, talvez, a co-instrução, pois, mesmo sendo realizadas, no mesmo espaço físico, a separação é incentivada sob diferentes formas. A mais comum dessas é aquela onde as atividades se diferem conforme o sexo, o que transforma a aula em duas: uma para os meninos, por exemplo, a “pelada de futebol”, e outra, para as meninas, no jogo de “pular elástico”.
- Os estudos relacionados com a questão do gênero se apresentam como emergentes, e torna-se, assim, uma discussão fundamental no processo educativo, pois,

... não há como negar a ressonância de tais construções no cotidiano e nas práticas escolares (p. 227)

Sousa sugere, ainda, que novos estudos e práticas pedagógicas sejam desenvolvidas, no sentido de uma ação educativa onde mulheres e homens, de forma “conjunta e indiscriminadamente”, possam desenraizar o sexismo tão presente, e, dessa maneira, construir uma nova sociedade, cujos atributos de homens e mulheres sejam repensados.

Amostra 12- (Ludmila Boccardo, 1998):

Este estudo constrói a trajetória da mulher brasileira e a sua participação nas atividades físico-desportivas, no cenário do final do século XIX e início do século XX. Diz sobre o processo de emancipação da ‘mulher de elite’, ou seja, das classes favorecidas, na luta pela sua inserção no espaço público, especialmente aquele que tem sido

hegemonicamente pertencente ao homem: o espaço da prática da atividade física e esportiva.

De acordo com a autora, esse locus social apresentou-se, sobretudo neste período, como um espaço inadequado para a participação da mulher, sendo consensualmente utilizados fortes argumentos no sentido de dificultar sua participação. Quando esta ocorria, preconceitos e discriminações eram bastante evidentes.

Nesse sentido, a autora busca revelar:

Quais os sentidos das representações e práticas sociais vinculadas às idéias de segregação, participação e democratização relativas às atividades físico-desportivas femininas de 1870 a 1950 (p.5)

Na busca de respostas para esta questão, Ludmila Bocco identifica, analisa e interpreta os sentidos dessas representações, as quais são consideradas como aspectos da realidade social que contribuem significativamente para a construção da identidade individual e do grupo.

Para tanto, a autora

a) Avalia

... o conjunto de representações e práticas sociais que evidenciam a passagem da segregação à democratização da atividade físico-desportiva da mulher brasileira de elite, considerando sua inserção e crescente participação nesta atividade. (p.5)

b) Identifica

... as correntes de pensamento e práticas sociais que influenciaram a cultura brasileira de um modo geral, e especificamente a dimensão físico-desportiva da mulher de elite (p.6)

c) Identifica, descreve e interpreta

... os mecanismos que concorreram para a produção de representações sociais associadas à prática de atividades físico-desportivas femininas, que foram elaboradas (pelos grupos que ocuparam o poder) com a intenção de desestabilizar

o núcleo central das representações cristalizadas no cenário nacional de 1870 a 1950. (p.6)

d) Detecta, também, neste período

... as representações sociais que foram sendo produzidas, sua estabilização e os processos de alteração que sofreram. (p.6)

Como resultados do estudo, foram detectados:

- Algumas mudanças relativas à emancipação da mulher no esporte;
- Crescente liberação da prática físico-esportiva feminina;
- Menos restrições à prática de esportes considerados masculinos;
- Menor controle da família e do sistema social sobre a opção da mulher em relação ao esporte a ser praticado;
- As mulheres esportivas ainda são alvo de avaliações negativas e restritivas, quanto à sua participação no espaço público do esporte em vez do confinamento no lar, ou seja, no espaço privado;

Enfim,

A tese fornece evidência positiva para a hipótese de que as representações e as práticas associadas a um mesmo campo simbólico, embora dinamicamente diferentes, engendram-se reciprocamente (p.vii)

Amostra 13- (Silvana Goellner, 1999):

Nas entrelinhas, desta tese, percebi que a autora se propôs a evidenciar imagens da mulher apresentada na revista ‘Educação Physica’, desde a sua primeira edição, publicada em 1932 até a última, nº 86, publicada em 1945. Reflete, também, sobre as práticas corporais e esportivas no contexto das modificações estruturais da sociedade brasileira,

considerados os aspectos políticos, econômicos e culturais. Dessa maneira, Silvana Goellner, constrói e narra uma história a partir dos

“... fragmentos do passado, vínculos, persistências e possibilidades com o presente e o futuro, não no seu desenrolar contínuo e cronológico mas na descontinuidade dos enlaces que eles se vão construindo” (p.13)

Conhecer e imaginar as representações constituídas e reproduzidas, para o sexo feminino, nesse primeiro periódico específico da Educação Física, publicado no Brasil, constitui-se sua trajetória, assim como, também, seu objetivo fundamental.

De acordo com a autora, em suas reflexões, a Revista Educação Física:

- *“... elabora, reelabora e reproduz imagens e textos aprendidos pela memória, pela sensibilidade e pela inteligibilidade de sujeitos que são diferentes entre si, portadores de distintos olhares sobre o corpo de mulheres e de homens e sua capacidade e possibilidade de movimentação” (p.16)*
- *“... embora não trate especificamente da Educação Física feminina, reproduz, cria e recria diferentes imagens do corpo da mulher. Imagens descritas em palavras, imagens desenhadas e fotografadas que representam corpos reais e idealizados e que são assumidas ou não pelas leitoras”. (p.16)*
- *“... no que se refere às imagens do feminino, [...] pouco movimento confere à tensão entre o singular e o plural (p.16)*
- *“... toma como referência a mulher adulta jovem, branca, heterossexual e de classe média, para as quais as atividades físicas, além de estarem relacionadas com a construção de um estado satisfatório de saúde, representam exercícios de sociabilidade que as afirmam em espaços tidos como de domínio masculino...” (p.16-17)*
- *“... exhibe diferentes recomendações para as mulheres” (p.17)*
- *“... Afirma um discurso voltado para a produção da ‘nova mulher’: moderna, ágil, companheira, responsável, capaz de enfrentar os desafios dos novos tempos” (p.17)*
- *“Coragem, ousadia, liberdade de movimentos e ações, esperteza, sagacidade, sensualidade são atributos que compõem a imagem [...] como própria da ‘nova mulher’ (p.21)*
- *“... os editores [...] se empenham em incentivar a prática esportiva feminina recorrendo a diferentes estilos discursivos e fontes iconográficas para fazer valer suas intenções” (p.20)*
- *“... Divulga idéias, produtos e serviços necessários à vida que se agita e que, num átimo, conferem às mulheres e às cidades um tom mais moderno e sensual” (p.20)*
- *“Apesar da predominância da escrita dos homens, também há, [...] a presença do discurso das mulheres. Feito não tanto por palavras, mas por gestos fotografados. Construído de imagens e silêncios” (p.22)*

- *“As fotos de mulheres [...] são frases silenciosas. Dizem o que seus editores pretendem dizer, embora saibamos que as imagens adquirem significados não apenas pelo que exibem” (p.22)*
- *“...são atuais as imagens [...] ainda que publicadas há mais de meio século [...] retratam mulheres exibindo corpos belos, saudáveis e bem dispostos, ao se juntarem às palavras, adquirem um tom de ordem [...] Ou seja: não coloque em dúvida o fato de fazer ou não ginástica, de usar ou não corretamente os músculos ou de amar ou não a Pátria. Simplesmente faça, use, ame. (p.23)*
- *“... a mulher ilustra e dá significado ao corpo da Revista Educação Physica, arregimentando sobre si textos e imagens que sugerem, direta ou indiretamente, aquilo que convencionalmente se designou como imperativo de seu sexo: seja bela, seja mãe e seja feminina” (p.23)*

A tese demonstra que as palavras e as imagens podem fornecer diversos significados, conforme determinados momentos históricos, e a revista, objeto deste estudo, produzida numa época de mudanças significativas do ponto de vista social, cultural e econômico, é mais um veículo entre tantos outros a expressar e registrar em suas várias edições, maneiras peculiares de educar corpos de homens e de mulheres. Segundo a autora “Bela, maternal e feminina, [são] imagens afirmativas que permitem compreender que o corpo da mulher ao mesmo tempo em que é seu não lhe pertence” (p.180).

4. A Relação sujeito/objeto – sexo do(a) pesquisador(a)

No que se refere a esse tópico, observa-se, evidentemente, uma predominância do olhar feminino entre os treze trabalhos produzidos sobre gênero na/para a Educação Física. Alguns desses, tentam firmar-se como discursos denunciadores da realidade vivida pelas mulheres, considerando as conseqüências do processo de socialização sexista. Conseqüências essas que marcam a dualidade masculino/feminino e perpetuam todo o conjunto de estereótipos e preconceitos.

Outros trabalhos superam essa fase de denúncia, e a partir de outros olhares ousam em trilhar caminhos visando à transformação das relações entre homens e mulheres, sem a qual não será possível, qualquer transformação social.

São oito pesquisadoras que se dedicaram à pesquisa, na forma de dissertação e tese, dentro deste campo acadêmico. São elas: Tânia Azevedo, Eliane Chagas, Maria do Carmo, Helena Altmann, Ana Júlia, Eustáquia Salvadora, Ludmila Mourão e Silvana Goelner. Há ainda, pelo menos, mais duas referências femininas nesse campo: Neise Gaudêncio e Greice Kelly, cujos trabalhos não foram possíveis de ser estudados.

Entre os treze trabalhos estudados, pode ser constatada, ainda, a presença de cinco pesquisadores preocupados com as relações de gênero no campo da Educação Física, São eles: Laércio Pereira, José Luiz, Carlos Fernando, Edison Oyama e Alex Fraga. De modo geral, os trabalhos produzidos por estes, não adotam perspectivas de naturalização das relações de gênero, assim como não reforçam os papéis sexuais tão marcantes na sociedade.

Ao ler os trabalhos, um me chamou bastante a atenção pelos equívocos de ordem conceitual cometidos, inclusive de título. Refiro-me à dissertação intitulada: *“Educação Física e o idoso: implicações de gênero”*, o autor, ao observar, se por terem Educação Física (ou por estar participando de um programa de Educação Física do Projeto “Vida Ativa”) os (as) idosos (as) apresentam diferenças na adaptação, interação e transformação do meio, consideradas as categorias de gênero.

Um dos equívocos pode, já, ser verificado quando o autor fala de categorias de gênero. Então, pergunto: Que categorias são essas a que se refere o autor? Numa leitura mais atenta, a resposta dada à pergunta é, pois, a definição do sexo dos participantes do projeto, ou seja, masculino e feminino. Portanto, torna-se evidente que se trata de uma diferenciação sexual.

Revisando a literatura no subtítulo - “Tema gênero e o processo de envelhecimento” (p.25), ao referir-se ao termo “gênero”, diz ser necessário distinguir este de “sexo”.

Citando Huyck M. (1990, p. 124) diz, ainda, que enquanto o sexo indica a diferença fisiológica entre homens e mulheres, o gênero "...pode assumir tanto a dimensão biológica, quanto a psicológica e social, quer no nível da personalidade ou papéis sociais [...]" (p. 25).

A partir dessa diferenciação entre sexo e gênero, é que o autor faz sua opção pelo segundo termo, ou seja, gênero. O qual, segundo o mesmo, possibilita uma "liberdade conotativa".

Apesar dessa opção, as preocupações do autor, no decorrer da investigação, estão mais voltadas para a definição do termo "sexos", evidenciado a partir do determinismo biológico implícito em seu discurso, ou seja, das diferenças sexuais referendadas nos dados da biologia, mais precisamente, no domínio anatômico, que propriamente uma análise evocada pela definição de gênero, onde, na sua utilização mais recente, enfatiza, segundo Joan Scott (1995, p. 72), "... o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo".

Concordo com o autor, quando segue explicando que "... um estudo sobre gênero depara-se com certas peculiaridades, dada a complexidade do tema" (p.25). No entanto, justificar que "... o homem e a mulher apresentam características diferenciadas" (p.26), apenas, do ponto de vista de traços da personalidade, aparência física e comportamento, e por esse fato o estudo sobre gênero situa-se no contexto de diversas áreas do conhecimento, tais como, a biologia, a psicologia, a história, a sociologia e a antropologia, é um equívoco.

Esse modo de explicar o aspecto interdisciplinar do conceito de gênero. é equivocado. Seu caráter interdisciplinar advém das possibilidades dessas áreas do conhecimento questionarem: "Como o gênero funciona nas relações sociais humanas? Como o gênero dá sentido à organização e à percepção do conhecimento histórico? [...]"

essas questões dependem de uma discussão do gênero como categoria analítica” (Joan Scott, 1995, p. 74).

Com referência à afirmação do autor “... é muito freqüente, em estudos sobre o gênero, a não definição de critérios claros para o seu estabelecimento” (p. 26) e, nesse ponto, destaca três níveis básicos, os quais os estudos devem considerar: biológico, psicológico ou social. Ainda explicitando que para cada um desses níveis há categorias “intermediárias, dúplices ou simultâneas”, como exemplo, o hermafroditismo, androginia e bissexualidade. Parece-me que esta freqüência de não definição de critérios claros por ele citada, é típica do seu estudo, uma vez que gênero é neste entendido como sexo. Usa-o, portanto, “... para falar de pessoas ou criaturas do gênero masculino e feminino, com o significado de sexo masculino ou feminino” (Joan Scott, 1997, p. 71 In: Fowler, Dictionary of Modern English Usage, Oxford 1940), o que referente ao gênero, tal qual é concebido no seu aspecto interdisciplinar, nas ciências humanas e sociais, constitui-se num equívoco.

Essa argumentação encontra sentido, quando confirmada, no item que trata da metodologia, ao referir-se à amostra do estudo, diz o autor: “...sendo que o número de indivíduos do gênero feminino foi de [...] e o masculino cinco pessoas, ...” (p.36). O termo “gênero”, portanto, é confundido com “sexo”, ou designa apenas um termo gramatical, como se aprende na língua portuguesa – gênero (masculino e feminino).

Ainda argumentando sobre o fato de o autor optar pelo termo “gênero”, este justificado a partir do seu caráter mais abrangente ou de maior “liberdade conotativa”, mesmo assim, sem querer me aprofundar numa análise epistemológica, a qual compreendo ser aqui necessária, dois aspectos parecem bastante relevantes na análise deste trabalho: o primeiro, refere-se à discussão de ordem metodológica e técnica, as quais o autor - Edson Oyama - explicita que

... foi aplicada a técnica de análise de conteúdo às informações obtidas junto aos participantes do Programa de Educação Física do Projeto “Vida Ativa”, através da técnica de entrevista semi-estruturada. Após o tratamento e análise dos dados, mediante os procedimentos da estatística não paramétrica da Prova Exata de Fischer, a hipótese com característica de nulidade formulada não foi rejeitada de forma parcial, ou seja, por terem Educação Física, não existiu diferença significativa na adaptação ao meio entre homens e mulheres idosos. (p.x).

Com essa descrição, apesar da técnica utilizada, parece ser delineada mediante os procedimentos estatísticos, uma perspectiva de estudo, no enfoque natural-positivista, pois fica evidente, no decorrer da análise da temática “A Educação Física e o Idoso: implicações de gênero”, um reducionismo de cunho biopsicológico em detrimento de questões nas quais o conceito de gênero compreende o lugar na trama das relações sociais que se dão entre mulheres, entre homens e entre mulheres e homens.

O segundo diz respeito aos referenciais teóricos e a bibliografia consultada que, em grande medida, contemplaram os estudos relacionados com o caráter biológico da atividade física, em detrimento dos aspectos históricos e socioculturais.

Este fato contradiz o autor, quando, ao optar pelo termo gênero, justificado pela amplitude que este termo possibilita, reduz sua análise ao termo sexo, e também, desconsidera muitos autores reconhecidos nacional e internacionalmente na área dos estudos de gênero, e, mais especificamente, os autores brasileiros da área de Educação Física.

4. Do Lugar onde foram produzidos os estudos

Ao fazer esse mapeamento do lugar onde foram produzidas as dissertações e teses, foram considerados os aspectos: região do país, universidades e programas de pós-graduação, conforme se evidencia na tabela 1.

Nesse sentido, foi observada uma maior concentração dos estudos relacionados com a temática gênero, na região sudeste, totalizando 11 trabalhos, a seguir tem-se a região

sul (2), e, por último, a região nordeste (1). As demais regiões não apresentam trabalhos (conforme levantamento realizado em maio de 1999)²³, nesse campo de estudo.

Entendo que esses dados estão em conformidade, de uma forma geral, com a tendência da produção da pesquisa científica no Brasil, em termos de regiões e distribuição do número de Cursos de Pós-graduação (mestrados e doutorados), como também, das linhas de pesquisas, são melhor entendidos, levando-se em conta as condições econômicas, políticas e sociais dessas regiões e dos perfis organizacionais rígidos dos programas de pós-graduação, os quais não possibilitam uma maior investigação de problemas dessa natureza, ou seja, das relações de gênero.

Das universidades e dos Programas de Pós-graduação onde esses trabalhos foram realizados constam: USP (Programa de Pós-graduação em Educação Física), UFF (Programa de Pós-graduação em Educação), UGF (Programa de Pós-graduação em Educação Física), UNICAMP (Programas de Pós-graduação em Educação e Educação Física), UERJ (Programa de Pós-graduação em Educação Física), UFMG (Programa de Pós-graduação em Educação), UFSC (Programa de Pós-graduação em Educação), UFRGS (Programa de Pós-graduação em Educação), e UFPB (Programa de Pós-graduação em Educação).

A tabela a seguir informa sobre esses programas, especificando a região do país, universidade, programas, número de trabalhos por programa e total de trabalhos por região e no geral.

Dos dados coletados pude observar e confirmar²⁴ uma maior concentração de estudos, relacionados com a temática, na região sudeste, em seguida, o sul e nordeste. As

²³ Levantamento preliminar sobre as pesquisas realizadas na Educação Física no Brasil, relacionadas com a temática gênero.

²⁴ Região sudeste, espaço de maior concentração da produção científica brasileira, conforme estudos de Rossana Silva (1997)

demais regiões não aparecem como locus de produção de trabalhos em forma de dissertação ou tese.

Tabela 1:

Caracterização do lugar onde foram produzidos os estudos.

Região do País (03)	Universidades (09)	Programas (10)	Nº de Trabalhos por programa	Total de trabalhos
Sudeste	USP	PPGEF	2	9
	UFF	PPGE	2	
	UGF	PPGEF	1	
	UNICAMP	PPGE e PPGEF	2	
	UERJ	PPGEF	1	
	UFMG	PPGE	1	
Sul	UFSC	PPGE	1	3
	UFRGS	PPGE	2	
Nordeste	UFPB	PPGE	1	1
TOTAL GERAL DE TRABALHOS				13

5. **Da orientação/co-orientação dos trabalhos e sobre a composição das bancas examinadoras**

Os dados, relativos a esses aspectos, são significativos do ponto de vista da participação tanto feminina quanto masculina, apesar de contrariar, de certa forma, minhas expectativas relacionadas com uma maior participação do sexo feminino, na orientação e co-orientação, desse tipo de estudo.

Da mesma forma contrária, também, a grande participação de homens nas bancas examinadoras, considerando que o gênero foi se articulando no contexto dos “estudos da mulher”, onde feministas que participavam do mundo acadêmico aos poucos foram colocando, no interior das universidades, questões que as mobilizavam, esperava-se das mulheres, uma participação mais efetiva em todos os aspectos identificados, o que não pôde ser vislumbrado conforme a tabela (2) abaixo:

Tabela 2:

Orientação/co-orientação e composição de Bancas Examinadoras.

CATEGORIAS	SEXO	
	Nº DE PARTICIPAÇÃO FEMININO	Nº DE PARTICIPAÇÃO MASCULINO
ORIENTAÇÃO	4	9
CO-ORIENTAÇÃO	1	1
BANCA EXAMINADORA	27	20
TOTAL	32	30

A qualidade dos dados quantitativos permite apontar que na Educação Física talvez não tenham sido as feministas aquelas que escreveram sobre gênero. A predominância dos homens com titulação para orientar teses e dissertações é um dado a ser considerado, pois das 5 dissertações defendidas em cursos ligados à Educação Física, por exemplo, todas foram orientadas por homens como também foram os homens maioria nas bancas examinadoras. Muito deles, inclusive orientadores, sem expressão alguma no campo de estudos de gênero. Já no campo da educação, foram 23 mulheres e 7 homens nas bancas examinadoras.

Esses dados são reveladores, quando se pensa na produção teórica da nossa área, que o acesso à titulação e ao respeito acadêmico no mundo dito como “científico” ainda é

mais masculino que feminino, mesmo em temas onde os orientadores não têm produção acadêmica. Dessa forma, as mulheres ficam sempre escondidas ou negadas em sua participação na academia, por uma ciência cujo domínio pertenceu e ainda pertence ao homem.

5. Paradigmas/abordagens teóricas utilizados nos estudos de gênero no campo da Educação Física/Espportes:

Entre os paradigmas presentes nas pesquisas sobre gênero da/para (a) Educação Física, foram identificadas as seguintes abordagens: marxismo e culturalismo²⁵, conforme tabela 3.

Na primeira concepção – *Marxista*, as problemáticas mais abordadas e questões priorizadas dizem respeito às desigualdades sociais, às formas de opressão e de subordinação a que são submetidas as mulheres e as demais minorias sexuais (gays e lésbicas). Apresenta como algo relevante na análise das questões de gênero, o aspecto conflituoso das relações sociais.

O pressuposto básico, dos trabalhos fundamentados nesta concepção, é de que um diálogo que alcance o sonho de uma sociedade democrática, justa e solidária e desperte nas mulheres e nos homens uma consciência crítica, não se resolve se não forem eliminadas as desigualdades em todos os níveis da vida humana.

Uma das obras, bastante utilizadas, que ilustram essa referência teórica, é “A origem da família, da propriedade privada e do estado”, de Friedrich Engels, na qual o autor mostra que o patriarcado constitui-se numa etapa posterior ao matriarcado, onde as mulheres teriam dominado a sociedade.

²⁵ Caracterização feita a partir do texto “As grandes escolas de pensamento Antropológico e o Gênero” da coletânea “Gênero, Violência e Sofrimento” de Miriam Pillar Grossi. (1998)

Essa discussão se faz, marcadamente, presente na dissertação “As relações de gênero nas aulas de educação física: um estudo de caso em uma escola pública de Campina Grande – PB”, do Prof. José Luiz Ferreira, orientada pela Profª Celi Taffarel.

O referido estudo destaca a reprodução de desigualdades entre homens e mulheres na sociedade capitalista, e como reflexo desta, o sexo masculino adquire um papel privilegiado, também, no contexto das aulas de Educação Física.

Em linhas gerais, o autor aponta para a possibilidade concreta de construção de uma teoria pedagógica, que fundamentada no ponto de vista da superação da sociedade capitalista, possa contribuir para a eliminação das diferenças, ainda, bastante evidentes entre os sexos.

Esta concepção, também, está bastante acentuada no trabalho de Eliane Pardo Chagas, intitulado: “Educação Física: reflexo das concepções dominantes sobre o corpo feminino”, que partindo do pressuposto da existência na sociedade, de padrões específicos do corpo feminino, evidencia que os mesmos são reproduzidos e perpetuados em diferentes instâncias sociais, tais como, meios de comunicação massiva, família, escola e ciência.

Diz, esta autora, que esse fenômeno da padronização, apesar de não ser exclusividade do modo de produção capitalista, mesmo assim, ele o constitui de maneira muito peculiar, e dessa forma,

“O corpo feminino, [...] responsabiliza-se, por um lado, pela própria produção enquanto mercadoria e, por outro, pela erotização dos produtos, às custas da dignidade humana, a serviço do comércio, desde o pequeno e familiar até os conglomerados e oligopólios” (p.7-8)

A segunda concepção – *Culturalismo*²⁶, é bastante recorrente nos trabalhos analisados, alguns utilizam essa perspectiva como referencial teórico. Outros, apenas,

²⁶ Às vezes denominada, também, de multiculturalismo ou estudos culturais.

estabelecem um diálogo com os autores, sem, no entanto, compartilhar dos conceitos por eles apresentados.

Aqui, é discutida, em grande medida, as políticas culturais e a construção de representações de identidades de gênero, as quais se materializam nas ações corporais, nos gestos, nas falas e nas diferentes maneiras de vivenciar o cotidiano.

Um postulado que fica evidente nessa abordagem, diz respeito à desconstrução de uma referência geral, adotada pela sociedade, de um tipo de sujeito que se acha no direito de representar as mulheres e os grupos sexuais subordinados, ou seja: homem ocidental, branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão.

Entre os autores mais citados, dos estudos culturais, por exemplo, estão Stuart Hall, Guacira Louro, Dagmar Meyer, e Susan Willis. A dissertação “Do corpo que se distingue: a constituição do bom moço e da boa moça”, de Alex Branco Fraga, orientada por Guacira Louro constitui-se numa das referências dos estudos culturais no campo da Educação Física/Esportes. Ela trata basicamente da constituição das formas de comportamento e obediência a que são submetidos(as) os(as) jovens nas práticas escolares tendo como fundamento o discurso, denominado, pelo autor de “bom-mocismo”.

Entre outras dissertações e teses, no campo da Educação Física/Esportes, pude destacar, ainda, marcadamente, situado nesta perspectiva, os estudos desenvolvidos por Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior, “Atividades físicas, brincadeiras e sexismo: as experiências de um grupo de idosos/as”, que traz, inclusive, no seu capítulo 1, a temática “O multiculturalismo e suas considerações com a educação, a educação física, a família e as pessoas idosas”.

Sobre o Estruturalismo e Pós-estruturalismo, classificados, também, como escolas de pensamento referências para os estudos do gênero na Antropologia, não posso afirmar da existência de estudos na área da Educação Física/Esportes.

Na tentativa de identificar, nos trabalhos estudados, alguma pista que levasse a abordagem Estruturalista, foi observado, em apenas um dos trabalhos, referência bibliográfica relacionada com essa perspectiva. Este fato ocorreu na dissertação intitulada “Quando a diferença é mito: uma análise da socialização específica para os sexos sob o ponto de vista do esporte e da Educação Física”, de Maria do Carmo Saraiva. A referida autora utiliza as palavras de Lévi-Strauss, seu maior representante, na seguinte citação:

“As histórias de caráter mitológico são, ou parecem ser arbitrárias, sem significado, absurdas, mas apesar de tudo dir-se-ia que aparecem um pouco por toda a parte” (1991).

E é nesse sentido, que as antropólogas feministas discordam desse autor, ou seja, quando via de regra, Lévi Strauss utiliza a expressão “todas as culturas” ou “por toda a parte”.

Mesmo assim, não se pode classificar o estudo da Prof^a. Maria do Carmo Saraiva Kunz como identificado com o estruturalismo, pois a mesma estabelece um maior diálogo com autores alinhados à teoria crítica, como exemplo: Herbert Marcuse, Max Horkheimer, entre outros.

Dessa crítica realizada, apresenta-se como fundamental uma política cultural disputada em torno das identidades culturais e identidades de gênero, frequentemente utilizada pelo culturalismo ou multiculturalismo, onde os discursos da diferença associados à tolerância são temáticos centrais.

Já as abordagens oriundas da vertente do *Pós-Estruturalismo*, segundo Miriam Grossi (1998)

...vem sendo bastante lida e criticada no Brasil nos cursos de Teoria Antropológica [...] Penso que esta escola é a que tem produzido de forma mais sistemática reflexões sobre o gênero, ampliando o campo de estudos inicialmente mais centrado na problemática da dominação das mulheres pelos homens a outras questões como a relação entre feminismo e a produção do conhecimento, a fragmentação do sujeito, e questões ligadas à transitoriedade da noção de identidade (p.3).

Nesta perspectiva a centralidade da linguagem é marcante, o que às vezes a confunde com a estética pós-moderna, chegando a se interceptar. Mesmo assim, há quem defenda por um lado que estas não são homólogas, por outro, alguns/algumas autores (as), em virtude das ambivalências, utilizam o anacronismo pós-moderno/pós-estruturalismo.

Na produção teórica da Educação Física, analisada neste estudo, pode-se observar esse caráter contraditório e ambíguo. Muitos dos trabalhos estão permeados por vestígios desse olhar ambivalente, quando discutem diferentes conceitos. Isto pode ser visto nos pares de associação que as dicotomias provocam. Como exemplo, a construção/desconstrução, igualdade/diferença, entre tantos outros presentes, também, no conjunto de idéias do multiculturalismo. No entanto, também, não dá para classificar como pertencentes a esta abordagem os trabalhos analisados.

Minha preocupação em estar apontando os rumos que estão sendo tomados ou que poderão ser tomados pelas pesquisas, no campo específico dos estudos de gênero na Educação Física, deve ser entendida, aqui, como uma tentativa de refletir sobre as questões teóricas dentro desse campo de estudo, pois penso que, muitas vezes, as várias teorias, frequentemente utilizadas, tornam-se incompatíveis, e estão, quase sempre, imbricadas.

É nesse sentido que Miriam Grossi (1998) explicita de forma bastante elucidativa esta minha preocupação. Diz ela: "... No meu entender, existe uma grande incompatibilidade entre estas teorias em torno de alguns conceitos centrais para a análise da problemática do gênero: poder, identidade, sexualidade, papéis sociais e representações simbólicas. Conceitos que muitas vezes são tomados como equivalentes por algumas autoras no Brasil." (p.3) .

Quadro 1:

Síntese dos paradigmas teóricos e temáticas utilizadas nos estudos de gênero no campo da Educação Física/Esportes

CORRENTES TEÓRICAS	TEMAS CENTRAIS	TEMÁTICAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA/ESPORTES
Marxismo	<ul style="list-style-type: none"> • Igualdade/desigualdade social e de gênero; • Opressão e subordinação da mulher; 	<ul style="list-style-type: none"> • O papel do esporte, da atividade física, da Educação Física na reprodução social do gênero; • Sexismo e estereótipos no esporte e nas aulas de Educação Física; • Aulas mistas e oportunidades de participação • Concepções dominantes e o controle do corpo feminino
Culturalismo	<ul style="list-style-type: none"> • Pedagogias culturais • Multiplicidade cultural • Múltiplas identidades 	<ul style="list-style-type: none"> • Identidades e formas de viver os prazeres corporais; • Constituição de corpos e identidades no contexto homoerótico • Esporte e mídia e a produção de identidade dos sujeitos;

No plano teórico pode-se observar, ainda, nos textos das dissertações e teses da Educação Física, um certo trânsito em relação às teorias apresentadas, sendo bastante complexo, portanto, delinear em qual dessas teorias se filiam os autores. No entanto, percebi que, apesar das divergências, há um eixo comum nas análises realizadas, quais sejam, o tratamento desigual do gênero humano sob o ponto de vista da participação de um e outro sexo na concretização das práticas corporais.

As pesquisas estudadas, aqui, incluem, de modo geral, temas relacionados ao poder, corporeidade e sexualidade. Temas estes, considerados, relevantes para uma análise histórica das formas de controle hegemônico exercidos pelos homens sobre as mulheres, também, nas práticas corporais.

Nesse contexto é que a Educação Física/Esporte, a partir dos corpos dos sujeitos, constitui a identidade. Mas, a cultura dita normas em relação ao corpo, ao ponto dessas normas serem incorporadas de forma “natural”, no entanto pode-se dizer que é o cultural aprendido.

Sobre essa questão, Alex Fraga (1998, p. 99), recorrendo a Denise Sant’anna (1995a), faz uma citação interessante, em sua dissertação intitulada: “Do corpo que se distingue: a constituição do bom moço e da boa moça nas práticas escolares”. Esta é a narrativa:

Memória mutante das leis e dos códigos de cada cultura, registro das soluções e dos limites científicos e tecnológicos de cada época, o corpo não cessa de ser (re)fabricado ao longo do tempo [...] Desse modo, não se trata de realizar uma listagem das maneiras supostamente exóticas de lidar com o corpo em outras épocas, mas sim de tornar questionáveis os gestos e as atitudes que ontem e hoje nos parecem familiares ou não. Pois o corpo são, convergências entre técnica e sociedade, sentimentos e objetos, ele pertence menos à natureza do que à história. O torna inútil retroceder a um suposto grau zero das civilizações para encontrar um corpo impermeável às marcas da cultura. (Denise Sant’anna, 1995a, p.12)

Dessa forma, corpos de meninos e meninas vão se constituindo culturalmente nas mais diversas instâncias e experiências, ou seja, naquilo que Louro, em seu livro - *O corpo educado*, denomina de “Pedagogias culturais”.

No plano discursivo, a Educação Física/Esportes e as demais práticas corporais, tornam-se assim, um eficiente instrumento de modelação dos corpos, e, conseqüentemente constitui-se numa das instâncias que exercem a produção de identidades dos sujeitos, entre tantas outras, como exemplo a mídia.

Os resultados obtidos neste estudo e as informações sistematizadas até aqui, querem, tão-somente, reconhecer a importância dessa temática no campo da Educação Física/Esportes. Apesar das diferentes perspectivas analíticas, das polêmicas e debates em torno dessa questão, torna-se fundamental perceber que o gênero é um conceito político

apropriado pelos movimentos sociais, cujas teorias são produzidas a partir dos movimentos feministas, com participação efetiva dos grupos sexuais minoritários (gays e lésbicas).

Gênero, portanto, demonstra que não são somente as características sexuais que efetivamente constituem o masculino e o feminino, mas as maneiras como são apresentadas e representadas, o que penso constituir o feminino ou o masculino como algo construído culturalmente e historicamente marcado.

Assim, recoloco as discussões, aqui desenvolvidas, no campo social e político, pois nestes campos são engendradas as distinções baseadas no sexo, e são neles “... que se constroem e se reproduzem as relações (desiguais) entre os sujeitos. As justificativas para as desigualdades precisariam ser buscadas não nas diferenças biológicas (se é que mesmo essas podem ser compreendidas fora de sua constituição social), mas sim nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação” (Guacira Louro, 1997, p. 22).

COMO SE FOSSEM AS ÚLTIMAS PALAVRAS...

*“Você não sente nem ver, mais eu não posso deixar de dizer meu amigo...
Que uma nova mudança em breve vai acontecer,
e o que há algum tempo era jovem e novo,
hoje é antigo...e precisamos todos rejuvenescer!...”*

(Belchior)

Angústias, ansiedades, descobertas e satisfações, impressas, no que aqui denomino de “as últimas palavras...” talvez reflitam, de algum modo, as únicas certezas experimentadas ao longo da trajetória deste estudo.

Assim, todo o esforço empreendido na construção dessa investigação, situada e datada, teve (tem) de ser necessariamente vislumbrada como uma possível leitura, um recorte dos fatos e dos problemas apresentados e representados.

O que foi dito, quem disse, como, e por que disse, constitui-se apenas num ponto de vista, ou, quem sabe, na vista de um ponto. Não quer ser uma verdade única, como, também, não encerra um último modo-de-ver as questões tratadas.

Espero que a leitura desta narrativa tenha sido, ao mesmo tempo, leve e amistosa, assim como, também, espero que desperte curiosidade nos leitores, incorporando o que agora penso, à vida cotidiana desses, apesar disto se constituir numa tarefa bastante difícil e complexa, mas também, um desafio.

Entretanto, por questões formais ou metodológicas, urge que se teça, daqui pra frente, as “considerações finais” ou “conclusões”. Por essa razão, neste momento de síntese, que é mais um diálogo²⁷, convém retomar a intenção primeira deste estudo, na

²⁷ *Diálogo*, no sentido empregado por Paulo Freire (1986), no seu livro *medo e ousadia*, ou seja, “o diálogo sela o ato de aprender, que nunca é individual, embora tenha uma dimensão individual” (p. 14).

tentativa de apontar alguns elementos relacionados com os aspectos do desenvolvimento dos estudos de gênero e a Educação Física no país, sobretudo, no que diz respeito à origem do conceito de gênero e a apropriação deste pela Educação Física e suas contribuições para a compreensão da organização da vida social.

Consideradas as análises desenvolvidas sobre as questões: Como a Educação Física se apropriou do conceito de gênero? O que se convencionou chamar “estudos de gênero” *na/para* (a) Educação Física? Como ela tem classificado como sendo estudos de gênero esse ou aquele trabalho? Qual o estado atual do debate sobre gênero na Educação Física, considerando as temáticas apresentadas pela produção acadêmico-científica?

As considerações que se seguem não significam, apenas, mais um passo de um processo formal de pesquisa, também, não pretendem solucionar as questões já explicitadas, buscam somente sugerir algumas idéias possíveis ou não de serem acatadas por quem enredar pelos estudos de gênero na Educação Física/Esportes.

Nesse sentido, penso que a consolidação dos Estudos de Gênero, apresentados muitas vezes sob o aspecto interdisciplinar, é permeada por muitas reflexões e entendimentos. Isto pôde ser percebido no decorrer do estudo, através das nuances teóricas.

Assim, entendo que a “condição de inacabamento” desses estudos, desenvolvidos na década de 80 e 90, de um modo geral, foram marcados por fatos e acontecimentos que contribuíram para as mudanças na imagem da produção acadêmica vivida na atualidade no campo dos estudos de gênero, e nele especialmente, o gênero “*da/para*” Educação Física.

As dissertações *da/para* (a) Educação Física escritas, sobre essa questão, nesse período, refletem, de algum modo, uma concepção de contestação política, revelando uma inquietação da sociedade face à supressão dos direitos de cidadania, especialmente, os direitos da mulher frente à prática da atividade física, e os questionamentos dos

preconceitos e estereótipos construídos na ordem social sobre a hierarquia sócio-esportiva de gênero.

No final desta década, acompanhando uma flexibilização das fronteiras dos campos do conhecimento ocorrida em outras áreas, a Educação Física, vivencia um momento de questionamento face ao paradigma científico (positivista) orientador dos discursos produzidos. Surgem, então, vários trabalhos com propostas à luz de referenciais críticos que permitem outras leituras acerca dos significados das práticas sociais.

Esse processo pode ser evidenciado, ainda, até meados dos anos 90. A partir de então, a maior parte dos trabalhos realizados passa a incorporar o discurso das representações sociais²⁸ que passaram a influenciar o universo da produção teórica da Educação Física brasileira, sobretudo, no campo das relações de gênero.

Para uma análise das sociedades contemporâneas, cujos problemas são altamente desiguais, conceitos/categorias como sujeito e identidade, que, também, são identidades de gênero, tornam-se, aqui, fundamentais para se refletir sobre algumas contradições sociais, e, dessa forma, superar a dicotomia indivíduo/sociedade, ressaltando a posição de exploração/subordinação/opressão, entre outras.

Desde a reflexão sobre a “história das mulheres”²⁹, ao questionamento sobre a existência de uma única condição feminina, introduz-se uma nova idéia no discurso feminista, a idéia da diferença, ou seja, de uma suposta subjetividade feminina, que durante todos esses anos, possibilitou a produção de muitas imagens do corpo da mulher refletidas, nos aspectos da “beleza, maternidade e feminilidade”, como nos apresenta Silvana Goellner (1999), em sua tese de doutorado.

²⁸ Um exemplo clássico, dessa dimensão teórica, pode ser melhor identificado na tese de doutoramento de Ludmila Boccardo, (1998), intitulada: “A representação social da mulher brasileira na atividade físico-desportiva: da segregação à democratização”.

²⁹ Segundo Scott, esta é “... uma história que toma a noção de dominação, de poder desigual, que continua a analisar a atividade das mulheres entre elas, as idéias políticas das mulheres”

Imagens produzidas no passado que, ao serem rememoradas, dizem do tempo presente, porque nele interpretadas e dizem do futuro porque já gravadas no nosso imaginário e na sensibilidade e inteligibilidade pelas quais as olhamos/entendemos e imaginamos vir a ser. (p. 1).

Tempo e espaços, estes, situados conforme as modificações políticas, econômicas e culturais da sociedade brasileira.

Aqui é colocada em “suspense” a possibilidade de vir-a-ser instituído um novo termo/conceito para a reflexão que foi impulsionada pelo diálogo com o feminismo na academia brasileira. O gênero representa esta escolha, que “... não é ingênua nem arbitrária, pelo contrário, remete às controvérsias sobre a natureza e os limites dessa área de estudos”. (Heilborn Maria & Bila Sorj, 1999, p. 187)

A partir dos estudos de Foucault, Derrida e Lacan, muitas estudiosas feministas começaram a discutir e a repensar suas idéias sobre a história e a história das mulheres, inclusive, Joan Scott, que escreveu, alguns artigos, influenciada pela chamada “virada lingüística”³⁰. Nesse contexto é que a idéia de gênero foi desenvolvida como categoria de análise histórica, ou seja, quando Joan Scott historiciza a categoria “mulheres”.

Sendo o gênero um conceito relacional, há de se pensar nele, a partir da noção de diálogo, que pressupõe a relação entre os sujeitos. Há de se considerar as articulações que este pode manter com outras categorias e conceitos, tais como: idade, etnia, classe, sexo. Diferentemente do feminismo, que teve uma conotação de exclusão do homem, aqui se encontra o momento adequado da inclusão destes.

Do debate acadêmico sobre a questão do gênero, instituído nas chamadas ciências humanas, sobretudo, a partir dos trabalhos produzidos no campo da educação, a Educação Física percebe-se como um locus apropriado para discutir esse conceito/categoria, considerando que a mulher e o homem, nas práticas corporais e esportivas, sempre

³⁰ concepção que utiliza a linguagem, textos como textos, sem instar sobre os aspectos da realidade, sobretudo, da experiência fora de qualquer contexto lingüístico, de pensamento e de discurso. Sobre essa questão ver: *Entrevista com Joan Wallach Scott* (1998).

estiveram separados, e conforme as atividades/conteúdos, a Educação Física sempre apresentou um viés sexista destinando à mulher um papel secundário.

É sabido, de maneira geral, que, na presença de homem, a mulher quase nunca se expressa...termina sua fala...ou, então, fala com um tom diminuído. Essa é uma história muito freqüente em nossa sociedade fortemente machista, apesar de, contemporaneamente, essa (mulher) ter rejeitado o fato de continuar a ser objeto de dominação do homem, ou aceitar a condição deste como dominante. Mesmo assim, ainda, não conquistou por completo, na luta, sua libertação...e essa responsabilidade é sua, com a contribuição de alguns homens³¹ que concordam com estas, mas “...a luta das mulheres deve ser liderada por elas”(Paulo Freire, 1986, p. 198).

Enfim, à mulher pouca oportunidade é dada de se manifestar criticamente em público, enquanto que ao homem, submetido desde muito cedo, na família e na escola, a um treino sexista, no qual, o “direito” de interromper a fala da mulher, explicita seu “poder”, expressão primeira de autoritarismo.

Nesse sentido, é conveniente resgatar as palavras de Paulo Freire, pouco ou quase nunca citado sobre essa questão, quando comenta sobre dois aspectos específicos da linguagem que suscitam questionamentos. “...racismo e sexismo. [...] duas dimensões [...] inevitáveis na vida social e na educação” (p.195)

Ao observar essas dimensões concretizadas, especialmente em sala de aula, Freire encontra um jeito muito particular de compensar esse problema, de sexismo, diz ele:

... interrompo o homem, Digo-lhe que a aluna não terminou. Acrescento que tanto os homens quanto as mulheres têm o direito de terminar de falar sem ser interrompidos [...] que os homens estão violando uma regra democrática, segundo a qual tanto os homens como as mulheres têm direitos iguais na discussão (p. 195).

... pedindo que elas estendam seus comentários quando falam. Mantenho contato visual durante mais tempo e não demonstro impaciência para que elas parem em benefício da minha resposta.(p.195-196)

³¹ Homens “sensíveis”, quase sempre oprimidos... mas que não aceitam a posição machista no mundo.

... Não permito que os homens interrompam prematuramente os comentários de uma mulher, mas também faço um esforço para que eles participem da conversa, quando uma mulher termina, para convidá-la a dizer algo mais. (p.196)

Essa mesma pedagogia dialógica, também, é utilizada por esse educador, a respeito das questões e dos comentários racistas, quando eles surgem em aula.

Os exemplos acima, ilustrando de algum modo este cenário, demonstram que o diálogo pode privilegiar o racismo e o sexismo enquanto objeto de estudo crítico. Essas dimensões da linguagem dividem as pessoas e ajudam a manter a classe dominante, mas que, através delas, pode-se despertar a consciência das relações do discurso entre homens e mulheres.

Mas afinal, em meio a tantas coisas ditas e não ditas, como concluir? “DO QUE FICA EM ABERTO³²?” - como diz Alex Fraga!

Neste estudo não se teve a pretensão de realizar um balanço detalhado e exaustivo da produção acadêmico-científica no campo de gênero, na Educação Física. Talvez este tenha se caracterizado, aqui, mais como um ensaio, um certo modo de aprender e exercitar a curiosidade.

Mas, com efeito, os temas favoritos dos trabalhos desenvolvidos sobre essa questão (de gênero) na Educação Física, mantêm uma forte associação com os estudos das mulheres. Estão próximos da experiência dessas, podendo ser vislumbrados a partir do viés da família, sexualidade, trabalhos, educação. Isto ainda reforça mais a idéia de que o gênero é um assunto sobre e para mulheres; no entanto, o campo está em aberto para diálogos em outras instâncias, tais como:

- Estudos sobre masculinidades e as práticas corporais/esportivas;

³² Refiro-me ao título do último capítulo da dissertação deste autor

- Construção de corpos e identidades homoeróticas no campo de jogo da Educação Física/esportes;
- A produção das imagens do homem e da mulher no esporte pela mídia;
- Atividade física e estratégias de resistência e oposição às relações de gênero constituídas;
- Símbolos de masculinidade e de feminilidade cultuados pela sociedade e concretizados nas práticas corporais/esportivas;
- Influência da relação sujeito/objeto – sexo do pesquisador e o tipo de trabalho produzido no campo de gênero, para a Educação Física;
- Diferenças sexuais e as formas como são representadas e apresentadas nos trabalhos produzidos por profissionais de Educação Física, no campo dos estudos de gênero;
- Co-educação: mudanças e permanências nas aulas de Educação Física;
- Violência, esporte e gênero;
- A ginástica e os esportes individuais: uma solução alternativa na escola para separar meninos e meninas!
- O que fazem e o que não fazem, homens e mulheres, nas práticas corporais/esportivas?

Enfim, mais uma vez retomo a leitura do livro *medo e ousadia*, finalizando com uma questão de Ira Shor, dirigida a Paulo Freire, cuja resposta compartilho.

Ira - O desenvolvimento crítico que se dá longe dos temas da raça e do sexo representa, por si só, um valor na luta contra a desigualdade?

*Paulo – Isso depende, Ira, Em primeiro lugar, vejo o racismo e o sexismo muito ligados à produção capitalista. Não digo que devam ser reduzidos só à questão do capitalismo. Não digo que o racismo e o sexismo possam ser reduzidos à luta de classes. Mas, o que quero dizer é que não acredito na possibilidade de superar o racismo e o sexismo num modo de produção capitalista, numa sociedade burguesa. Não obstante, isso não significa que o racismo e o sexismo serão superados mecanicamente numa sociedade socialista. Para mim, esta é uma das tarefas a ser cumprida pelos revolucionários. Se realmente queremos reinventar a sociedade, para que as pessoas sejam cada vez mais livres, e mais criativas, **esta nova sociedade deve***

*ser criada por homens e por mulheres*³³, não pode ser racista, não pode ser sexista. Mas essa é uma das coerências para as quais os revolucionários devem atentar em suas falas e ações. Por causa disso não podemos esperar a transformação revolucionária para superar o racismo e o sexismo. Devemos começar agora [...] Por isso, devemos estar engajados na ação política contra o racismo, contra o sexismo, contra o capitalismo, e contra as estruturas desumanas de produção. (p. 198 – 199)

³³ grifo meu

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Dissertações e Teses:

- Altmann, Helena. (1998). *Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na Educação Física*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação, UFMG, Belo Horizonte.
- Azevedo, Tânia M. C. de. (1988). *A mulher na Educação Física: preconceitos e estereótipos (Análise de periódicos especializados em Educação Física 1932 – 1987)*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação, UFF, Niterói (RJ).
- Boccardo, Ludmila Mourão. (1998). *A representação social da mulher brasileira na atividade físico-desportiva: da segregação à democratização*. Tese de Doutorado. PPGEF, UGF, Rio de Janeiro.
- Chagas, Eliane Pardo. (1991). *Reflexo das concepções dominantes sobre o controle do corpo feminino*. Dissertação de Mestrado. PPGCMH, UFSM, Santa Maria (RS).
- Cunha Junior, Carlos F. F. da. (1997). *Atividade física, brincadeiras e sexismo: as experiências de um grupo de idosos/as*. Dissertação de Mestrado. PPGEF, UERJ, Rio de Janeiro.
- Ferreira, José Luiz. (1996). *As relações de gênero nas aulas de Educação Física: um estudo de caso em uma escola pública de Campina Grande – PB*. PPGE. UFPb. João Pessoa.
- Fraga, Alex Branco. (1998). *Do corpo que se distingue: a constituição do bom moço e da boa moça nas práticas escolares*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação. UFRGS, Rio Grande do Sul.
- Goelner, Silvana Vilodre. (1999). *Bela, maternal e feminina – imagens da mulher na revista Educação Física*. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação. UNICAMP, Campinas (SP).

- Oyama, Edson Riutiro. (1997). *Educação Física e o idoso: implicações de gênero*. Dissertação de Mestrado. PPGEF, USP, São Paulo.
- Pacheco, Ana Júlia. (1998). *Gênero e dança na escola nacional de Educação Física e Desportos: fragmentos de uma história*. PPGE, UFF, Niterói (RJ).
- Pereira, Laércio Elias. (1984). *Mulher e Esporte. Um estudo sobre a influência dos agentes de socialização*. Dissertação de Mestrado. Escola de Educação Física, USP, São Paulo.
- Saraiva Kunz, Maria do Carmo (1993). *Quando a diferença é mito: uma análise da socialização específica para os sexos sob o ponto de vista do esporte e da Educação Física*. Centro de Ciências da Educação. UFSC, Florianópolis (SC).
- Sousa, Eustáquia Salvadora. (1994). *Meninos, à marcha! Meninas, à sombra! A história do ensino de Educação Física em Belo Horizonte (1987 –1994)*. Faculdade de Educação. UNICAMP, Campinas (SP).

Outras obras de referência:

- Aguiar, Neuma. (1997). (org). *Gênero e Ciências Humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*, (Coleção Gênero). Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Tempo.
- Bastos, Lilian da R., Lira Paixão, Fernandes, Lucia. M. & Deluiz. Neise. (1995). *Manual para a Elaboração de Projetos e Relatórios de Pesquisa, Teses, Dissertações e Monografias*. Rio de Janeiro: LTC.
- Bordo. Susana. R., (1997). O corpo e a reprodução da feminilidade: uma apropriação feminista de Foucault. In Alisson Jaccar, & Susan R Bordo,. *Gênero, corpo e conhecimento*. (F. Britta Lemos de. Trad.) Rio de Janeiro: Record Rosa dos Tempos. (Coleção Gênero) v.1, 19-41.
- Bloch, Marc. (s.d). *Introdução à História*. Difel. Lisboa. p. 13.
- Bourdieu, Pierre. (1995). A dominação masculina. *Educação & Realidade*, Porto Alegre: 20(2), 133-184.
- Caparroz, Francisco E. (1997). *Entre a Educação Física da Escola e a Educação Física na Escola: A Educação Física como componente curricular*. Vitória: UFES, Centro de Educação Física e Desportos.
- Carlan, Paulo. (1997). *A produção do conhecimento na educação física brasileira e suas propostas de intervenção na educação física escolar: análise das pesquisas nos mestrados de educação*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ. (Coleção Trabalhos Acadêmicos-científicos. Dissertação de Mestrado).
- Castellani Filho L. (1988). *Educação Física no Brasil: a história que não se conta*. Campinas, SP: Papirus.
- Connel, Robert W., (1995). Políticas da masculinidade. *Educação & Realidade*, Porto Alegre: 20(2), 185-206.
- Derrida, Jacques. *Margens da Filosofia*. Porto: Rés, s.d.
- Eagleton, Terry. (1983). *Teoria da Literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes.
- Engels, Friedrich. (1984). *A origem da família, da propriedade privada e do estado*. São Paulo: Editora Global.
- FAZENDO GÊNERO 4: *cultura, política e sexualidade no século XXI*. Cadernos de Resumo. Florianópolis: UFSC 2000.
- Ferreira, Aurélio B. de H., (1999). *Novo Aurélio Século XXI: dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

- Foucault, Michel. (1995). *Microfísica do poder*. (Org. e Trad. Roberto Machado). Rio de Janeiro: Graal.
- Freire, Paulo. (1996). *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Gamboa, Silvio S. (1987). *Epistemologia da pesquisa em educação: estruturas lógicas e tendências metodológicas*. Campinas: UNICAMP.
- _____. (1995). Teoria e Prática: uma relação dinâmica e contraditória. *Motrivivência*. Florianópolis: 7(8), 31-54.
- Ghiraldelli, Paulo Jr. (1988). *Educação Física progressista*. São Paulo: Loyola.
- Gomes, Romeu. (1994). A análise de dados em pesquisa qualitativa. In Suely F. Deslandes, Otávio C. Neto, Romeu Gomes & Cecília de S. Minayo (Orgs). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes. 67-80.
- Grossi, Miriam P. Heilborn, Maria L. & Rial, Carmen. (1998). Ponto de Vista - Entrevista com Joan Wallach Scott. *Estudos Feministas*. (W. Patricie Charles F. X. Trad.). Ano 6, 114-124.
- Grossi, Miriam P. (1998). Identidade de gênero e sexualidade. *Antropologia em Primeira Mão*. PPGAS/UFSC. Ilha de Santa Catarina. V. 24, 1-15.
- _____. (1998). Gênero, Violência e Sofrimento. *Antropologia em Primeira Mão*. PPGAS/UFSC. Ilha de Santa Catarina. V. 6, 1-20.
- Heilborn, Maria L. & Sorj, Bila. (1999). Estudos de Gênero no Brasil. In *O que ler na Ciência Social Brasileira 2 (Sociologia)*. São Paulo: ANPOCS/ed. Sumaré. 182-222.
- Kosik, Karel. (1976). *Dialética do concreto*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Kunz, Elenor. (1994). Editorial. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte – RBCE*. 15(3).
- Louro, Guacira L. & Meyer, Dagmar. (1992) Uma leitura da história da educação sob a perspectiva de gênero. *Teoria e Educação*. Porto Alegre: n. 6, 53-67.
- Louro, Guacira L. (1993). A escolarização do doméstico: a construção de uma escola técnica feminina (1946 –1970). *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo: n. 87, 45-57.
- _____. (1995). Gênero, História e Educação: construção e desconstrução. *Educação & realidade*.
- _____. (1997). *Gênero, Sexualidade e Educação*. Petrópolis/RJ: Vozes.
- _____. (1999). (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica.

- Machado, Lia Z. (1992). Feminismo, academia e interdisciplinaridade. In Albertina de Oliveira Costa & Cristina Bruschini (Orgs.). *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- Mais de 80% dos inscritos no vestibular são catarinenses: *inscritos (Estatística de Desempenho – Critério de 2º grau)*. (1999, setembro). *Jornal UDESC*, nº. 17. p. 8.
- Medina, João P. S. (1986) *Educação Física cuida do corpo e mente*. Campinas: Papirus.
- Mynaio, Maria C. de S. & Sanches, O. (1993). Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? Rio de Janeiro. *Cad. Saúde Pública*. 9 (3): 239-262, jul/set.
- Nolasco, Sócrates.(1993). *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco. p.28.
- Oliveira, Rosiska D. de. (1992). Elogio da diferença: o feminismo emergente. São Paulo: Brasiliense. p. 55.
- Paraíso, M. A (1997). Gênero na formação docente: campo de silêncio no currículo. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, n. 102, 23-45.
- Parra, A. (1993). Educação Humana Não Sexista – por uma sociedade igualitária. *Contexto & Educação*. Ijuí: UNIJUÍ, n. 30, 9-14.
- Pierucci, Antonio F. (1999). *Ciladas da diferença*. São Paulo. PPGS/USP. Ed. 34.
- Piscitelli, Adriana . (1997). Ambivalência sobre os conceitos de sexo e gênero na produção de algumas teóricas feministas. In AGUIAR, N. (orgs). *Gênero e Ciências Humanas: desafio às Ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. 49 –66.
- Romero, Elaine. (1990). Estereótipos masculinos e femininos em Professores de Educação Física. Tese de doutorado, Instituto de Psicologia, USP, São Paulo.
- Sant’anna, Denise B. De. (1995a). (Org). Políticas do corpo. São Paulo: Estação Liberdade. p. 11-18 In Fraga, Alex B. *Do corpo que se distingue: a constituição do bom moço e da boa moça nas práticas escolares*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação. UFRGS, Rio Grande do Sul.
- Saraiva, Maria do C. (1999). *Em busca de uma cultura de gênero na educação física escolar*. Trabalho. Texto apresentado no Seminário Introdutório “Gênero e co-educação”. XI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, Florianópolis-SC.
- _____. (1999). *Co-educação física e esportes: quando a diferença é mito*. Ijuí: UNIJUÍ.
- Scott, Joan (1990). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. 16(2), 5-22.
- _____. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. 20 (2), 71-131. (versão revisada)

- _____. (1998). Deconstructing equality versus difference: or the uses of poststructuralist theory for feminism. *Feminist Studies*. 14(1), 33-49.
- Shaff, Adam. (1995). *História e Verdade*. São Paulo: Martins Fontes.
- Shor, Ira & Freire, Paulo. (1986). Medo e Ousadia – O Cotidiano do Professor. (O. Lólio Lourenço de. Trad.) Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Silva, Maurício R. da. (1999). Prefácio In Saraiva, Maria do Carmo. *Co-educação física e esportes: quando a diferença é mito*. Ijuí: UNIJUÍ.
- Silva, Rossana V. de S. e. (1990). *Mestrados em Educação Física no Brasil: pesquisando suas pesquisas*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria.
- _____. (1997). *Pesquisa em Educação Física: determinações históricas e implicações epistemológicas*. Tese de doutorado, Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas, SP.
- Simões, A. C., Hata, M., De Rose Jr. D. & Macedo, L.L. (1996). O ajustamento social da mulher ao esporte de competição. *Revista do Treinamento Desportivo*. 1(1).
- Sodré, Maria L. M. F. & Goellner, Silvana V. (1998). Ciclo Básico de Aprendizagem: proposta curricular – Educação Física. Secretaria de Estado de Educação. Entrelinhas. Cuiabá, Mato Grosso.
- Sousa, Eustáquia S. (1997). História do Ensino da Educação Física em Belo Horizonte: um estudo de gênero In Eustáquia.S. Sousa & T.M. Vago.(Orgs). *Trilhas & Partilhas: Educação Física na cultura escolar e nas práticas sociais*. Belo Horizonte: Gráfica e Editora Cultura Ltda. 25–41.
- Taffarel, Celi N. Z. & França, Tereza L. de. (1994). A Mulher no esporte: o espaço social das práticas esportivas e de produção do conhecimento científico. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte – RBCE*.. 15(3), 235-246.
- Vásquez. C. L. L. (1996). *Gênero: a tomada de consciência de uma categoria*. Cadernos de Ciências Sociais. MCS/UFPB.
- Votre, Sebastião J., Boccoardo, Ludmila M., Ferreira Neto, A. (1993). *Pesquisa em Educação Física*. Vitória: UFES, Secretaria de Produção e Difusão Cultural.
- Vygotsky, Lev S. (1989). *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.
- Williams, Raymond. (1992). *Cultura*. (O. Lólio Lourenço de. Trad.) Rio de Janeiro: Paz e Terra.

ANEXOS

ANEXO 1

DISSERTAÇÕES E TESES ESTUDADAS

1. DÉCADA DE 80:

a) DISSERTAÇÕES (Mestrado)

Amostra 01:**Autor:** LAERCIO ELIAS PEREIRA**Título:** “Mulher E Esporte. Um Estudo Sobre A Influência Dos Agentes De Socialização Em Atletas Universitárias”**Caracterização:** Dissertação (Mestrado). Universidade De São Paulo – USP. Escola de Educação Física.**Orientador:** Dr. Antonio Boaventura da Silva**Banca Examinadora:** Dr. Antonio Boaventura da Silva

Dr. José Guilmar Oliveira

Dr. Jarbas Gonçalves

Dr. Mário Nunes de Sousa

Data de defesa: 1984**Número de Páginas:** 99 p.**Grau obtido:** Mestre em Educação FísicaAmostra 02:**Autora:** TANIA MARIA CORDEIRO DE AZEVEDO**Título:** “A Mulher Na Educação Física: Preconceitos e Estereótipos (Análise de Periódicos Especializados em Educação Física 1932 – 1987)”**Caracterização:** Dissertação (Mestrado). Universidade Federal Fluminense - UFF. Centro de Estudos Sociais Aplicados. Faculdade de Educação.**Orientador:** Prof. Dr. Alfredo de Faria Junior**Banca Examinadora:** Prof. Dr. Alfredo de Faria Junior

Profª. Drª. Estela dos Santos Abreu

Prof. Dr. Claudio Gil Araújo

Data de defesa: dezembro de 1988**Número de Páginas:** 241 p.**Grau obtido:** Mestre em Educação

2. DÉCADA DE 90:

a) DISSERTAÇÕES (Mestrado)

Amostra 03:

Autora: ELIANE PARDO CHAGAS

Título: “Educação Física: Reflexo das Concepções Dominantes sobre o controle do Corpo Feminino”

Caracterização: Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Maria (RS) – UFSM. Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano.

Orientador: Prof. Dr. Haimo Hartmuth Fensterseifer

Banca Examinadora: Prof. Dr. Haimo Hartmuth Fensterseifer

Prof^ª Celi Nelza Zulke Taffarell

Prof^ª Ms. Valeska Fortes de Oliveira

Data de defesa: 19 de dezembro de 1991

Número de Páginas: 191 p.

Grau obtido: Mestre em Ciência do Movimento Humano

Amostra 04:

Autora: MARIA DO CARMO SARAIVA KUNZ

Título: “Quando A Diferença É Mito: Uma Análise Da Socialização Específica Para Os Sexos Sob O Ponto De Vista Do Esporte E Da Educação Física”

Caracterização: Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Curso de Pós-Graduação em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Reinaldo Matias Fleuri

Co-orientadora: Prof. Dr. Valter Bracht

Banca Examinadora: Prof. Dr. Reinaldo Matias Fleuri

Prof. Dr. Valter Bracht

Prof^ª Dr^ª Maria Olg Pey

Prof^ª Dr^ª. Raquel Estela de Sá Siebert

Prof^ª Dr^ª Edel Ern

Data de defesa: 31 de agosto de 1993

Número de Páginas: 167 p.

Grau obtido: Mestre em Educação

Amostra 05:

Autor: JOSÉ LUIZ FERREIRA

Título: “As ‘relações de gênero’ nas aulas de Educação Física: um estudo de caso em uma escola pública de Campina Grande – PB”

Caracterização: Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Programa de Pós-Graduação em Educação .

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Celi Nelza Zülke Taffarel

Banca Examinadora: Prof^ª Dr^ª Celi Nelza Zülke Taffarel
 Prof. Dr. Francisco Martins da Silva
 Prof^ª. Dr^ª Eustáquia Salvadora de Souza
 Prof. Dr. Alder Júlio Calado

Data de defesa: 1996

Número de Páginas: 180 p.

Grau obtido: Mestre em Educação

Amostra 06:

Autor: CARLOS FERNANDO FERREIRA DA CUNHA JUNIOR

Título: “Atividade física, brincadeiras e sexismo: as experiências de um grupo de idosos/as”

Caracterização: Dissertação(Mestrado) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ. Programa de Pós-Graduação em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Alfredo Gomes de Faria Junior

Banca Examinadora: Prof. Dr. Alfredo Gomes de Faria Junior
 Prof^ª. Dr^ª. Eustáquia Salvadora de Souza
 Prof^ª. Dr^ª. Rosana Glat

Data de defesa: 21/08/1997

Número de Páginas: 223 p.

Grau obtido: Mestre em Educação Física

Amostra 07:

Autor: EDISON RIJUTIRO OYAMA

Título: “Educação Física e o idoso: implicações de gênero”

Caracterização: Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo – Escola de Educação Física e Esporte. Programa de Pós-Graduação em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. José Guilmar Mariz de Oliveira

Banca Examinadora: Prof. Dr. José Guilmar Mariz de Oliveira
 Prof. Dr. Edison de Jesus Manoel
 Prof. Dr. José Geraldo Massucato

Data de defesa: 1997

Número de Páginas: 166 p.

Grau obtido: Mestre em Educação Física

Amostra 08:

Autor: ALEX BRANCO FRAGA

Título: “Do corpo que se distingue: a constituição do bom moço e da boa moça nas práticas escolares”

Caracterização: Dissertação(Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de concentração: Educação e Gênero

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Guacira Lopes Louro

Banca Examinadora: Prof^ª. Dr^ª. Guacira Lopes Louro
 Prof^ª. Dr^ª. Denise Sant'anna
 Prof^ª. Dr^ª. Maria Lúcia Wortmann
 Prof^ª. Dr. Rosa Maria Bueno Fisher

Data de defesa: 1998

Número de Páginas: 174 p.

Grau obtido: Mestre em Educação

Amostra 09:

Autora: HELENA ALTMANN

Título: “Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na Educação Física”

Caracterização: Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG.
 Faculdade de Educação. Programa de Pós-graduação em Educação.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Eustáquia Salvadora de Sousa

Co-orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Anna Maria Salgueiro Caldeira

Banca Examinadora: Prof^ª. Dr^ª. Eustáquia Salvadora de Sousa
 Prof^ª. Dr^ª. Anna Maria Salgueiro Caldeira
 Prof^ª. Dr^ª. Guacira Lopes Louro
 Prof^ª. Dr^ª. Eliane Marta Teixeira Lopes
 Prof. Dr. Luciano Mendes de Faria Filho

Data de defesa: 13 de outubro de 1998

Número de Páginas: 111p.

Grau obtido: Mestre em Educação

Amostra 10:

Autora: ANA JÚLIA PINTO PACHECO

Título: “Gênero e Dança na Escola Nacional de Educação Física e Desportos: Fragmentos de uma História”

Caracterização: Dissertação (Mestrado). Universidade Federal Fluminense - UFF
 Programa de Pós-Graduação em Educação. Campo de Confluência:
 Educação Brasileira.

Orientador: Prof. Dr. Osmar Fávero

Comissão Examinadora: Não consta na cópia adquirida

Data de defesa: 1998

Número de Páginas: 231 p.

Grau obtido: Mestre em Educação

b) TESES (Doutorado)

Amostra 11:

Autor: EUSTÁQUIA SALVADORA DE SOUSA

Título: “Meninos, à marcha! Meninas, à sombra! A história do Ensino de Educação Física em Belo Horizonte (1987-1994)”

Caracterização: Tese (Doutorado) – Universidade de Campinas – Unicamp. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração: Filosofia e História da Educação.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Lúcia Mercês de Avelar

Banca Examinadora: Prof^ª. Dr^ª. Lúcia Mercês de Avelar
 Prof^ª. Dr^ª. Letícia Bicanho Canedo
 Prof^ª. Dr^ª. Olinda Maria Noronha
 Prof. Dr. Nelson Carvalho Marcelino
 Prof^ª. Dr^ª. Eliane Marta Santos Lopes

Data de defesa: 20 de dezembro de 1994

Número de Páginas: 265p.

Grau obtido: Doutora em Educação

Amostra 12:

Autor: LUDMILA MOURÃO BOCCARDO

Título: “A representação social da mulher brasileira na atividade físico-desportiva: da segregação à democratização”

Caracterização: Tese (Doutorado) – Universidade Gama Filho – UGF. Programa de Pós-Graduação em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Sebastião Josué Votre

Banca Examinadora: Prof. Dr. Sebastião Josué Votre
 Prof. Dr. Manoel José Gomes Tubino
 Prof^ª. Dr^ª. Nilda Teves Ferreira
 Prof^ª. Dr^ª. Emmi Myotin
 Prof^ª. Dr^ª. Helena Theodoro Lopes

Data de defesa: Setembro de 1998

Número de Páginas: 308p.

Grau obtido: Doutora em Educação Física

Amostra 13:

Autor: SILVANA VILODRE GOELLNER

Título: “Bela, maternal e feminina – imagens da mulher na revista Educação Física”

Caracterização: Tese (Doutorado) – Universidade de Campinas – Unicamp. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Milton José de Almeida

Comissão Examinadora: Prof. Dr. Milton José de Almeida
 Prof^ª. Dr^ª. Eustáquia Salvadora de Sousa
 Prof^ª. Dr^ª. Águeda Bittencourt
 Prof^ª. Dr^ª. Carmen Lúcia Soares

Data de defesa: 1999

Número de Páginas: 180p.

Grau obtido: Doutora em Educação

ANEXO 2

PRINCIPAIS TRABALHOS ACADÊMICOS PRODUZIDOS, NA EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA, NOS ANOS 80 E 90, VERSANDO SOBRE GÊNERO.

1. “MENARCA EM ESPORTISTAS BRASILEIRAS” (Víctor K.R. Matsudo e Sandra M. Cavasini, 1980);
2. “ENSAIO SOBRE A MULHER BRASILEIRA, FACE À LEGISLAÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA E DO DESPORTO” (Lino Castellani Filho, 1982);
3. “EDUCAÇÃO E ESPORTE NA FORMAÇÃO DA MULHER” (Eleutheria Koussoula-Pantazopoulo, 1982);
4. “A MULHER NEGRA: DE DOMÉSTICA A DESPORTIVA” (Isidoro Cruz Neto, 1982);
5. “A IDADE DE MENARCA EM ESTUDANTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DE SANTA MARIA” (Cândida S. Pires Neto, 1983);
6. “MULHER E ESPORTE: UM ESTUDO SOBRE A INFLUÊNCIA DOS AGENTES DE SOCIALIZAÇÃO” (Laércio Elias Pereira, 1984);
7. “MULHER NO ESPORTE: UMA REFLEXÃO CRÍTICA” (Margit Greve, 1984);
8. “ANÁLISE DOS PADRÕES SOCIOEMOCIONAIS QUE INTERFEREM NA PRÁTICA DESPORTIVA FEMININA” (Eliete Zanella Rodrigues, 1985);
9. “O ESPORTE E A DISCRIMINAÇÃO SEXUAL” (Elaine Romero, 1987);
10. “A MULHER NA EDUCAÇÃO FÍSICA: PRECONCEITOS E ESTEREÓTIPOS” (Tânia M. Cordeiro de Azevedo, 1988);
11. “ESPORTE E MULHER” (Lino Castellani Filho, 1989);
12. “ESTEREÓTIPOS MASCULINOS E FEMININOS EM PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA” (Elaine Romero, 1990);

13. "O CORPO FEMININO NUMA PERSPECTIVA LIBERTÁRIA" (Eliane Pardo Chagas & Luiz Carlos Riogo, 1990);
14. "MASCULINO E FEMININO, A POLARIZAÇÃO DOS SEXOS PELA ATIVIDADE FÍSICA" (Elaine Romero, 1991);
15. "EDUCAÇÃO FÍSICA, UMA PRÁTICA IGUALITÁRIA? UM ESTUDO SOBRE ESTEREÓTIPOS SEXUAIS. (Elaine Romero, 1991);
16. "EDUCAÇÃO FÍSICA: REFLEXO DAS CONCEPÇÕES DOMINANTES SOBRE O CONTROLE DO CORPO FEMININO" (Eliane Pardo Chagas, 1991);
17. "ESTEREOTIPIA SEXUAL NA EDUCAÇÃO FÍSICA" (Elaine Romero, 1992);
18. "DIFERENÇA ENTRE OS MENINOS E MENINAS QUANTO AOS ESTEREÓTIPOS: CONTRIBUIÇÃO PARA UMA POLÍTICA DE DESMITIFICAÇÃO. (Elaine Romero, 1992);
19. "AULA CO-EDUCATIVA: UMA CHANCE DE SUPERAÇÃO DAS DESIGUALDADES ENTRE OS SEXOS EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA" (Maria do Carmo Saraiva Kunz, 1992);
20. "EDUCAÇÃO FÍSICA: MASCULINO E FEMININO" (Elaine Romero, 1992);
21. "EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA PRÁTICA SEXISTA" (Elaine Romero, 1993);
22. "MENINOS PRA CÁ, MENINAS PRA LÁ? (Neise Gaudencio Abreu, 1993);
23. "IS PHYFICAL EDUCATION AN EQUALIZED PRACTICE?" (Elaine Romero, 1993);
24. "MALE AND FEMALE STEREOTYPES IN PHYSICAL EDUCATION TEACHERS" (Elaine Romero, 1993);
25. "EDUCAÇÃO FÍSICA E A DESIGUALDADE ENTRE OS SEXOS" (Elaine Romero, 1993);

26. "A MULHER NO ESPORTE: O ESPAÇO DAS PRÁTICAS ESPORTIVAS E DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO" (Celi Nelza Zulke Taffarel & Tereza Luiza de França, 1994);
27. "O GÊNERO: CONFRONTO DE CULTURAS EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA" (Maria do Carmo Saraiva-Kunz, 1994);
28. "O ELOGIO À DIFERENÇA": O AVESDO DA SEGREGAÇÃO (Carmen Lúcia Soares & Silvana Vilodre Goellner, 1994);
29. "O GÊNERO E O MOVIMENTO HUMANO" (Fernando Luiz Cardoso, 1994);
30. "O TRABALHO CORPORAL COMO INTEGRANTE DO PROCESSO DE RESGATE DA AUTO-ESTIMA EM MULHERES VÍTMAS DE VIOLÊNCIA" (Helena Altmann, Patrícia Rodrigues de B. Vieira & Silvana Vilodre Goellner, 1994);
31. "A EDUCAÇÃO FÍSICA A SERVIÇO DA IDEOLOGIA SEXISTA" (Elaine Romero, 1994);
32. "EDUCAÇÃO FÍSICA: ESCOLA DE FORMAÇÃO DO CORPO FEMININO" (Eliane Pardo Chagas, 1994);
33. "CORPO FEMININO DO DETALHE...UMA POSSIBILIDADE DE CONSTRUÇÃO DE NOVOS TERRITÓRIOS PARA A SUBJETIVIDADE FEMININA" (Eliane Pardo Chagas, 1995);
34. "CORPOS FEMININOS NA RELAÇÃO COM A CULTURA" (Heloisa Turini Bruhns, 1995);
35. "O HOMEM QUE DANÇA..." (Fátima C. do Valle Leitão & Iracema Soares de Sousa, 1995);
36. "CORPO, MULHER E SOCIEDADE... OU UMA CERTA PRÁTICA" (Manuel Sérgio Vieira e Cunha, 1995);
37. "A PARTICIPAÇÃO DA ADOLESCENTE BRASILEIRA EM ESPORTES E ATIVIDADES FÍSICAS COMO FORMA DE LAZER: FATORES PSICOLÓGICOS E SOCIOCULTURAIS" (Emmi Myotin, 1995);

38. "CONCEPÇÕES DE GÊNERO NAS PRÁTICAS CORPORAIS DE ADOLESCENTES" (Alex Branco Fraga, 1995);
39. "A EDUCAÇÃO FÍSICA, OS ESPORTES E AS MULHERES: BALANÇO DA BIBLIOGRAFIA BRASILEIRA" (Fúlvia Rosemberg, 1995);
40. "A ARQUITETURA DO CORPO FEMININO E A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO" (Elaine Romero, 1995);
41. "ANÁLISE DAS PERCEPÇÕES DE DOCENTES E DISCENTES SOBRE TURMAS MISTAS E SEPARADAS POR SEXO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR" (Neíse Gaudêncio Abreu, 1995);
42. "CÃES, MULHERES E NOGUEIRAS, QUANTO MAIS SE BATE, MELHOR FICAM" (Silvana Vilodre Goellner; Fátima Maria Pilotto; Helena Altmann e Patrícia Rodrigues de Borba Vieira, 1995);
43. "A CONSTRUÇÃO CULTURAL DO CORPO FEMININO OU O RISCO DE SE TRANSFORMAR MENINAS EM 'ANTAS'" (Jocimar Daolio, 1995);
44. "MENINOS, À MARCHA! MENINAS À SOMBRA! A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA EM BELO HORIZONTE (1897/1994)" (Eustáquia Salvadora de Souza, 1995);
45. "FUTEBOL, QUESTÕES DE GÊNERO E CO-EDUCAÇÃO" (Alfredo Gomes Faria Junior, 1995);
46. "RELAÇÕES DE GÊNERO NA UNIDADE ENGENHO NOVO I DO COLÉGIO PEDRO II: UMA REFELXÃO INICIAL" (Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior, 1995);
47. "RELAÇÕES DE GÊNERO: UMA DISCUSSÃO À LUZ DOS PARADIGMAS DA APTIDÃO FÍSICA E DA CULTURA CORPORAL" (Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior, 1995);
48. "JOGOS, BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS: INVESTIGANDO RELAÇÕES DE GÊNERO NA EXPERIÊNCIA DE CRIANÇAS DO COLÉGIO PEDRO II" (Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior, 1996);

49. “A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NA EDUCAÇÃO FÍSICA/ESPORTE NA DÉCADA DE 1930 NO BRASIL: EM BUSCA DE RESISTÊNCIAS ÀS CONCEPÇÕES HIGIENÍSTICAS E EUGÊNICAS SOBRE A MULHER” (Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior & Ana Júlia Pinto, 1996).
50. “O ESTUDO DO GÊNERO NO PROJETO IDOSOS EM MOVIMENTO – MANTENDO A AUTONOMIA’: AS EXPECTATIVAS MASCULINAS DA TURMA DE 1996.2 (Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior, 1996);
51. “AS RELAÇÕES DE GÊNERO E O COTIDIANO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA: EM PROL DE UMA PEDAGOGIA NÃO SEXISTA” (Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior, 1996)
52. “HOMOSSEXUALIDADE, EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES” (Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior, 1996);
53. “A MÍDIA IMPRESSA E O ‘FUTEBOL DE SAIAS’ DO BRASIL: UMA ANÁLISE DOS JOGOS OLÍMPICOS DE ATLANTA 1996” (Ana Julia Pinto Pacheco & Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior, 1997);
54. “AS RELAÇÕES DE GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: O CASO DE UMA ESCOLA PÚBLICA EM CAMPINA GRANDE – PB” (José Luiz Ferreira, 1997);
55. “A MULHER IDOSA E AS ATIVIDADES FÍSICAS SOB O ENFOQUE MULTICULTURAL” (Alfredo Gomes Faria Junior, 1997);
56. “EDUCAÇÃO FÍSICA FEMININA: A BELEZA E O VIGOR NA PERSPECTIVA DA ESCOLA NORMAL DE SERGIPE” (Ana Carrilho Romero Grunennvaldt, 1997);
57. “HISTÓRIAS DE VIDA DE MULHERES IDOSAS QUE VIVEM COM ALEGRIA A TERCEIRA IDADE” (Maria Goretti da Cunha Lisboa & Kátia Brandão Cavalcanti, 1997);
58. “AS ATIVIDADES CORPORAIS E ESPORTIVAS E A VISIBILIDADE DAS MULHERES NA SOCIEDADE BRASILEIRA DO INÍCIO DESTE SÉCULO” (Silvana Vilodre Goellner, 1998);

59. “RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA: UM ESTUDO DE CASO NO COLUN” (Aripino Alves Luz Junior, 1997);
60. “HISTÓRIA DO ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA EM BELO HORIZONTE: UM ESTUDO DE GÊNERO” (Eustáquia Salvadora de Sousa, 1997);
61. “A GESTUALIDADE DOS CORPOS NAS ACADEMIAS E SEUS CONTORNOS MASCULINO-FEMININOS” (Cristiane Ker de Melo, 1997);
62. “EDUCAÇÃO FÍSICA E FRONTEIRAS DE GÊNERO: ENUNCIADO DE UM COTIDIANO ESCOLAR” (Alex Branco Fraga, 1998);
63. “A MULHER E A ATIVIDADE DESPORTIVA: PRECONCEITOS E ESTEREÓTIPOS” (Tânia Maria Cordeiro de Azevedo, 1998);
64. “FUTSAL PARA ALUNAS COM DEFICIÊNCIA MENTAL” (Cláudio Marques Mandarin, 1998);
65. “A PRODUÇÃO TEÓRICA BRASILEIRA SOBRE EDUCAÇÃO FÍSICA/GINÁSTICA PUBLICADA NO SÉCULO XIX: AUTORES, MERCADO E QUESTÕES DE GÊNERO” (Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior, 1998);
66. “GÊNERO E DANÇA NA ESCOLA NACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS: FRAGMENTOS DE UMA HISTÓRIA” (Ana Júlia Pinto Pacheco, 1998);
67. “AS ATIVIDADES CORPORAIS E ESPORTIVAS E A VISIBILIDADE DAS MULHERES NA SOCIEDADE BRASILEIRA DO INÍCIO DESTE SÉCULO” (Silvana Vilodre Goellner, 1998);
68. “CO-EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES: QUANDO A DIFERENÇA É MITO” (Maria do Carmo Saraiva, 1999);
69. “ROMPENDO FRONTEIRAS DE GÊNERO: MARIAS (E) HOMENS NA EDUCAÇÃO FÍSICA (Helena Altmann & Eustáquia Salvadora Sousa)”;
70. “GÊNERO E CO-EDUCAÇÃO FÍSICA: DIFERENÇAS SIM! DESIGUALDADES NÃO! (Aripino Alves Luz Junior, 1999)”;

71. "DIMENSÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA: UM ESTUDO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DAS DÉCADAS DE 80 E 90" (Agripino Alves Luz Junior, 1999);
72. "A REVISTA EDUCAÇÃO PHYSICA (1932-1945) E O EMBELEZAMENTO DA MULHER" (Silvana Goellner, 1999);

ANEXOS III

RESUMOS ORIGINAIS DAS DISSERTAÇÕES E TESES ESTUDADAS**Amostra 01:**

Título: “MULHER E ESPORTE. UM ESTUDO SOBRE A INFLUÊNCIA DOS AGENTES DE SOCIALIZAÇÃO EM ATLETAS UNIVERSITÁRIAS”

Autor: LAERCIO ELIAS PEREIRA

Resumo:

O objetivo deste trabalho foi estudar a influência de agentes de socialização na prática de esportes de mulheres universitárias, partindo de uma visão geral da participação da mulher brasileira em esportes de nível competitivo, desde uma caracterização do esporte, os preconceitos que envolvem a mulher esportista e as principais objeções feitas através de mitos sobre a menstruação e a gravidez. Foram descritos aspectos das dificuldades encontradas para o início de atividades num campo marcadamente dominado por homens. Registrou-se o início sempre posterior de esportes competitivos para mulheres nas diversas modalidades esportivas e a baixa representatividade das mulheres nas delegações esportivas brasileiras. Foram detectadas expectativas quanto aos esportes estudantis e a participação da mulher negra. Um grupo de 120 atletas compôs uma amostra rondômica entre as participantes dos Jogos Universitários Brasileiros realizados em São Luís do Maranhão, em julho de 1981. A essa amostra foi aplicado o questionário Greendorfer, de alternativas fixas com base em quatro classes de variáveis: 1) atributos pessoais 2) agentes socializantes, 3) situações socializantes e 4) envolvimento esportivo. Foi testada a hipótese de preponderância dos pais sobre os outros agentes de socialização quanto aos itens: a) quanto os agentes estavam envolvidos em esporte, 2) quanto as pessoas eram interessadas em esporte, 3) quanto os agentes encorajaram a prática e 4) quanto os agentes desencorajaram a prática esportiva. No grupo testado não foi encontrado em qualquer item, nas três fases da vida esportiva (infância, adolescência e atual). O conjunto de agentes mostrou atuação significativa na adolescência apenas quanto ao grau de interesse esportivo e encorajamento à prática.

Amostra 02:

Título: “A MULHER NA EDUCAÇÃO FÍSICA: PRECONCEITOS E ESTEREÓTIPOS (ANÁLISE DE PERIÓDICOS ESPECIALIZADOS EM EDUCAÇÃO FÍSICA 1932 – 1987)”

Autora: TANIA M. CORDEIRO DE AZEVEDO

Resumo:

Este estudo teve como objetivo identificar e questionar preconceitos e estereótipos relativos à mulher no âmbito da Educação Física Escolar e Desportiva. Utilizou-se uma das técnicas de análise de conteúdo de BARDIN (1977) para se comparar textos referentes à mulher, contidos em periódicos especializados em Educação Física no período de 1932 a 1987 (tais como, Revista Brasileira de Educação Física e Desportos; Artus Revista de Educação Física da Universidade Gama Filho; Arquivos da Escola Nacional de Educação Física; Boletim de Educação Física; Revista Brasileira de Ciências do Esporte; Medicina do Esporte; Revista da Escola de Educação Física do Exército; Educação Física e Comunidade Esportiva), com a revisão da literatura sobre os seguintes assuntos: Força Muscular, Flexibilidade, Potência Aeróbica Máxima, Menstruação, Acidentes e Lesões e Aspectos Psicológicos e Sociológicos da participação da mulher em desportos e atividades desportivas, com o objetivo de verificar se as concepções cerceadoras à mulher nesta área encontrariam, ou não, apoio em bases biológicas comprovadas. Dessa maneira, pôde-se verificar que a maioria das concepções sobre a mulher, neste âmbito, constatadas nos textos dos periódicos, não correspondem à realidade, isto é, não encontram apoio em bases biológicas comprovadas, constituindo-se em preconceitos e estereótipos cerceadores da participação da mulher no âmbito da Educação Física Escolar e Desportiva.

Amostra 03:

Título: “EDUCAÇÃO FÍSICA: REFLEXO DAS CONCEPÇÕES DOMINANTES SOBRE O CONTROLE DO CORPO FEMININO”

Autora: ELIANE PARDO CHAGAS

Resumo:

A finalidade do presente trabalho foi de procurar analisar os aspectos relativos às formas e aos meios de como o corpo feminino se padroniza na sociedade de consumo, especificamente na brasileira, através da aquisição de modelos hegemonicamente estabelecidos e assumidos, consciente ou inconscientemente. Para tanto, procuramos desvendar e explicitar alguns dos efeitos da impregnação de tais modelos, representados no imaginário feminino que, por sua vez, geram um fenômeno peculiar de discriminação e controle social exercido de fora para dentro da mulher e, por outro lado, uma forma de auto-controle e auto reforço, que visa à própria manutenção e cristalização do padrão de corpo feminino na sua totalidade orgânica, psicológica e cultural. Objetivamos, também, estabelecer uma relação crítica entre a padronização do corpo na sociedade capitalista e a prática da Educação Física, enfatizando seu impacto nas instâncias escolar e privada, particularmente onde predomina o culto ao corpo. Para atingir esses objetivos, utilizamos como procedimentos metodológicos a análise bibliográfica documental, tendo como base referencial e interpretativa o Materialismo Dialético e Histórico. Nos primeiros capítulos deste trabalho, são apresentados alguns antecedentes históricos que buscam evidenciar as formas de controle sobre o corpo feminino, que passam das mãos do Estado, via ciência e avanço tecnológico. No capítulo 4, tentamos demonstrar como se forjam os modelos de corpo feminino através da mídia, especificamente da publicidade, na época atual, e de que forma eles atuam, produzindo a subjetividade feminina e inserindo a mulher na esfera da produção e consumo. Consideramos também, em nossa análise, a diminuição do poder de

resistência e mudança dos movimentos feministas, procurando ainda discutir um pouco sobre o significado da Indústria Cultural na sociedade contemporânea, sua origem e lógica de atuação. No capítulo 5, visamos estabelecer algumas relações, que se travam entre esses modelos de corpo e as práticas da Educação Física, que se efetuam na escola. Abordaremos mais de perto a influência do paradigma biológico, no sexismo presente nas práticas pedagógicas da Educação Física, em nível de primeiro, segundo e terceiro graus. A discriminação sexual, portanto, constitui ênfase maior nas análises restritas à esfera escolar. No que se refere às práticas corporais, que extrapolam os muros da escola, mais especificamente em esferas onde o culto ao corpo está na ordem do dia (Academias de Ginástica), a análise centraliza-se mais enfaticamente nos aspectos da disciplina corporal, da moda e do controle da sexualidade e como esses fatores auxiliam de forma incisiva, na produção do imaginário feminino. Refletimos também, como este fenômeno está sendo abordado pelas discussões mais atuais da Educação Física e sobre a necessidade de incorporá-lo definitivamente, ao horizonte da discussão temática, que busca novas alternativas para as práticas desta disciplina, numa perspectiva de transformação. Finalmente, no capítulo 6, partimos do pressuposto de que a resistência encontra-se no cerne das lutas sociais e de que o conflito entre os sexos, presente na Educação Física na perspectiva de sua superação, constitui questão básica na busca de uma transformação radical nas concepções pedagógicas que fundamentam as práticas corporais. Com esse entendimento tentamos resgatar aspectos importantes desta resistência, que poderão ser potencializados apontando para uma nova visão da Educação Física.

Amostra 04:

Título: “QUANDO A DIFERENÇA É MITO: UMA ANÁLISE DA SOCIALIZAÇÃO ESPECÍFICA PARA OS SEXOS SOB O PONTO DE VISTA DO ESPORTE E DA EDUCAÇÃO FÍSICA”

Autora: MARIA DO CARMO SARAIVA KUNZ

Resumo:

Este estudo se originou na minha preocupação com a dificuldade de se ministrar aulas em conjunto para meninos e meninas na aula de Educação Física e, mais do que isso, com as situações conflitantes que se desenvolvem entre eles nessas tentativas. O conflito e a desigualdade que se manifestam nas relações entre seres humanos, nesse sentido, tornou-se, então, assunto de reflexão para a prática educativa em que a aula de Educação Física consiste, enquanto parte do processo de socialização da pessoa. O pressuposto de que os estereótipos sexuais, socialmente desenvolvidos e internalizados pela educação familiar e escolar, são fruto de uma valorização desigual do papel de homens e mulheres na sociedade, e que na construção desses estereótipos discrimina-se, enquanto sexo, os seres humanos, tornou-se o aspecto de maior relevância neste estudo. A partir de uma abordagem histórico-cultural de construção dos estereótipos sexuais e dos papéis sociais de cada sexo, procuro compreender e desvelar essa construção, que enquanto cultural, pode ser reencaminhada na perspectiva de superação das dificuldades de relacionamento entre os sexos e de busca de igualdade social para homens e mulheres. Neste sentido, desenvolvem-se alguns pressupostos básicos que, orientando a prática pedagógica na

escola, poderiam desencadear novas relações humanas, capazes de promover uma transformação social.

Amostra 05:

Título: “AS ‘RELAÇÕES DE GÊNERO’ NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UM ESTUDO DE CASO EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE CAMPINA GRANDE – PB”

Autor: JOSÉ LUIZ FERREIRA

Resumo:

Este trabalho, caracterizado como um estudo de caso, teve como objetivo estudar as questões de gênero nas aulas de Educação Física em uma escola pública da rede municipal de Campina Grande - PB. A dissertação apresenta, inicialmente, uma visão do termo gênero enquanto uma categoria histórica e relacional, bem como a influência desta categoria no ensino da Educação Física. A parte central do trabalho mostra como através das atividades específicas da disciplina e da postura pedagógica do professor, as questões de gênero aparecem nas aulas. A análise dos dados, coletados a partir da observação direta de aulas, revelou que a Educação Física não se vem preocupando com as questões de gênero no desenvolvimento de suas aulas. Através das categorias "Contradição" e "Participação" ficaram evidentes as diferenças entre os papéis desempenhados por meninos e meninas nas aulas. Os jogos e as brincadeiras realizados nas aulas contribuíram para a manutenção do nível de desigualdade social entre os dois sexos. Numa perspectiva dialética e buscando a superação das diferenças entre os sexos, o trabalho procura apontar indicadores e outras possibilidades de relações de gênero, tanto em nível de macro-estrutura quanto na especificidade da micro-estrutura da aula de Educação Física.

Amostra 06:

Título: “ATIVIDADE FÍSICA, BRINCADEIRAS E SEXISMO: AS EXPERIÊNCIAS DE UM GRUPO DE IDOSOS/AS”

Autor: CARLOS FERNANDO FERREIRA DA CUNHA JUNIOR

Resumo:

Os objetivos desta dissertação são: (a) identificar as brincadeiras e as atividades físicas praticadas por um grupo de idosos/as em suas infância e juventude; (b) interpretar possíveis manifestações de sexismo nessas atividades, e (c) discutir a influência da família e das atividades do cotidiano escolar, incluindo as da disciplina educação física, na construção de estereótipos, preconceitos e discriminações sexistas em brincadeiras e atividades físicas do grupo investigado. A metodologia consistiu na realização de entrevistas semi-estruturadas com 16 idosos/as (6 homens e 10 mulheres) inscritos/as no Projeto Idosos em Movimento Mantendo a Autonomia (IMMA). O Projeto IMMA, de intervenção e pesquisa, baseia-se no referencial teórico da promoção da saúde e no conjunto de idéias do multiculturalismo. Dentre os objetivos do Projeto IMMA destacam-se a tentativa de pôr em prática uma proposta de educação física em (e para) uma sociedade multicultural, voltada para a superação de estereótipos, preconceitos e discriminações racistas, classistas e sexistas, e para o pleno exercício da cidadania. Os resultados indicam que: (a) as brincadeiras e atividades físicas mais praticadas pelo grupo foram pique, futebol, roda, esconde-esconde, bola de gude, boneca, amarelinha, pular corda e dança; (b) manifestações sexistas estiveram presentes no conjunto destas brincadeiras e atividades físicas; (c) preconceitos, estereótipos e discriminações desenvolvidos pela família e pela escola parecem ter colaborado para a disseminação do sexismo. Concluímos que esta investigação proporcionou elementos significativos para desenvolver estratégias voltadas para a superação de manifestações sexistas ainda presentes na sociedade brasileira.

Amostra 07:

Título: “EDUCAÇÃO FÍSICA E O IDOSO: IMPLICAÇÕES DE GÊNERO”

Autor: EDISON RIUITIRO OYAMA

Resumo:

Por meio deste estudo, investigou-se as implicações decorrentes de se ter Educação Física em idosos, consideradas as categorias de gênero. Com base em aspectos de cunho conceitual, tais como a natureza da atuação profissional da Educação Física, propôs-se averiguar se por terem Educação Física, existe diferença na adaptação (ao), interação (com) e transformação do meio em idosos, em relação às categorias de gênero (masculino e feminino). Para tanto, foi aplicada a técnica de análise de conteúdo às informações obtidas junto aos participantes do Programa de Educação Física do Projeto “Vida Ativa”, através da técnica de entrevista semi-estruturada. Após o tratamento e análise dos dados, mediante os procedimentos da estatística não paramétrica da Prova Exata de Fischer, a hipótese com característica de nulidade formulada não foi rejeitada de forma parcial, ou seja, por terem Educação Física, não existiu diferença significativa na adaptação ao meio entre homens e mulheres idosos. Considerou-se que o resultado do estudo diferiu das suposições sistematizadas com base na revisão de literatura, segundo as quais: (a) as diferenças nos níveis biológico, psicológico e social dos idosos poderiam estar relacionadas com uma possível diferenciação na capacidade de adaptação ao, interação com e transformação do meio, devido as suas possibilidades e potencialidades de movimento, por terem Educação Física, e (b) as diferenças relativas aos benefícios

decorrentes do envolvimento em programas de atividades motoras poderiam estar relacionadas com uma possível diferenciação na adaptação ao, interação com e transformação do meio, devido à expressão do movimento entre homens e mulheres idosos, por terem Educação Física. Foram identificados também aspectos relevantes para o conteúdo global do trabalho, tais como o valor da incorporação e da prática intencional e consciente do movimento dos idosos e a importância tanto da participação em programas de Educação Física, quanto da atuação do profissional da área.

Amostra 08:

Título: “DO CORPO QUE SE DISTINGUE: A CONSTITUIÇÃO DO BOM MOÇO E DA BOA MOÇA NAS PRÁTICAS ESCOLARES”

Autor: ALEX BRANCO FRAGA

Resumo:

Esta dissertação trata da forma como se constitui um jeito bem comportado e obediente de ser jovem, que se efetiva nas práticas escolares a partir de um discurso que denominei de *bom-mocismo*. Em uma escola municipal localizada em Cachoeirinha, analiso a forma como esses alunos e alunas vão tornando visíveis em si mesmos normas consideradas verdadeiras, que apontam um modo de vida “correto”. Procuro enfatizar o quanto essa constante sujeição ao lado “bom” da vida conforma profundamente, e de forma desigual, os *corpos* desses meninos e meninas. Algo que se materializa nos gestos, nas falas e nas diferentes ações cotidianas. Dando forma ao *bom-moço* e à *boa-moça*.

Amostra 09:

Título: “ROMPENDO FRONTEIRAS DE GÊNERO: MARIAS (E) HOMENS NA EDUCAÇÃO FÍSICA”

Autora: HELENA ALTMANN

Resumo:

Com o objetivo de compreender como meninas e meninos constroem as relações de gênero na EF, foram observadas aulas desta disciplina de quatro turmas de 5ª série, recreios e Jogos Olímpicos Escolares em uma escola municipal de Belo Horizonte, e entrevistados meninas e meninos e a professora. Três categorias se destacaram: a ocupação do espaço físico escolar, as exclusões em jogos esportivos e o cruzamento de fronteiras de gênero e da sexualidade na escola. Os dados mostraram que, por meio do esporte, meninos ocupavam espaços mais amplos que as meninas. No entanto, elas resistiam a esse domínio de diversas maneiras, como a partir de sua cumplicidade com a professora. Exclusões em

jogos esportivos, um dos principais motivos de conflitos entre meninos e meninas nessas aulas, manifestavam-se de maneira polarizada em torno dos sexos. Entretanto, essas exclusões não se restringiam somente ao gênero, mas eram também de habilidade, idade e força. Além disso, havia uma simultaneidade entre ser excluído e excluir-se. Em meio a genereficação de habilidades esportivas, as meninas não representavam um desafio aos meninos, mas uma ameaça. Jogos e brincadeiras intermediavam e legitimavam o relacionamento entre os estudantes, mostrando a circulação informal de representações de gênero e da sexualidade. Enfim, as relações construídas por meninos e meninas eram marcadas pelo simultâneo controle e cruzamento das fronteiras de gênero.

Amostra 10:

Título: “GÊNERO E DANÇA NA ESCOLA NACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS: FRAGMENTOS DE UMA HISTÓRIA”

Autora: ANA JÚLIA PINTO PACHECO

Resumo:

Esta dissertação reflete temas que têm se destacado nas minhas preocupações e produção acadêmicas, especialmente decorridas dos fatos de que a escola por tanto tempo tem desconhecido o corpo, tem negado o prazer e tem esquecido a dança. Neste sentido, a ‘descorporalização’ da escola, a desportivização da educação física, o sexismo, a sedentarização e a elitização de conteúdos da cultura corporal, têm construído para o afastamento da dança no cotidiano escolar. No entanto, dentro deste contexto, o gênero é um aspecto que se sobressai por possibilitar a compreensão acerca dos processos de estereotipia na educação, mais precisamente na educação física e na dança, posto que a última continua fortemente identificada como atividade física feminina. Contudo, quando tratamos de uma questão pontual, como a relação entre educação física e dança dentro da perspectiva de gênero, são bastante escassos os textos que neste assunto se aprofundam. Além disso, maiores lacunas são encontradas no que se refere a pesquisas que analisam historicamente o tema. Destarte, a investida concentrou-se nesse território compartilhado, ou seja, a historicidade das relações de gênero na educação física/dança. Assim sendo, foi escolhida como *locus* privilegiado para investigação a Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD) da Universidade do Brasil (UB), transformada em 1968, na Escola de Educação Física e Desportos (EEFD) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A decisão de deter-me na ENEFD/EEFD, baseia-se no inegável papel de propagação de idéias que a primeira exerceu sobre a educação física e, portanto, sobre o ensino da dança no país. Para efeito de delimitação da pesquisa, foi analisado o período de 1939 – 1970, pois no final da década de 60 houve a introdução de aulas de dança para as turmas masculinas, sob a denominação de Rítmica. No trabalho, foram utilizadas fontes escritas (primárias e secundárias) e orais, que se referissem às questões de gênero e às atividades de dança na instituição enfocada. A partir da análise realizada pude depreender que: (a) desde o primeiro ano de funcionamento da ENEFD se apresentava a preocupação com uma prática de exercícios físicos adequados às características femininas; (b) neste contexto, o discurso médico-biológico se sobressai determinando possibilidades e restrições para as mulheres; (c) a dança recebe destaque por ser considerada uma das

atividades mais 'naturais' para as meninas/mulheres; (d) a aceitação obtida pelas atividades de dança da ENEFD ultrapassava o âmbito da educação física, havendo também o reconhecimento da área artística; (e) a especialização/pós-graduação em ginástica rítmica/dança alcançou penetrabilidade na educação física brasileira através da formação de professoras divulgadoras e multiplicadoras; (f) a trajetória pessoal da professora Maria Helena Pabst de Sá Earp se confunde com a história da dança na ENEFD; (g) o rompimento da identificação dança-mulher se evidencia, ao longo da década de 60, quando os homens começam a se envolver nesta atividade; (h) o fato de homens dançarem pode não ter representado a superação de preconceitos sexistas e homofóbicos; (i) os limites masculinos (oficiais) parecem ter sido rompidos mais facilmente que os femininos, provavelmente, por terem origem apenas em valores culturais/morais, não havendo uma argumentação consistente e científica que os justificassem.

Amostra 11:

Título: “MENINOS, À MARCHA! MENINAS, À SOMBRA! A HISTÓRIA DO ENSINO DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM BELO HORIZONTE (1987-1994)”

Autor: Eustáquia Salvadora de Sousa

Resumo:

A história do ensino da Educação Física, em Belo Horizonte – de 1897 a 1994 – considerou os contextos mineiro e brasileiro e teve como categoria central de análise as relações de gênero. A compreensão do gênero implicou a inter-relação de símbolos culturais, conceitos normativos, instituições e organizações sociais e da identidade subjetiva dos sujeitos masculinos e femininos. Tendo os credos e as classes sociais como fatores que interferem nas relações de gênero, o estudo contemplou quatro escolas públicas de 1º e 2º Graus e três particulares, sendo duas católicas e uma metodista. Contemplou, ainda, uma escola de Educação Física, buscando compreender as relações de gênero no ensino para o ensino da Educação Física. Os documentos escritos, orais e iconográficos revelaram que a escola vem mantendo a separação e a hierarquização entre homens e mulheres, através de diferentes mecanismos. E a Educação Física – ao determinar turmas separadas por sexo, conteúdos diferenciados para homens e mulheres, professor para alunos e professora para alunas e ao caracterizar sexualmente os gestos, entre outras normas – explicita valores sacralizados pelo patrimônio cultural da nossa sociedade. Tais valores são articulados e orientados por um sistema de instituições e organizações o qual inclui, especialmente, o Estado, a Medicina, o Exército, a Igreja Católica, a Família e a Indústria cultural. A ação pedagógica da Educação Física, contribuindo para a coisificação do corpo, participa da construção social dos sujeitos masculinos e femininos e da castração do sentido de totalidade corpo dos sujeitos – homens e mulheres. A história construída, ao mesmo tempo que mostra sinais de perpetuação das relações de gênero hierarquizadas, com dominação masculina, revela, também, lentas mudanças, nessas mesmas relações, e, ainda, as resistências por elas geradas.

Amostra 12:

Título: “A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA MULHER BRASILEIRA NA ATIVIDADE FÍSICO-DESPORTIVA: DA SEGREGAÇÃO À DEMOCRATIZAÇÃO”

Autor: LUDMILA MOURÃO BOCCARDO

Resumo:

O objetivo deste estudo, no quadro teórico-metodológico das representações sociais, na linha europeia dessa abordagem, é descrever a significação das representações nucleares e periféricas associadas à mulher brasileira nas atividades físico-desportivas a partir de 1870, época que se caracteriza pela tendência a excluí-la dessas atividades, até 1950, quando se verifica um processo generalizado de democratização de seu acesso ao campo esportivo, que culmina com a primeira Olimpíada Feminina, ocorrida no Rio de Janeiro. Lançando mão de várias abordagens metodológicas, o estudo considera: a) depoimentos de intelectuais brasileiros médicos, juristas e educadores envolvidos com a temática mulher e esporte, no último quarto do século passado e primeiro deste século (Nisia Floresta, João da Matta Machado, Rui Barbosa, Fernando de Azevedo, Orlando Rangel Sobrinho e Afrânio Peixoto); b) técnicas de entrevista semi-estruturada com informantes de elite, que se constituem em ícones do processo de emancipação da mulher brasileira no/através do esporte: Maria Lenk, Yara Vaz, Aída dos Santos e Roselee Viana Ribeiro); e c) documentos da mídia, sobretudo a respeito dos Jogos da Primavera, Olimpíada Feminina organizada pelo *Jornal dos Sports* de 1949 a 1972. Os diferentes materiais são analisados e interpretados com suporte nos pressupostos teóricos da análise do conteúdo e do discurso, levando em conta algumas categorias fundantes da teoria das representações sociais, sobretudo das formulações de Abric e de Sá, relacionadas aos sistemas nuclear e periférico das representações. Os resultados indicam algumas mudanças expressivas no processo de emancipação da mulher no esporte, associadas ao sistema periférico. As evidências apontam para liberação crescente da prática esportiva feminina: maior mobilidade da mulher no campo esportivo, diminuição das restrições à prática de modalidades esportivas consideradas masculinas, diminuição do controle da família e do contexto micro-social sobre a escolha esportiva. Por outro lado, resistem mais firmemente as representações sociais nucleares: o espaço esportivo continua sendo concebido como típico do homem, que domina a cena esportiva em termos de cargos, honrarias, prestígio na mídia, patrocínio e retorno financeiro. Conclui-se que o processo de emancipação da mulher brasileira na prática do esporte, encorajado por algumas mulheres-ícones, vem se dando de modo não confrontativo, configurando um mecanismo de ocupação de espaço de forma não violenta, com estratégias eficazes em termos de prática, e menos eficazes em termos das representações. Comprova-se que as mulheres esportistas continuam a arcar com o ônus das avaliações negativas e restritivas, associadas à troca do espaço privado pelo espaço público no esporte. A tese fornece evidência positiva para a hipótese de que as representações e as práticas associadas a um mesmo campo simbólico, embora dinamicamente diferentes, engendram-se reciprocamente.

Amostra 13:

Título: “BELA, MATERNAL E FEMININA – IMAGENS DA MULHER NA REVISTA EDUCAÇÃO PHYSICA”

Autor: Silvana Vilodre Goellner

Resumo:

Este texto diz sobre diferentes imagens do corpo da mulher. Diz, mais particularmente, sobre as práticas corporais e esportivas e a visibilidade do corpo feminino no início deste século. Diz de algumas modificações políticas, econômicas e culturais da sociedade brasileira deste tempo, cujas conseqüências, ao mesmo tempo que possibilitam a exibição do corpo feminino promovem, também, estratégias para seu ocultamento. Diz sobre três temas específicos: beleza, maternidade e feminilidade. Essa pesquisa busca mostrar imagens da mulher presentes no primeiro periódico específico da Educação Física – a Revista Educação Física – publicada entre 1932 e 1945.